

LEVANTAMENTO DE PARTICIPAÇÕES NO FÓRUM

Jessica Clementino da Costa

Monitora

Fórum de discussões do Tópico 1	1
Tema 1: O argumento externo e o argumento interno: relações e implicaturas (subtema: papéis temáticos)2	
Tema 2: definindo o sujeito segundo as gramáticas tradicionais: problematização	30
Tema 3: A predicação verbal e outras formas de predicação	47
Tema 4: Verbos sem argumentos e sujeito expletivo (subtema: complementos X adjuntos)	60
Tema 5: Discussões sobre o texto de Borges: uma discussão sobre tipologia e nomenclaturas	69
Tema 6: valência dos verbos e papéis temáticos	77
Tema 7: As definições funcionais de sujeito - o sujeito lógico, gramatical e psicológico: discussões e problematizações	80

Fórum de discussões do Tópico 1

Tema 1: O argumento externo e o argumento interno: relações e implicaturas (subtema: papéis temáticos)

As postagens que se enquadram nesse tema, em geral, versam sobre argumentos internos e argumentos externos dos verbos. Percebe-se que muitos alunos deram muita ênfase na relação de “importância” entre um e outro argumento. Além de intuïrem questões pertinentes como a ligação de irmandade que se dá entre núcleo do sintagma verbal e argumento interno e a relação de dominância entre argumento externo e núcleo.

“Só pra iniciar um tópico nesta discussão gostaria de propor uma questão que AINDA não foi esclarecida em sala de aula, que é: porque o argumento a esquerda do verbo - usualmente o "sujeito" - é chamado de externo e os demais - normalmente a direita - internos? Pensei a princípio ser uma questão de expletividade, o externo sendo mais importante que os internos, mas rechacei a hipótese, pois os argumentos chamados internos não me parecem "acessorios" ou desnecessarios, pois alguns verbos pedem tanto o primeiro como os demais argumentos. Em seguida pensei em uma referência a um elemento extra-textual feita pelo argumento externo e uma referência apenas textual feita pelos internos; mas igualmente desconsidereï, pois lembrei que isso implica em uma categoria chamada dêiticos, que são aqueles termos que "apontam" para um elemento do mundo "real" ou extra-textual. Enfim, não cheguei a uma boa conclusão sobre o assunto, e espero que este tópico sirva apenas de início para uma discussão que pode enveredar por outros rumos. Achei interessante discutir este assunto antes que a professora o explica-se para gerar hipóteses que nos aproximem da resposta "correta".”

Felipe Campos de Azevedo - Turma 111

“Em relação a sua primeira hipótese, eu penso o contrário. Ao meu ver os argumentos internos seriam mais importantes, por isso mais intrínsecos ao predicado. Na frase "João deu uma rosa para Maria", se a gente diz só "João deu" fica extremamente incompleto, enquanto "deu uma rosa pra Maria" é bem mais compreensível.

Algo que eu pensei é que talvez a omissão do argumento externo não seja algo que mude a valência, porque ele fica de certa forma subentendido, enquanto a ausência de um argumento interno causa tanto uma mudança semântica quanto de valência. Por exemplo "dar uma rosa pra Maria" x "dar um show" “

José Eduardo da Silva - Turma 111

“José,

A princípio pensei na superioridade dos argumentos externos, mas eu mesmo disse que refutei essa hipótese, e condordo com a sua resposta, pois me parece mesmo que os argumentos internos sejam mais imprescindíveis, como na frase "João deu uma rosa para Maria". Me parece também mais compreensível dizer "deu a rosa pra Maria" do que "João deu", mas o verbo pede tanto "João" como "uma rosa pra Maria", ou seja, tanto o externo como o interno são necessários, se o sujeito não está implícito.”

Felipe Campos de Azevedo - Turma 111

Felipe, ontem eu também fiquei pensando nessa questão. De maneira simplista, o que refleti foi o seguinte:

Pelo que entendi, o "sujeito", usualmente à esquerda do verbo, não é "inerente" ao verbo. Ele tem suas características próprias de produtor da ação, fonte, não tem ligação "obrigatória" com tal verbo. Ele pode se relacionar com qualquer outro verbo. Já os argumentos internos são "pedidos" pelo verbo em questão. Semanticamente, eles conseguem se encaixar naquela categoria. Já o sujeito, pode se encaixar, claro, mas também combina com outros.

Vou tentar exemplificar o que eu disse:

João derrubou o copo.

"João" pode combinar com o verbo "derrubar", como também pode com o "cair", "bater", "chutar", "morrer", "fazer", "ir"... Portanto, é externo.

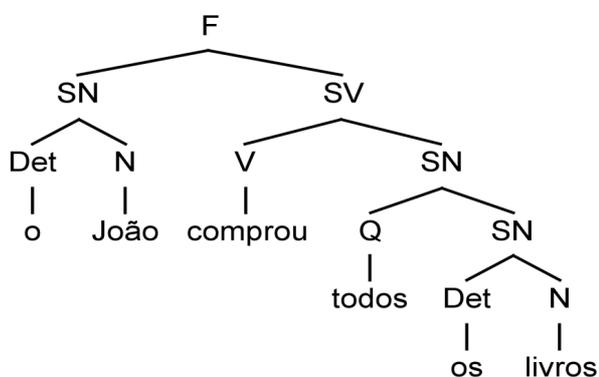
Já o "derrubou" pede especificamente algum complemento. "O que?" "O copo".

"O copo" não combina com o verbo "ir", por exemplo. "Ir o copo" é uma frase sem sentido. Portanto, "o copo" é argumento interno.

ACHO que é isso.

Paula Lage Fazzio - Turma 111

Acredito que isso seja apenas uma questão de nomenclatura. Não que a questão seja simples, mas como disse a professora na aula passada, o ideal é que falássemos em x, y e z para abstrairmos das nomenclaturas e focarmos no conteúdo. O termo "argumento externo" vem de uma outra teoria da sintaxe descritiva (que ainda não exploramos neste curso) que envolve um **diagrama de árvore**. Encontrei esta definição em um blog: "Um dos dispositivos que permite visualizar a organização da frase em vários níveis e a ligação e dependência entre os vários níveis é a representação num *diagrama de árvore*". O "sujeito" fica então sendo um "argumento externo" porque constitui um sintagma a parte: sintagma nominal (=argumento externo) + sintagma verbal (=predicador + argumentos internos) = frase. Parece até simples demais, já que conseguimos facilmente visualizar a estruturação hierárquica da frase. Mas ela é definitivamente questionável do ponto de vista científico. Conclusão momentânea: "Considera-se que o Sujeito é o **argumento externo**, porque na representação em árvore é projetado do nó frásico como exterior do Sintagma Verbal" [ver no site [http://www.infopedia.pt/\\$argumento-\(linguistica\)](http://www.infopedia.pt/$argumento-(linguistica))] Mas vale continuar a discussão com certeza.



Daniela Souza de Urquidi - Turma 111

"A professora falou sobre isso na aula passada, o que ela disse (que eu entendi) é que um argumento externo seria um argumento que ficaria fora do predicado feito pelo predicador e seus predicados internos. Até esse ponto creio que a questão está ok, mas sei se existe uma hierarquia rígida em que devemos colocar um acima do outro em um nível de importância, será que estou certo? O que vocês acham?"

Thiago Chaves Alexandre - Turma 111

"Olá pessoal!

Na realidade ao predicador (o verbo) cabe a função de determinar tanto os argumentos internos quanto os externos, não vejo essa questão de importância ou superioridade. Os constituintes da

oração se organizam a partir desse núcleo, já que a eles cabem a função de satisfazer as necessidades do núcleo.

Quanto a questão da hierarquia, creio que exista, porém ressalto que não vejo nível de importância. Independente da nomenclatura que usarmos haverá uma ordem/sequência para que se atinja o resultado final. A oração é na realidade o resultado dessa seqüência hierárquica."

Daniel de Queiroz Nunes - Turma 111

"Acho interessante pensar no diagrama de árvore trabalhado nas aulas de Linguística, mas eu preferi pensar esta questão de argumentos como uma fórmula estrutural de Química. O predicador seria o "carbono central" e os argumentos externos e internos se ligariam a ele. Para o argumento externo teríamos uma ligação simples (como se ele tivesse apenas "um elétron na camada de valência"); a capacidade do argumento externo de se combinar termina quando ele encontra um predicador "satisfatório", que preenche a sua "camada de valência". Os argumentos internos seriam como "pontes de hidrogênio", ligando-se e tornando a "molécula" (no caso, a oração) mais forte, sólida, preenchendo os espaços omissos do "carbono central" (predicador). Mas isso não quer dizer que os argumentos internos sejam mais importantes que o argumento externo só porque sua "ligação" é mais difícil de "quebrar".

Por exemplo, quando Duarte fala sobre o predicador nominal (achei essa informação no *blog* do Sergio Ventura), ela usa exemplos como "O cigarro é prejudicial à saúde". O predicador, no caso, é "prejudicial", porque ele é o "mais valente" ("ser" é um verbo que funciona como conectivo, portanto não responde pela projeção da estrutura, mas, como uma "ponte de hidrogênio", une o argumento externo ao predicador e lhe confere o estatuto de "oração"); "cigarro" é o argumento externo e "à saúde" é o argumento interno. Neste caso, não há como dizer que um tem mais importância que o outro, já que, apesar de "Prejudicial à saúde" ser um enunciado possível, não forma uma oração - aqui tomo a definição mais básica de que a oração é um conjunto de sujeito + predicado que se estruturam em torno de um verbo. A formação da oração só acontece quando adicionamos o argumento externo, ou seja, temos um conjunto linguístico de argumentos externos e internos ligados a um predicador. Sem essa estrutura, não temos uma oração, e sim uma frase."

Amanda Bolognini Nascimento - Turma 111

"Eu gostei da explicação da Paula quanto a relação de necessidade entre os constituintes e o porquê do sujeito ser chamado de argumento externo. E essa explicação me fez pensar que o que está em jogo também são os papéis temáticos. O argumento externo assume o papel temático de agente ou experienciador e os argumentos internos são as consequências dessa ação - seja como algo que sofreu a ação (papel de acusativo), foi alvo dela (papel dativo) ou explicitou uma relação de complementação (complemento). Se analisarmos os verbos inacusativos (ou intransitivos), por exemplo, veremos que mesmo na relação gramatical de sujeito, a pessoa ou o objeto da sentença irão assumir o papel temático de paciente. Exemplo: 'Morreram os soldados'.

Por isso acredito que não haja hierarquia entre os argumentos e tampouco uma tábua fixa de que sujeito é sempre arg. externo, pois o que há é uma relação necessária que orbita no valor semântico do predicador. O verbo morrer vai fazer do seu sujeito um paciente porque essa é uma característica do significado desse verbo, pois a ação sofrida não exige a existência de um constituinte com papel temático de agente, mas apenas um de paciente."

Erica Franco Teixeira - Turma 111

"Ao contrário da Daniela, eu creio que não seja uma questão de apenas 'nomenclatura'. O modelo de representação em árvores reflete uma estruturação, que, segundo seus teóricos, reflete o processo abstrato que participa da computação de elementos lexicais em uma estrutura que respeite critérios lógicos e acústico-articulatórios.

Assim, eu também fiquei em dúvida, ao ler os textos pelos quais já passamos no curso, sobre essa atribuição de 'externo/interno' aos argumentos do predicado verbal (e, pelo que sei, a outros tipos de predicador também)... Creio que o que a Paula falou, sobre a relativa autonomia do sujeito (ou talvez devêssemos falar dos papéis temáticos cuja estruturação se faz à esquerda do verbo em português) em relação a seu predicador esteja certo. E isso vai justamente ao encontro do que você, Daniela, disse.

Afinal, a projeção do sintagma nominal que representa o argumento externo na sentença que você expôs se dá justamente em relação ao nó direto da sentença, representando essa autonomia em relação ao sintagma verbal formado pelo predicador e pelo argumento interno (comprova todos os livros). Vemos que, pela característica que a Paula mencionou de o verbo exercer uma espécie de "regência" sobre os tipos de argumento interno, ambos formam uma oração, que é, em termos de projeção, independente do sintagma nominal que constitui o argumento externo. Algo me diz que este forma uma 2ª oração e da combinação das duas temos então a sentença (o que pode ser visto claramente pelos nós da árvore que você apresentou, Daniela; e é por isso que eu discordo de você).

Só não sei se consigo concluir a mesma coisa que você, Erica, quanto a não haver uma relação de necessidade de correspondência entre os termos sujeito e argumento externo. Mas gostaria de saber se o que você disse tem relação com o que Duarte fala sobre os sujeitos dos verbos inacusativos acabarem sendo reanalisados sintaticamente pelos falantes e interpretados como um objeto direto (como se o verbo atribuisse a esses termos um caso acusativo)."

Alexandre de Oliveira Sobreiro - Turma 111

"Diante da questão proposta pelo Felipe, concordo com o Thiago em relação ao argumento externo, sendo este "um argumento que fica fora do predicado". Conforme o esquema mostrado em aula: [Sujeito [argumento]] [Predicado[predicador][argumento][argumento]].

Vejo que algumas respostas dos colegas tratam o sujeito e o argumento externo como equivalentes, colocando isso como apenas uma questão de nomenclatura, assim como o Alexandre discordo disso. O argumento externo possui a relação gramatical de sujeito, mas o sujeito também pode ser um argumento interno, sendo o argumento interno dos predicadores verbais inacusativos.

E essa questão traz a necessidade de definição do sujeito, percebo que é muito complexa a definição dessa relação gramatical. Na escola, eu aprendi a identificar o sujeito como "o termo do qual se fala" para realizar a análise sintática. Depois das leituras vemos que e isso mostra uma confusão entre os níveis de análise. Por isso, vou expor resumidamente a definição de sujeito do Perini para cada nível de análise, que me ajudou para compreender essas relações e níveis: O sujeito se define como o "termos da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado"(definição puramente formal); o elemento que pratica ação (chamado "agente") deve ser identificado a partir de regras semânticas; o elemento do qual se afirma alguma coisa (chamado "tópico") serão objetos da aplicação de um componente "funcional" ou "discursivo", distinto tanto do componente sintático quanto do componente semântico. PERINI, M. A. (1989), *Sintaxe Portuguesa: Metodologia e funções*. São Paulo: Ed. Ática."

Daniele Lopes Freitas - Turma 111

"Pra mim, a questão de argumento externo x argumento interno ficou mais clara quando pensada na relação com o predicador e a posição no predicado, como a professora explicou na última aula.

O que me deixou bem em dúvida foi a diferença dentro dos argumentos internos. Aliás, mais a definição deles. As diferenças entre os papéis temáticos são, até certo ponto, claras. Achei complicado aferir o "caso". "É nominativo porque pode ser substituído por -o, -a", por exemplo. Poder ser substituído por esse ou aquele pronome não me pareceu uma definição. É como se, por exemplo, numa receita de bolo, sugerissem trocar manteiga por margarina. A última substituiu aquela, mas não é, de modo algum, sua definição. (Não que sintaxe seja culinária)."

“Olá colegas,

Também vejo o argumento externo como algo que está fora do predicado feito pelo predador e seus predicados internos. Não acredito que seja uma estrutura hierárquica rígida, pois a língua evolui e sua gramática também; mas lendo o texto de Duarte, 2007, notei que, em geral, o predicado interno é mais significativo na compreensão da oração ou frase, pois o argumento externo, classificado como “sujeito”, pode ser indeterminado, ou seja, sabe-se que existe um argumento externo, mas não podemos identificá-lo; daí os argumentos internos concordarem com o verbo (sendo ele o predador) ou com outro predador (nominal ou complexo).

Quanto às definições de complementos (relativo, circunstancial) não ficaram bastante claras para mim, pois são justamente definições parecidas com estas que eu não conseguia entender no colégio :/”

Dayana Cristina Domingos da Silva - Turma 111

“Eu encontrei o que vocês verão a seguir no site Ciberdúvidas da Língua Portuguesa <<<http://www.ciberduvidas.pt/resposta.php?id=25307>>> Acesso em 23/03.

Argumento

«[...] expressões que identificam as entidades a que se aplica uma propriedade ou entre as quais é estabelecida uma relação.»

Argumento externo

«[...] aquele que se realiza tipicamente fora do sintagma de que o predicado é núcleo, ou seja, é o argumento que se realiza geralmente como sujeito.»

Argumento interno

«Os argumentos internos de um predicado são [...] aqueles que se realizam dentro do sintagma referido, como complementos do predicado.»

Joice Rodrigues - Turma 111

“Joice

Nas definições que você trouxe, entendo por argumento externo da mesma forma, como comentei acima, em que este realiza a relação gramatical de sujeito, porém o argumento interno não é tão simples defini-lo como um o argumento que se realiza dentro do predicado, pois o argumento interno também realiza a relação gramatical de sujeito, como nas orações com verbos inacusativos e orações passivas.”

Daniele Lopes Freitas - Turma 111

“Assim como a Dayana, acredito que os argumentos externos possam estar ocultos na oração. Se pensarmos do ponto de vista morfológico, o verbo apresenta embutido nele a marcação do sujeito, ou seja, ele possui uma determinada marcação de pessoa, tempo e finitude. O que poderia supor que o argumento externo representaria um argumento até “redundante”, pois se pensarmos na frase “O João derrubou o copo”, se o sujeito for omitido [O João] teríamos [Derrubou o copo], a primeira pergunta seria “Quem?”, pela marcação de 3ª p. sing. já suporíamos que é um ELE. No entanto, em “Choveu” não precisamos perguntar “Quem choveu?”, ou ainda, “A chuva choveu”, já sabemos de antemão quem é o “sujeito” (se é que posso chamá-lo assim) da oração. Por isso, acredito que o argumento interno seja mais significativo para a compreensão da oração.”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“Interessante a questão colocada pela Marian: concordo que para classificar os argumentos usar a substituição por esse ou aquele pronome não nos dá uma definição, mas devemos lembrar

que vimos em aula outras características que, aliadas ao caso, formam uma definição mais lógica para os argumentos. O OD, por exemplo, é um termo não regido por preposição e que tem papel semântico de paciente ou tema. Para mim, facilitava pensar em todas as características para diferenciar.

E Dayana, também não ficou muito claro para mim a diferença entre complemento relativo e circunstancial. Ou melhor, o circunstancial, pela relação que fazemos com o advérbio, até faz sentido, a própria palavra circunstância nos diz algo sobre o que é um complemento circunstancial, mas o relativo eu não compreendi.”

Gisele da Silva - Turma 111

“lendo a reflexão da Marian, eu lembrei que as substituições por pronomes não é uma regra, mas um teste sintático, assim como podemos fazer teste de pares mínimos em fonologia. e quanto a substituição, pelo que entendi, o pronome (o, a) não substitui o nominativo, mas o acusativo (O.D) e o 'lhe' substitui os dativos (O.I). o que substitui o nominativos são os pronomes retos (eu, tu, ele...). mas isso eu posso estar enganada, mas foi o que eu vi nas minhas anotações da aula do dia 21/03.”

Erica Franco Teixeira - Turma 111

“Analisando frases dadas em sala:

1) Distrito emagrece as comarcas. Neste caso o argumento externo “distrito” é sujeito ativo e “as comarcas” argumento externo passivo.

2) Distrito emagrece. Aqui temos ambiguidade, não sabemos se o distrito está emagrecendo (reduzindo ou se os habitantes estão mais magros).

3) Distrito emagrece nas comarcas. Quando o argumento interno (nas comarcas) vem acrescido à frase, elimina-se a ambiguidade.

Analisando desse modo podemos pensar que o predicador realmente busque definição primeiro no argumento interno.

Em Deus emagrece. Aqui realmente não sabemos se o Deus está emagrecendo (função passiva) ou se o Deus faz emagrecer (função ativa). Depende da interpretação. Se tivéssemos o argumento interno a ambiguidade seria eliminada. Exemplo: Deus emagrece os homens. Nesse caso temos sujeito agente (fonte).

Aquecimento global emagrece baleias. Aqui só existe uma interpretação. Temos o argumento externo “aquecimento global” como sujeito agente, predicador “emagrece” e argumento externo “baleias” (passivo).

Apple emagrece iPods e apresenta novidades para iPhone e iTunes. Aqui o predicador pede um argumento externo ativo(Apple) e um argumento externo passivo(iPods). O contexto apresentado ajuda esclarecer a sintaxe.

Britney Spears emagrece e ninguém nota. Se somente estivesse colocado “Britney Spears emagrece”, teria-se uma indefinição da função passiva ou ativa do verbo. O contexto impede que haja ambiguidade.

Pode-se tirar algumas conclusões:

O argumento interno é importante para a definição ativa ou passiva do predicador,

Depois o contexto (semântica) ajuda a impedir a ambiguidade.”

Debora Valery Ruiz - Turma 111

“Olá pessoal!

Discordo de alguns quando falam que o sujeito seja mais ou menos importante em uma oração. Penso que tudo que está exposto em uma sentença tem seu papel relevante.

Apesar de Duarte separar sujeitos como argumentos externos, creio que não seria tão externos assim, pois o verbo, agora chamado predicador, tem que concordar com o seu sujeito (o agente) em número e pessoa, tanto que não falamos orações como: " Ele quebraram o copo." ou " Ele quebrei o copo."

Desse modo podemos pensar como o predicador está relacionado e coligado com o argumento externo.

Os argumentos internos, no seu papel de paciente da ação(acusativo) ou alvo (dativo) já como foi dito, estão estreitamente ligados com o predicador, de acordo com a sua valência.”

Sueli Rafael - Turma 111

“Olá a todos!

Eu estive pensando sobre a colocação do colega no "tópico livre", sobre a relação entre o verbo e o paciente. Me pareceu também que a oração se constroem em blocos, não sei a metalinguagem para isso, que tem maior relação entre si. Então eu criei alguma hipótese(rs): o verbo já tem em si informações a respeito do agente da oração, flexão verbal, mas não tem informações sobre o paciente da ação. Desta forma, necessitaria manter uma maior ligação com o paciente da ação ao invés do agente. Hipóteses...rs, o que acham??

Bjos”

Mariana Carlos Maria Neto - Turma 113

“Oi Mariana, quando você diz: necessitaria manter uma maior ligação com o paciente está dizendo a respeito da distribuição das palavras na frase, é isso? Se for isso creio que a hipótese seria inválida.

Agora se for uma ligação de sentido, talvez. Mas não acho que o verbo tenha em si informações do agente e do paciente da oração. Essa informação é conseguida pela relação entre os constituintes. Se tivermos, por ex: Maria beijou Pedro

O verbo não contém informação sobre "Maria", pois na inversão o verbo funciona igualmente (Pedro beijou Maria).

Eu diria que cada verbo possui uma "gama de aceitações de casos" (desculpe a ridícula terminologia). Mas não sei se entendi sua hipótese...acho que não, hehehe.”

Felipe Pimenta dos Santos - Turma 113

“Acho que pensar dessa forma faria empobrecer análises sintáticas no que diz respeito aos poemas, afinal as palavras estão em uma complexidade tão grande de sintaxe, semântica e morfologia, que fazer algo do tipo iria tornar fácil uma análise apenas de início, mas se mostraria pouco proveitosa para longas discussões.

A ideia é boa, ainda sim, pensar que existam alguns termos mais utilizados, talvez fazer uma contagem deles e hipóteses possa dar algum tipo de pós-graduação(rs).

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

“Acho pertinente a ideia quanto a ligação de sentidos. Acredito que o verbo necessita de complementos para criar um sentido na língua, no caso, no português. Quando você diz: "Maria beijou Pedro", de fato não contém a informação sobre "Maria", mas este verbo necessita de um complemento de agente, no caso "Maria", e subsequente de um paciente, "Pedro". Na inversão percebemos o mesmo sentido, o verbo não deixou de pedir os complementos de agente e de paciente. Parece que existe uma "força de atração" concentrada no verbo, pois sem ele "Maria" e "Pedro" seriam apenas nomes, sem representação de algum fato. Agora, se o verbo aparecer isolado, pode ocorrer uma falta de significação, mas pelo fato de não possuir os seus complementos e não por outra razão.”

Eduardo Santos da Silva - Turma 113

“Faz sentido a explicação das informações sobre os agentes da oração e as flexões, mas não creio que necessariamente o verbo tenha informações sobre o paciente da ação, pois considerando o que os colegas disseram na relação de "Pedro beijou Maria" e a sua inversão o verbo não mantém uma maior ligação com a paciente do que com o agente. A noção de papéis

temáticos é que implica nas relações em si, como há verbos que não precisam de paciente, discordo que os que precisam mantenham uma relação maior com o verbo.

Acho que as relações entre paciente e verbo, bem como agente podem até mudar de acordo com o tempo, uso e evolução da língua.

Estive procurando na rede sobre esse assunto e percebi que é alvo de muitas teorias e suscita várias interpretações.”

Erika Araujo Pereira - Turma 113

“Felipe, acho que o que a Mariana quis dizer é que o verbo já possui ligações sobre a função-sujeito na oração e não sobre o que quer que esteja ocupando esta função. Assim tanto em

(1) Pedro beijou Maria

(2) Maria beijou Pedro

O verbo "beijou" isolado já indica que é praticado por uma 3ª pessoa singular do discurso, enquanto nada sabemos do objeto. O verbo já possui sim informações sobre o sujeito, seja ele a Maria ou o Pedro.

É o que a Érika chamou de vínculo formal entre sujeito e predicador no outro tópico.”

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Concordo plenamente com o Marciano, o verbo já possui sim informações sobre o sujeito, as desinências indica uma 3ª pessoa do singular, apesar do morfema (zero). Talvez os únicos grupos em que não ocorrem essa relação verbo -paciente, seja nos verbos impessoais.”

Marcelo Antoni Enderson Almeida de Oliveira - Turma 113

“Refletindo sobre o assunto, cheguei ao seguinte raciocínio: Em "Pedro beijou Maria" tem-se que o verbo possui, conforme os colegas Marciano e Marcelo postaram, informações sobre o sujeito no plano morfossintático, ou seja, pelas desinências número-pessoais e relações argumentais. No entanto, também acredito que, embora o verbo não possua informações sobre o objeto, possua a necessidade de um complemento paciente, neste caso, “Maria”. Desta forma, o verbo carrega também a informação de que há um complemento paciente em relação ao sujeito, o que não deixa de ser também uma forte relação.

Em frases como: “Pedro chegou.” e “Pedro chegou em casa.”, por exemplo, não temos essa relação Agente/Paciente.

Já com alguns verbos impessoais, a relação parece ser ainda mais forte com o objeto, já que, embora a Gramática Normativa condene a flexão de verbos como haver no sentido de existir ou fazer indicando tempo decorrido por não possuírem sujeito, a fala vernacular “permite” a flexão de acordo com o objeto: Houve boatos (Norma Padrão) / Houveram boatos (Coloquial). Faz dez anos (Norma Padrão) / Fazem dez anos (coloquial)

Bem... assim eu entendi... rrsrsrs”

Wanda Maria Ramos de Almeida - Turma 113

“Pelo que eu entendi, a Mariana apresentou essa linha de raciocínio devido às informações morfossintáticas sobre o sujeito agente que o verbo carrega na sua terminação, pois o verbo não possui também uma marca explícita sobre o paciente. Logo, para suprir essa "falta de informação formal" há uma maior ligação entre o verbo e o objeto paciente.

Considerando a frase "Pedro beijou Maria", acredito que não há uma relação de maior/menor ligação entre predicador e argumentos. Mas, se mudarmos a estrutura linear da frase por "Maria Pedro beijou", uma ligação forte acontece entre predicador e sujeito.”

Natalia Felix Nery Santana - Turma 113

“Relendo tudo pude entender melhor. No caso da inversão para "Maria Pedro beijou" essa relação se dá pela posição dos termos, o que já foi dito antes, tornando o verbo uma forma de entender a relação entre os dois termos anteriores, mas dando margem para uma outra interpretação, que seria de uma pessoa chamada "Maria Pedro" que beijou. Uma ambiguidade válida que muda todo o sentido que o verbo "beijou" exerce, isso na relação entre os termos. daria para pensar que não é o verbo que determina essa relação, mas sim posição dos termos.”

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

“Depois da aula do dia 21 acho que as dúvidas foram sanadas nesse sentido. Mas outra dúvida me surgiu.

Nos casos como "João compartilhou o pão com os pobres" se não podemos chamar "com os pobres" de adjunto, poderíamos pensar em alguma classificação que o colocasse junto ao agente, no caso João, como sendo uma espécie de "co-agente"? Não vejo como no caso de ser parte do predicado, mas um auxiliar do sujeito.”

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

“Acho que "com os pobres" no caso está mais perto da figura de paciente (ou melhor, de receptor) do que de co-agente. Ex

Um rico compartilhou seu dinheiro com os pobres
agente/doador paciente/receptor”

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Eu estava pesquisando uma definição de sujeito no texto da Maria Eugenia Duarte e o que pude entender é que sujeito é o argumento externo do predicador. Mas eu não estava conseguindo definir "argumento externo", e resolvi procurar definição de sujeito na Moderna Gramática Portuguesa do Bechara. Nela encontrei a seguinte frase "O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicador, bem como por responder às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados), *quê?* o *quê?* (aplicado a coisas), feitas antes dos verbos." Associei então que o termo usado é "argumento **externo**" pois o sujeito é o argumento que **precede** um predicador que projete argumento externo. Será que isso faz sentido?”

Gabriela de Souza Morandini - Turma 131

“Bom, pelo que eu entendi em todo o texto, faz sentido. E para mim faz sentido ainda mais pelo fato de que quando falamos sobre 'alguém' ou sobre 'algo', estamos fazendo uma projeção externa ao conteúdo explicitado - algo não ligado ao texto. Quer dizer, ligado mas não diretamente, pois pensando nesse argumento que Maria Eugênia nos dá, podemos dizer que é o texto que se liga ao fator externo e não este que se liga àquele. Utilizando outras palavras, não criamos um objeto a partir das palavras (usando predicados) mas sim usamos as palavras para descrever os objetos.”

Evandro Rodrigues Vicente - Turma 131

“A respeito das inversões, na *Nova gramática do português contemporâneo* é dito que há inversões de ordem estilística e gramatical, e que dentre os fatores responsáveis pela alteração da sequência lógica dos termos a grande responsável é a **ênfase**. Acho que realmente faz sentido. Isso me lembra uma aula de língua italiana em que a professora comentou que em *Chiama me* a ênfase está na pessoa chamada e que em *Mi chiama* a ênfase está na ação, no ato de chamar...”

Larissa Lino Barbosa - Turma 131

“Gabriela,

Acredito que as perguntas para identificar o sujeito ainda são válidas, mesmo que em alguns casos ele não esteja muito claro na oração. Porém, quanto à definição do Bechara sobre posição na oração, creio que os próprios exemplos usados pela professora na última aula desmistificaram isto.

Estava lendo um texto do Gonçalves Magalhães escrito em meados do século XIX que traz diversas "inversões da ordem mais conhecida" dos termos da oração. A saber:

" Devido é isto a causas, que ninguém hoje ignora... (pag. 10)"

" ...e o ardor das feridas sua existência torturam? (pag. 6)"

"Quanto aos índios, esses perseguidos eram... (pag. 5)"

Diante disto, surge uma dúvida pessoal: será que esta inversão de posição dos termos era algo comum na produção do séc. XIX ou se estas formas indicavam maior domínio da língua? Se for o último caso, porque tais inversões/mudanças de posicionamento não são mais tão utilizadas atualmente?

Vamos refletir juntos!!!"

Priscila Aparecida Pinheiro de Sousa - Turma 131

"Olá, Priscila!

Acredito que seria um pouco surreal que as pessoas usassem inversões no cotidiano, mas claro que essa opinião é filtrada pela experiência que temos hoje...de qualquer forma é uma pergunta bem interessante e vou procurar uma resposta talvez na lingüística histórica...

Acho que as inversões são mais um argumento de que a posição não é determinante para localizarmos o sujeito.

Bjs

Carol"

Ana Carol - Turma 131

"Oi, Priscila,

Mesmo que agora não tenho nenhum embasamento teórico para responder a sua pergunta, acredito um dos fatores para a mudança de pred + verbo + suj, comum no séc. XIX, para suj+ verbo + predicado, está de fato no movimento modernista de 22, como por exemplo, a valorização da linguagem coloquial, cujo exemplo mais notório é o poema "Pronominais", de Oswald de Andrade:

Dê-me um cigarro

Diz a gramática

Do professor e do aluno

E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco

Da Nação Brasileira

Dizem todos os dias

Deixa disso camarada

Me dá um cigarro

Como já disse que não tenho por enquanto nada para embase minha hipótese, esse é um só um caminho de leitura...

Abs,"

Renata Guerra Machado - Turma 131

"Até agora, também tenho buscado entender por que o sujeito da oração é o argumento externo e o verbo e os seus complementos a saber: objeto direto, indireto e complemento nominal são os argumentos internos. Sei lá, talvez seja por que o sujeito é o elemento ou o ser que carrega toda informação que o precede e aí, vc tem razão."

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

“Opinião: O argumento interno seria aquele mais intimamente ligado ao predicador. Por exemplo, um verbo como "abrir" seleciona dois argumentos (eu - abrir - a porta). Podemos dizer "abri a porta", sem explicitar o "sujeito", que está, suponho eu, projetado de maneira oculta no sintagma flexional, mas não podemos dizer simplesmente "eu abri". O complemento está mais ligado ao predicador, talvez por isso ele seja denominado "argumento interno", porque não pode ser retirado sem prejuízo da completude da informação.”

Bruna Bassette - Turma 131

“Opinião interessante a sua Bruna. Partindo disto, me parece que esta denominação de "argumento interno" se deva a uma certa relevância de relações: o fato de alguém "abrir" pede imediatamente um complemento a direita, já o complemento a esquerda, numa relação relativa, me parece mais distante.

Diz Cintra: " (sujeito) É o ser sobre o qual se faz uma declaração"

Talvez a declaração seja mais relevante do que o ser.”

Andre de Azevedo - Turma 131

“Talvez, porque a gramática normativa que aprendemos não produziu um resultado satisfatório, e já não é fácil de entendê-la, por isso, quando nos deparamos com o com o conceito argumento externo (sujeito) a confusão aumenta em nossa mente. Mas, se entendi corretamente o texto da profª Maria Eugenia, o predicador é o elemento nuclear da oração, ou seja, "que dá origem a oração" (pág. 2). Então, se este for o verbo, a partir dele identificamos o argumento interno e externo. O interno é o predicado, ou o comentário que fazemos e o externo pode ser o sujeito, ou "o tópico sobre o qual se faz se faz um comentário", por exemplo, O guarda Antonio não sabe usar sua arma. O guarda Antônio: externo; não sabe usar sua arma: interno; e não sabe usar': predicador. Assim temos que, 'sua arma' se realiza por causa de 'não sabe usar', ou seja, esta complementado o predicador, enquanto 'o guarda Antonio' se realiza fora do predicador, pode fazer parte da oração ou não, pois poderíamos ter simplesmente: não sabe usar sua arma, oração sem sujeito (argumento externo), ou ainda, ' Ele não sabe usar sua arma', onde o pronome 'ele' substituiu o primeiro aquele argumento externo, que poderia ser qualquer outro elemento que não faz parte do predicado, por isso, não se realiza com o predicador. Acho que é isto. Também, pesquisei na biblioteca e a Celso Cunha, comenta que o sujeito pode ser representado por um substantivo: "Matilde entendia disso", ou "Os olhos dela estavam seco"; Pronome pessoal: "Esperem que eles as tomem?..."; Pronome demonstrativo: "Isto não lhe oferece animo"; Numeral: "Os dois riam-se satisfeitos."; Palavra ou expressão substantivada: "O por fazer é só com Deus"; Oração substantiva adjetiva: "Era forçoço / que fosse assim". Já, Perini em Nova Gramática od português contemporâneo define sujeito como: "Sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o (NdP)núcleo do predicado. Por fim em casa tenho a Gramática Ilustra de Hildebrado André, que diz que sujeito: "e ser de quem ou de que se diz algo e aquilo que se diz do ser."

Mario Marcio de Almeida Correa - Turma 131

“Pelo que eu entendi, ao analisar uma oração, devemos partir sempre do verbo. Por exemplo:

O menino chutou a bola.

Sujeito: O menino

Predicado: chutou a bola

O verbo está dentro do predicado, logo, o verbo e o seu complemento fazem parte da mesma estrutura, enquanto que o sujeito é um elemento externo ao predicado, ou seja, faz parte de outra estrutura. Por isso, os elementos que acompanham o verbo dentro do predicado são os seus argumentos internos, enquanto o sujeito, que está fora do predicado, é o argumento externo.

Isso é válido para a voz ativa.

Se passarmos a oração para a voz passiva, os argumentos interno e externo continuam os mesmos, apesar da troca de posições:

A bola foi chutada pelo menino.

Nesse caso, a bola continua sendo o argumento interno e o menino continua sendo o argumento externo. Então poderíamos pensar que: nas orações na voz passiva, o argumento externo é sempre o termo agente e o argumento interno é sempre o termo paciente.

Logo, o sujeito não é SEMPRE o argumento externo, pois nas orações na voz passiva ele é o argumento interno.

Não tenho certeza se tudo o que eu disse está certo, mas é o que eu entendi da última aula.

Um caso que eu achei muito curioso foi o da seguinte frase:

O pato morreu.

Essa frase não está na voz passiva, ou seja, é uma oração básica (na voz ativa), mas o sujeito é paciente da ação de "morrer". Creio que nesse caso, o sujeito é o argumento interno do verbo.

Fica minha dúvida: em todos os casos em que o verbo possui um único argumento, este sempre será interno, mesmo que seja sujeito? Ou existe algum caso em que há a ausência de argumentos internos e a existência somente de argumentos externos?"

Mauricio Felipe Clemente - Turma 131

“A relação de “argumento externo” como o sujeito de uma oração e “argumentos internos” como os elementos que acompanham o verbo dentro do predicado já parece que ficou bastante clara, menos nas orações em voz passiva. Sendo assim, num primeiro momento acredito que seja pertinente entender o que é necessário para que uma oração assuma a passividade:

Para que possa ser convertida na voz passiva, uma oração precisa conter “um verbo construído como objeto direto” e, então, assumir as seguintes transformações:

- o objeto direto passa a ser o sujeito da passiva;
- o verbo passa à forma passiva;
- o sujeito converte-se em agente da passiva.

Voltando à frase do Maurício – “A bola foi chutada pelo menino” –, não sei se podemos manter o que foi dito a respeito de os argumentos continuarem em suas posições. Se o “objeto direto” da primeira oração (“a bola” – anteriormente como argumento interno) passa a ser o “sujeito da passiva” na segunda, transforma-se, então, em argumento externo?

Assim sendo não teríamos em nenhuma situação o sujeito como argumento interno?"

Flávia Franchini - Turma 131

“Acredito que o que ficou esclarecido da última aula é que o argumento externo sempre será sujeito, mas o sujeito pode ser argumento interno.

Um exemplo da aula, "Chegaram as encomendas": 'as encomendas' não está no acusativo, portanto, como argumento interno, só pode exercer a função de sujeito > "as encomendas chegaram".

Em outro exemplo de classe: "Os patinhos morreram", em que ocorre a mesma coisa, me parece; sendo argumentos internos, não cumprem o papel de alvo, objeto direto ou indireto, por exemplo, se aplicamos o tira-teima do pronome **morreram-nos*.

No entanto, uma coisa me escapa: se o que digo está correto, por que exatamente esses sujeitos pacientes são argumentos internos? seria justamente por serem pacientes, compondo o predicado?"

Raul Barbosa Dias de Lima - Turma 131

“Creio que seja isso mesmo, Raul: mesmo sendo os sujeitos da frase, os argumentos internos continuam sendo argumentos internos, pois são projetados pelo predicador, ou seja, por mais que mude a função sintática (da GT que a gnt conhece), o papel temático não se altera.”

Karina Oliveira - Turma 131

“Acho interessante como as aulas vão esclarecendo todas essas dúvidas, acredito que todos nós fazemos confusão quanto a denominações que aprendemos na GT.

Pelo menos ficou claro uma coisa, aliás, importantíssima: o sujeito sempre é o argumento externo (e, particularmente, acho que esse 'sempre' ajuda bastante a já compreender uma das classificações), o argumento interno também pode ser o sujeito, certo?

Sobre isso eu também ainda fiquei com dúvida. Exatamente quando o sujeito é o argumento interno, alguém poderia me ajudar?”

Thais de Oliveira Bernardes - Turma 131

“É verdade; ter uma regra clara do tipo "o argumento externo é sempre sujeito" facilita o entendimento.

Quanto à situação em que o argumento interno pode ser o sujeito, pelo que eu me lembro, é a voz passiva. O argumento que na voz ativa era, por exemplo, objeto direto (argumento interno), passa a ser o sujeito da oração quando esta é passada para a voz passiva.

Se não me engano, a professora disse que preferia então chamá-lo de "argumento interno no papel de sujeito", ao invés de passar a chamá-lo de "argumento externo", o que poderia criar confusão.

Não tenho certeza se é isso mesmo. Por favor, corrijam qualquer engano.”

Marcella Budiski da Silva - Turma 131

“O sujeito é, teoricamente, o argumento externo, o que não quer dizer que ele não possa, em algumas circunstâncias, ser o argumento interno que age como sujeito. Para não confundir, ela deve ter falado que é o "argumento interno do sujeito". Para mim, fica mais claro falar que é o externo, mesmo quando "invade" o interno deixando o "posto" do externo sem "ninguém".

Nas situações em que ele age como interno, seria nos casos de verbos no sentido de existir? Porque isso requer a resposta no objeto direto/indireto como sujeito?”

Raquel Akemi Nakano - Turma 131

“As discussões acima e a última aula da professora Maria Clara foram levantadas muitas questões sobre os argumentos internos e externos, tais como:

- Nem todo argumento vai ser classificado como complemento do verbo
- A noção de complemento relativo e circunstancial
- Quando um argumento interno pode ser sujeito?
- A ideia de que os pronomes são resquícios de "caso" no português.
- Verbos inacusativos

Confesso que demorei a entender alguns problemas da nomenclatura. No primeiro momento não ficou muito claro a distinção proposta por alguns gramáticos entre complemento relativo-objeto indireto.

Além disso, achei muito interessante a forma como foi analisada a possibilidade do argumento interno ser sujeito e que os pronomes pudessem remeter aos casos nominativo, acusativo e dativo. Nunca tinha pensado nisso até assistir a aula.

Gabriella Oliveira Lima - Turma 111

“Concordo com o que colegas já mencionaram acima. Mas a discussão sobre a importância dos argumentos me parece irrelevante, pois a própria existência do argumento é a justificativa de sua importância. Mesmo quando oculto (no caso do argumento externo); ele está presente

implicitamente. O fato de não estar materializado não significa que não existe ou que seja dispensável.”

Aline de Oliveira Santana - Turma 111

"O fato de não estar materializado não significa que não existe ou que seja dispensável."

“Eu não concordo 100% com essa sua afirmação, Aline, porque ao meu ver se ele não está presente é porque é dispensável. Quando você menciona o argumento externo e diz que ele está presente implicitamente, acredito que você está se referindo a frases do tipo "fiz a lição" ou "roubaram a loja" nas quais sabemos que à um argumento externo agente "eu" e "eles" respectivamente. A jogada é que você só deduz isso pelo verbo, e eu me lembro de uma aula de linguística que tive ano passado na qual o professor mencionou como o português é por vezes redundante. Se eu digo "eles foram no jogo" o plural está marcado tanto no "eles" quanto em "foram", por isso quando dizemos "eles foi no jogo", apesar de estar errado na norma culta, é compreensível porque já há uma marcação de plural.

Resumindo, se o argumento externo não está presente, podemos presumi-lo pelo nosso conhecimento do português que nos diz que no verbo há uma desinência que nos indica a pessoa. Então a questão a se fazer é se a própria desinência pode ser considerada a materialização do sujeito, e portanto argumento externo, ainda que o próprio pronome que representaria tal argumento esteja ausente.”

José Eduardo da Silva - Turma 111

“A discussão sobre a importância dos argumentos não é de maneira alguma irrelevante, mas concordo com alguns quanto a não encontrar uma importância maior ou menor entre os argumentos internos e externos, ou que os argumentos internos sejam mais relevantes ou imprescindíveis.

Segundo entendi, uma oração é uma estrutura fechada, cujos elementos que a constituem se reorganizam de acordo com cada situação. Se há algum papel de destaque, este é do predicador. É ele que reorganiza os elementos de uma oração, graças a sua valência. Se um sujeito vai ser ou não explicitado, se vai ser ou não necessário, se vai haver ou não argumentos internos, ou se em determinada oração podemos prescindir de um ou de outro, até mesmo dos dois, tudo será por conta do predicador.

A definição de Duarte para oração poderia nos ajudar quanto aos papéis um uma possível hierarquização dos argumentos:

" [uma oração] contém dois termos fundamentais: o predicado, o constituinte ou sequência de constituintes formado pelo predicador e pelo(s) argumento (s) interno(s), e o sujeito, o constituinte que satura o predicado ou, por outras palavras, o argumento externo do predicador"

Mas o que ela quis dizer com; o sujeito é o " constituinte que satura o predicado?"

O que é saturar um predicado?"

Thiago Teixeira Lopes - Turma 111

“[Antes de mais nada, meus caros, me desculpem, mas um pequeno virus - bugbear - me impede de usar acentos]

Apesar de não gostar nem um pouco de química, gostei bastante da explicação da Amanda Bolognini. Acho que exemplificou bem como as relações se dão dentro de uma frase.

Quando a sua pergunta, Thiago, apoiado no comentário supracitado, "saturar" significa exatamente "Ocupar todas as valências de um átomo". Se eu fosse tentar colocar isso em termos mais "da letras" (aproveitando pra fugir da química rs), diria que o sujeito "completa", "satisfaz" o predicado. Dentro do predicador, de acordo com essa explicação da Duarte que você citou, já temos os argumentos internos; portanto, para tornar esse elemento "pleno de sentido", fica faltando apenas o sujeito, e aí sim temos uma oração completa, "saturada".”

“A definição de argumento em Ataliba T. de Castilho, na Nova Gramática do Português Brasileiro, é a seguinte: "Argumento sentencial - constituinte da sentença* selecionado pelo verbo ou outro predicador*, no processo da predicação. O argumento sentencial pode ser externo, ou sujeito*, quando situado fora do sintagma* verbal, ou interno, ou complemento*, quando situado no interior do sintagma verbal." Partindo dessa definição, percebe-se que o fato de ser externo não o torna mais ou menos importante, apenas deu-se essa definição em razão de se estar analisando o sintagma verbal numa sentença, e não o nominal ou qualquer outro.”

Mauricio Marcos Abambre - Turma 111

“Bom, pelo que eu tentei concluir, argumento externo é algo mais variável, talvez mais independente do verbo, ou predicador. Por sua vez, o argumento interno é mais ligado ao verbo, é mais como uma exigência dele. Por exemplo:

Ele deu o dinheiro aos pobres

Ela deu dinheiro aos pobres

Maria deu dinheiro aos pobres

Deu o dinheiro aos pobres. (O "Ele" inicial pode ser tanto substituído por qualquer sujeito de marca + agentivo, como também oculto. Isso faz o sujeito um argumento mais independente, logo, externo.)

Ele deu.

Ela deu.

Maria deu.

Deu. (A falta de complemento para o "dar" deixa a frase incompleta e sem sentido. A necessidade de existir algo para complementar o sentido do verbo faz um argumento interno.)

Bom, isso é pelo que eu entendi até agora... desculpem se foi bobagem, vou ver se encontro algo mais. E é claro que tem várias outras situações além dessa, com predicadores nominais, ou verbais com menos valências... que não sei se continua funcionando.”

Beatriz Marina Agnelli - Turma 111

“Consigno me lembrar perfeitamente da aula de gramática em que meu professor falou sobre os "acessórios", ele escreveu uma frase na lousa e até fez uma comparação entre os brincos e os que seriam os acessórios em uma frase tudo pareceu claro, mas se os termos podem ser dispensados então porque existem? Acho que um termo não vai ser mais relevante que o outro o que esta em jogo é o tipo de relação que ele estabelece com os demais. Não ficou claro pra mim que existem relações mais relevantes. Refletindo sobre essa questão pensei em como o fato de existirem termos acessórios lida como a questão da economia linguística. Onde estaria a economia em usar termos dispensáveis?”

Raissa Rafael e Silva - Turma 111

“Concordo com os colegas que afirmam não haver um termo mais ou menos importante na oração. Todos são relevantes para a estruturação da oração e de seu significado. Pode-se observar que o argumento interno, conforme já citado, parece ser mais rigidamente ligado ao predicador, enquanto o argumento externo, apesar de ter que concordar com o predicador, torna-se por vezes mais livre, podendo até ser oculto. O fato de podermos implicitar ou não o argumento externo, não o torna menos importante, pois apesar de muitas vezes parecer oculto podemos identificá-lo através do predicador, é algo que mesmo na ausência mostra sua presença.

O que ainda não consegui concluir é se o predicador, neste caso o verbo, é que deixa suas marcas no sujeito (argumento externo), ou se é o sujeito que deixa suas marcas no verbo.”

Sandra,

Acredito que o sujeito deixa suas marcas no verbo. Ficaria mais claro se tentasse projetar uma árvore para a concordância entre os dois. Haverá um marcador T (Tense), que representa justamente a concordância entre o sujeito e o verbo.

Em "Nós gostamos de chocolate", teremos um SN (sintagma nominal) [Nós], um T (tempo) [amos] marcando 1ª plural presente, V (verbo) [gost] e SP (sintagma preposicional) [de chocolate].*

*é apenas uma simplificação do que poderia ser uma árvore estrutural.

Desse modo, o T concordará com o SN e projetará essa concordância em forma de desinência no verbo. Acho que é assim e espero ter sido clara."

Aline de Lima Benevides - Turma 111

Aline,

Seu comentário sobre o sujeito deixar marcas no verbo, me fez pensar:

Existe uma "harmonia" entre sujeito e verbo. Veja, o sujeito é o assunto da oração, é a quem o verbo faz referência, logo, estão ligados e precisam estar em harmonia (em concordância).

Exemplo: Surgiu, durante o século XX, vários estudos sobre a mulher.

Sujeito: vários estudos sobre a mulher

Núcleo: estudos

Esta construção está errada, pois como é necessário a harmonia entre o verbo e o sujeito, o correto seria:

Surgiram, durante o século XX, vários estudos sobre a mulher.

Não há como deixar de ligar os dois. Sabemos que existem várias regras de concordâncias para o sujeito, mas se formos analisá-las veremos que foi o verbo que nos deu a direção. Logo, o verbo deixa realmente suas marcas no sujeito."

Debora Valery Rui - Turma 111

"Mas nesse último caso, Debora, pelo que entendo, temos que considerar, antes de tudo, a questão lógico-perfomática enquanto atividade exercida factualmente. Para mim, a questão se apresenta da seguinte forma: a ação, da ordem que for, é exercida pelo sujeito, até o próprio surgimento. Embora, na frase que você citou ("Surgiram, durante o século XX, vários estudos sobre a mulher"), o verbo apareça sincronicamente na frente da frase, e até mesmo sua semântica indique que foi necessário que surgissem (os estudos) para que eles passassem a ser, a própria patência da existência e actância do sujeito se dá conforme sua possibilidade intrínseca ou latente de passar a ser. O que quero dizer é que, analisando uma frase de forma puramente sintática (ou formal), um predicador pode muito bem aparentar ser o determinante de concordância, no entanto, verificando a frase conforme uma superestrutura de necessidade e verossimilhança, o ato é sempre performado, ainda que o sujeito não seja evidente ou dê a impressão de somente consecutivo à ação; assim, se há a antecedência daquele que o performa, ou que pelo ato é performado (1) temos que aceitar que é este que deixa marcas no verbo.

E.g. em "O bolo foi feito por mim", há a atualização de elementos pré-existentes ao bolo que possibilitou a sua existência; desta forma, todo sujeito, agente ou paciente, seria um constante devir (um tornar ou um tornar-se), que regeria a ação que faz ou recebe, nas ordens sintática e real."

Pedro Barbieri Antune - Turma 111

"Olá a todos.

Concordo com a Sandra. Pelo o que entendi, não existe uma diferença de grau de importância entre os argumentos internos e externos, mas está claro que existe uma relação de dependência

maior do argumento interno para com o predicador, enquanto o argumento externo teria uma relação de menor dependência, tanto que muitas vezes o argumento externo é omitido, e é muitas vezes redundante no texto. O argumento externo cumpre seu papel marcando o predicador, pois pelo o que entendi é o sujeito que é responsável pela conjugação do verbo. E mesmo no caso de um predicador não verbal, é o sujeito que concorda com o predicador nominal, se é que posso classificá-lo assim.”

Edelson Carvalho Gomes - Turma 111

“Encontrei um trecho interessante sobre a definição de argumento externo no Ataliba de Castilho (Nova gramática do português brasileiro, Ed. Contexto, 2010), item 6.4.1, p. 262-3. Vale a pena dar um olhada. Beeeem resumidamente, a ideia de argumento externo surge a partir da teoria da valência e depois é desenvolvida pela gramática gerativa: “[...] A teoria da valência estendeu o campo antes reservado à transitividade, incluindo aí também o argumento externo, ou seja, o sujeito [...] A teoria da valência repôs na ordem do dia a percepção da gramática clássica sobre a dupla direção do movimento predicador: para a esquerda, predicando o sujeito, para a direita, predicando os argumentos internos. Naquele momento da reflexão gramatical no Ocidente, tinha-se observado que a sentença abriga relações assimétricas [...] A gramática gerativa integrou a velha transitividade e a valência entre os princípios gerais das línguas do mundo, cuja aplicação parametrizada especifica o que há de comum e o que há de diferente entre elas. Assim, uma dada expressão tem a propriedade de selecionar outras expressões organizando uma estrutura sintática [...]”

Betina Leme - Turma 111

“Concordo com a Aline de Oliveira Santana disse: não é porque um elemento é vazio (não realizado, na prática, oculto) que ele é menos importante pra estrutura de uma sentença. Afinal, existe uma necessidade argumental envolvida (prosaicamente isso fica claro pelas perguntas que nos fazemos ao estar diante de predicadores, como "quem?"; "o quê?"; "pra quem?" etc.).

Há línguas, e pra variar trago como exemplo o inglês, em que os sujeitos (a expressão a que mais comumente corresponde o argumento externo, dado semanticamente) não podem ser vazios. Lembrem-se que as estruturas sintáticas (e seus modelos representativos, como o diagrama de árvore) apresentadas estão de acordo/comprometidas com o pressuposto de uma Gramática Universal. A posição vazia do argumento externo, mesmo que não ocupada, redundantemente como é no português, por morfologia e não realizada foneticamente, é sim relevante para nossa interpretação do português. Ela consta, segundo a teoria adotada, no nosso módulo mental da linguagem, quando a produzimos ou a interpretamos. E com esse módulo, José Eduardo, eu me refiro justamente ao nosso 'conhecimento do português', nossa competência sobre os parâmetros marcados para nossa língua pra uma estrutura padrão de sentença.

Debora, eu tenho uma dúvida: por que você utiliza o termo argumento externo passivo para o argumento à direita de algumas frases cujo predicador é o verbo emagrecer? Eu analiso esse verbo já como um verbo de valência 2, que necessitaria de um argumento externo e de um argumento interno. Em sua origem, me parece que sim, ele era um verbo de valência 1 (encaixando-se na definição de intransitivo da Gramática Tradicional; talvez chamado inacusativo), mas creio que no uso dele em tais sentenças, ele foi reanalisado.

Aliás, é dessa mesma forma diacrônica, que encaro a situação do verbo visar ao qual você enfocou. Trata-se de uma reanálise que os falantes fizeram de um verbo originalmente transitivo direto. A Gramática Tradicional, dado seu viés normativo e, por que não sermos francos, conservador/arraigado em uma faceta da língua que não corresponde à integridade de sua realização atual, ignora tal reanálise e atribui a esse fato lingüístico, que você mesma percebe na sua própria gramática interna como perfeito, um grande rótulo de ERRO.”

Alexandre de Oliveira Sobreiro - Turma 111

Débora,

“Os exemplos que apresentou são ótimos para demonstrar que independente da ordem do sujeito com relação ao verbo, quem deixa marca é o sujeito no verbo. Pois como mostrou se tivermos a frase “Surgiu, durante o século XX, vários estudos sobre a mulher.”, essa frase está errada por não apresentar a concordância do sujeito “vários estudos sobre a mulher” (plural) com o verbo “Surgiu” (singular). Assim, quando temos a frase “Surgiram, durante o século XX, vários estudos sobre a mulher”, quem alterou foi o verbo. Dessa forma, o sujeito provoca a modificação do verbo, ou seja, o sujeito deixa marcas no verbo.”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“O verbo surgir necessita da construção: Surge algo em algum lugar. Em: Surgiu, durante o séc. XX, vários estudos sobre a mulher. 1º argumento interno (objeto direto): vários estudos sobre a mulher; 2º argumento interno (complemento circunstancial): durante o séc. XX. A posição do argumento externo não foi ocupada. Creio que o verbo é o responsável pela presença ou não do argumento externo.”

Tieko Akita - Turma 111

“Acho que precisamos esclarecer algumas coisas em relação a essa questão de hierarquia entre predicadores e argumentos. Primeiramente, não se trata de que há uma maior relevância da parte do argumento interno, visto que conseguimos imaginar inúmeras frases sem argumento externo (ou o mesmo implícito); o que há, sim, é uma maior dependência do arg. interno em relação ao predicador. Ou seja, o seu surgimento na frase aparece em decorrência do predicador, ao passo que o arg. externo é, por assim dizer, livre, contanto que atenda às exigências lógico-gramaticais da oração e do discurso em geral.

Para os que, no entanto, persistem na teoria de que são os verbos que determinam os elementos sintáticos restantes, eu os remeto ao meu comentário anterior nesse mesmo tópico, do dia 29/03. A noção de latência e atualização performativa (do âmbito filosófico, que vocês poderão encontrar em algumas obras do brasileiro Mário Ferreira dos Santos) auxilia bastante na compreensão da ação como uma sempre-consecutividade ao sujeito. Até mesmo se considerarmos a língua grega, orações subordinadas substantivas predicativas são construídas com verbos modais (modo de ser, progresso de ação e qualidade de ação), indicando, pelo termo generalizante, que a própria ação seria um predicado, da mesma forma que o verbo "estar" etc., o que nos remeteria novamente à teoria da ação como uma extensão do ser; se assim o é, e tanto o vale pra recepção (que é um modo do paciente ser, enquanto identificado às exigências da ação que sofreu, isto é, ele seria facilitador da abordagem do mundo em relação à sua conduta e sua permissividade/reação seria a latência da ação aceita -- há um elo necessário entre eu permitir que ação aconteça e o outro exercê-la em relação a mim que indica um germe da mesma em mim; grosso modo, se me pedem para eu pegar um abacaxi e eu não sei o que é "pegar", eu não pego) quanto para a ação (agente), o termo no nominativo, ou seja, o sujeito é, necessariamente, o que compõe (e não "se impõe", enquanto ente maior) toda a oração; o suj. é o referente e referido.

Naquelas sentenças, porém, que não há um sujeito aparente, há o caráter apresentativo, ou seja, de pura enunciação alheia a uma presença facilitadora e atualizadora, que poderíamos identificar com um, por assim dizer, via um latim muito caduco, *fatum mundi* (fato do mundo, algo que se realizou, espontaneidade da ação, auto-voluntariedade -- embora isso tudo seja apenas uma convenção, pois todos sabemos que há todo um processo por trás de "Choveu", que anularia a ideia de falta de sujeito, se considerássemos o contexto). Isso porém, é uma peculiaridade da nossa língua; se analisarmos a mesma noção em outras línguas -- a mais acessível, por exemplo, o inglês -- veremos que há o uso de um termo no nominativo (pron. pessoais no caso reto, ou como vocês preferirem): "It is raining." Assim, não seria necessariamente o verbo o responsável pela presença ou não do argumento externo, mas,

sim, o modo da língua pensar. Por exemplo, de fato, há uma certa redundância em marcarmos desinências número-pessoais nos verbos e ainda utilizarmos pronomes, mas isso é só à primeira vista, pois, por exemplo, se dissermos "Eles foram ao jogo" e "Foram ao jogo", por mais que seja aceitável, a segunda frase não tem o mesmo sentido da primeira, há uma sensação de incompletude. Da mesma forma, porém, é um modo da língua ser e pensar; em grego, por exemplo, os pron. pessoais no caso reto são usados para ênfase, pois estão sempre marcados nos verbos. Em inglês, os pronomes aparecem, majoritariamente, por uma questão de quase-uniformidade das desinências, havendo a necessidade de marcar a pessoa e número com a presença do pronome nominativo.

Quando vocês dizem "importância", vocês acabam remetendo isso quase a uma universalidade, e não a uma particularidade sintática de cada língua; não acho que haja importância na língua, cada termo tem sua própria expressividade que se manifesta, enquanto importância, conforme o contexto. O que há de notável em uma língua é o seu modo de representar e ser (ou seja, a forma como predispõe e imbrica termos enquanto objetos relacionais), seu modo de verificar o mundo, que sempre se dá via um referente e uma performance; a importância cabe a nós, subjetivos, distribuir."

Pedro Barbieri Antunes - Turma 111

"Li o texto da Maria Eugênia e ainda não consegui compreender bem a definição de argumento **externo**. Está claro que há uma correspondência entre o que a gramática tradicional chama de "sujeito" e a noção de "argumento externo", mas não consigo compreender o conceito.

Tentei pensar na oposição que existiria em relação a "argumento interno": estes são os termos selecionados/projetados, necessariamente, pelo predicador para que a construção frasal tenha um sentido completo, inteligível em nossa língua. Como no exemplo: "Dirigi a questão a ela". Será que podemos entender que o argumento externo é **externo** porque, apesar de ser também um termo selecionado pelo predicador, sua posição na hierarquia da estrutura sintática da frase é externa ao predicador, isto é, estariam talvez em nível de igualdade na hierarquia?"

Eliana Junko Takara - Turma 113

"Olá, Eliana. Quando falamos em conceituação de argumento externo e interno e a estruturação dos mesmos em uma sentença, penso que é preciso lembrar que o predicador toma posição de núcleo e refletir sobre a ordem em que os argumentos juntaram-se a ele.

Em Introdução a Lingüística II, vimos um diagrama denominado diagrama arbóreo, que representa o sintagma verbal e o sintagma nominal, ou seja, esquematiza a ordem da estruturação de uma frase em que o argumento interno junta-se primeiro ao predicador, recebendo o nome de complemento. O núcleo (predicador) e seu complemento formam o que a lingüística denomina de sub-constituente. A esse sub-constituente junta-se o segundo argumento, denominado argumento externo ou especificador.

Dessa forma, sujeito e objeto são definidos de acordo com o esqueleto estrutural que tem como base a relação existente entre predicador e seu complemento e a relação entre o chamado sub-constituente e o argumento externo.

Sendo assim, sujeito não pode mais ser considerado como aquele que pratica uma ação expressada pelo verbo, mas sim como um especificador."

Ana Carolina Bueno de Paiva - Turma 113

"a) Eu também não entendo o que significa "saturar".

b) Eu acho que as frases são diferentes sim. Eu não vou saber explicar, mas "[O bebê] adormeceu." é igual ao exemplo que foi dado na sala "Os patinhos morreram", na inversão

"Morreram os patinhos", o sujeito tem papel temático de objeto. Já no caso de "[As crianças] dormem", me parecer ser diferente."

Cristina Silveira Mendonca - Turma 113

"Segundo Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, sujeito é "**o ser de quem se diz algo**" (2002: p.234)

Outra definição interessante sintaticamente é a de Jose R. Macambira, que também faz uma definição morfológica e outra semântica.

"[...]o termo da oração que se liga ao predicado por um vínculo formal, ou seja, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito" (MACAMBIRA, 2001: p.168)

Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/9411/1/Convergencias-E-Divergencias-Na-Definicao-De-Sujeito-Entre-Gramaticos-E-Linguistas/pagina1.html#ixzz1HBtAAFSV>

Isso amplia o conceito geral de que o sujeito é quem faz a ação e concorda com predicado em gênero, número e grau pode ter variações como simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente.

No entanto no texto da Ines Duarte continuo considerando meio nebulosa a questão de que o sujeito satura o predicado, bem como a "relação gramatical do sujeito final".

Erika Araujo Pereira - Turma 113

"Depois da aula do dia 21 acho que as dúvidas foram sanadas nesse sentido. Mas outra dúvida me surgiu.

Nos casos como "João compartilhou o pão com os pobres" se não podemos chamar "com os pobres" de adjunto, poderíamos pensar em alguma classificação que o colocasse junto ao agente, no caso João, como sendo uma espécie de "co-agente"? Não vejo como no caso de ser parte do predicado, mas um auxiliar do sujeito."

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

"Acho que "com os pobres" no caso está mais perto da figura de paciente (ou melhor, de receptor) do que de co-agente.

Ex:

Um rico compartilhou seu dinheiro com os pobres
agente/doador paciente/receptor"

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

"Marcus achei interessante a ideia de "co-agente" quanto a frase "João compartilhou o pão com os pobres". Parece-me que está ligada a questão semântica da ação de compartilhar, pois João permanece usufruindo da ação. Agora, não sei dizer se o realmente "com os pobres" não faria parte do argumento interno, pois não é por meio deste complemento que a ação ocorre, talvez seja pelo fato da estrutura da frase, mas se alterarmos a ordem da dela não haverá mudança de sentido, somente se o segundo argumento for isolado, aí teremos um novo significado que, acredito, ser mais preciso a ideia de "dois" agentes: "João, com os pobres, compartilhou o pão". Espero ter contribuído para a questão..."

Eduardo Santos da Silva - Turma113

"Na frase: "João compartilhou o pão com os pobres"

"João" seria argumento externo; "compartilhou" seria o predicativo e "o pão com os pobres" o argumento interno, é isso? Saudade da escola, hahuau, querendo classificar tudo! Rs

Concordo com o Marciano, que "com os pobres" está mais para paciente (receptor) do que para um "co-agente"."

“Acho que é isso aí, Renata!

Complementando: nessa frase há dois argumentos internos "o pão" e "com os pobres", este segundo argumento interno é classificado por Rocha Lima como complemento relativo, já que possui características sintáticas e semânticas diferentes das do objeto indireto, por exemplo, não pode ser substituído por "lhe". Em suma, já que é pra classificar (rsrss), podem ser argumentos internos: objeto direto, indireto, complemento relativo e complemento circunstancial (adjuntos adverbiais). O argumento externo é o sujeito e o predicador é o verbo. Parece que fica difícil não fazer a correspondência com a GT, mas acredito que daqui até o final do curso, tudo fluirá mais facilmente...”

Wanda Maria Ramos de Almeida - Turma 113

“Oi Wanda, li sobre isto no texto da Duarte e compreendo sobre esta questão de considerá-lo um complemento relativo por ser diferente das características de um objeto indireto. Mas ainda sim, não compreendo exatamente o que significa denominá-lo desta forma, pois para mim ainda permanece vaga a ideia: o que este complemento representa exatamente? é um corpo estranho que devemos nomeá-lo desta forma por que não sabemos o que fazer com ele? Sinceramente não consigo definir de outra forma, dar nomes as coisas é até fácil, agora por que que recebem estas denominações, em alguns momentos, parecem imprecisos. Talvez esteja pensando muito sobre o significado global da oração ou esteja preso a antigos conceitos.”

Eduardo Santos da Silva - Turma 113

Oi Edu!

Fiquei pensando nessa questão.

"João compartilhou o pão com os pobres".

Mas, após as explicações da aula de ontem, talvez possamos esclarecer essa dúvida. Identifiquemos o sujeito:

Sujeito psicológico (tópico, ser sobre o qual se faz uma declaração): João

Sujeito gramatical (elemento com o qual o verbo concorda): João

Sujeito lógico (pratica a ação expressa pelo verbo): João

Dentro do domínio do sujeito lógico, para identificarmos o sujeito a pergunta a ser feita seria “Quem compartilhou o pão?” e a resposta seria “João”. Mas quando visualizamos a ação, o que temos é a ideia de João e os pobres estarem comendo do mesmo pão. Como interpretamos dessa forma, já no plano do discurso, acabamos desconfiando que “os pobres” seria uma espécie de co-agente...

Eliana Junko Takara - Turma 113

Eu concordo com o Marciano também. Acho que visualizando da maneira que a Eliana disse, eu entendo "os pobres" ser co-agente, mas pensando no ato de compartilhar, João está dando e os pobres estão recebendo.

Acho que "os pobres" está mais pra paciente/receptor mesmo.”

Estela Gomes Marinotti - Turma 113

“Então, para que ele fosse paciente/receptor seria necessário um contexto que diferenciasse se ele está dando de fato ou compartilhando?”

Thiago Augusto Rufino Batista - Turma 113

“Eu vejo a ligação de "com os pobres" muito mais íntima com o verbo, com a ação de compartilhar, do que com o sujeito. Isso me faz rejeitar, num primeiro momento, a ideia de "co-

agente". O interessante é que, pensando na gramática tradicional (sob cuja visão não consigo, de forma alguma, ver "com os pobres" como adjunto, qualquer que seja), "com os pobres" seria uma espécie de "agente da passiva em oração de voz ativa". Porque, se formos pensar em qual seria o "papel" dos pobres, aí, ele se contrapõe ao de João, e não se aproxima dele (como seria necessário para pensar em co-agente ou co-outra coisa...).

E, em relação ao que o Eduardo diz em "dar nome às coisas é fácil", aí então eu preciso discordar mais veementemente, porque dar nome às coisas é algo extremamente complexo. Se não fosse, não haveria tanta polêmica. O que eu me questiono, acima de tudo, é se seria de fato necessário dar nome às coisas, no caso da sintaxe. Talvez o nome seja, no final das contas, o que há de menos importante."

Fabia Alvim Leite - Turma 113

"A polêmica de fato existe sim, e concordo contigo Fabia, é complexo o processo de dar nome "as coisas", senão não estaríamos aqui discutindo tanto sobre estas definições. Descrevi desta maneira na questão de fragmentar e dizer o que cada termo se refere. Veja por este lado: é uma questão de classificação por autores que, às vezes, não fica tão clara e acabamos por aceitar sem uma maior compreensão e, no caso da frase "João compartilhou o pão com os pobres", na minha visão, dizer que é complemento relativo "com os pobres" não me traz uma segurança e compreensão sobre o que exatamente é este termo.

Acho que estava desorientado quando escrevi isso, rrsr... que confusão!!! Eu ainda não compreendo bem o que quer dizer este termo, eu poderia dizer então que todo o complemento relativo seria aquele que se difere das características do objeto indireto e, por estar neste campo de denominação da Gramática Normativa, não deixará de ser um argumento interno? Acho que esta é minha maior dúvida... ;)"

Eduardo Santos da Silva - Turma 113

"Mas eu acho, Felipe, que a pergunta da Mariana vai além disso. O que a incomoda, se bem entendi, é a mesma coisa que me incomoda: talvez dar nome não seja nem mesmo possível, entende? Se nós discutimos e compreendemos o que cada coisa é, onde está, como se comporta, como funciona em cada contexto... será que dar nome não é extrapolar o possível? Será mesmo necessário? Numa modernidade em que tanto se discute alfabetização X letramento, dar nome e classificar não seriam meios de fazer alfabetos (em Sintaxe) em vez de letrados (em Sintaxe)?"

Fabia Alvim Leite - Turma 113

"Pois como ela disse, ele é chamado de interno porque provém do predicado, faz parte dele, e, ainda que ele venha a desempenhar o papel de sujeito, dentro da estrutura passiva ele é um argumento do predicado.

Mas agora não me lembro de uma coisa. Se ele é o sujeito e também um argumento interno, não há argumento externo?"

Andre de Azevedo - Turma 131

"É isso mesmo Ma! (pelo que eu entendi)

Também há o caso do "O patinho morreu", em que só há um argumento, o sujeito, e ele é paciente. Pelas minha anotações a professora disse que esse tipo de verbo que só tem um argumento (paciente) é chamado de verbo inacusativo, pois não tem caso acusativo (embora eu não entenda muito bem esses conceitos, porque ainda não fiz latim...)."

Giselle HFK - Turma 131

“Gisele, se não me engano, não poderíamos falar " Morreu-o", o caso acusativo do pronome na 3ª pessoa, logo, ele se enquadra na sua explicação.”

Andre de Azevedo - Turma 131

“Concordo com o Raul também. Em resumo, aquele quadro 1 do texto da Duarte (O predicador verbal e seus argumentos segundo Rocha Lima. P.8) poderia ser complementado com a inclusão do agente da passiva no campo do argumento externo, e do sujeito no campo do argumento interno.

Mas, sinceramente, ainda não vi utilidade nessa separação interno/externo. Não basta entendermos que todos esses termos são argumentos mobilizados pelo verbo? Que diferença faz se é interno ou externo? =/

No mais, a confusão sujeito/O.D nos exemplos do Raul realmente se desfaz com a tentativa de substituição pelo clítico o/a(s). Mas o mais seguro é checar também as demais características do O.D, especialmente o papel temático (de paciente ou tema), além da presença/ausência de preposição, que é mais simples de conferir.”

Mariana Pires - Turma 131

“O argumento externo é o agente da passiva (se ele vier explícito na oração, claro, porque nem sempre vem...)”

Mariana Pires - Turma 131

“O caso acusativo determina o objeto direto, Giselle. Assim como o dativo determina o indireto. No primeiro caso (O.D), a substituição do termo pelo clítico "o/a(as)" é um bom teste. Portanto, "o patinho" não pode ser O.D porque não pode ser substituído por "o" (morreu-o), como já foi dito por alguém.

Já pra testar o O.I você pode substituir o termo por "lhe(s)" para fazer o teste. João enviou uma carta a Maria. João enviou-lhe (a Maria) uma carta. "a Maria", portanto, é O.I.”

Mariana Pires - Turma 131

“Concordo com a Mariana, o objeto direto sofre a ação do verbo, nome sem preposições, caso acusativo ex: "Ele deu [o dinheiro] aos pobres". Já o objeto indireto não é paciente, regidos de preposição e estão em outros casos menos acusativo e nem nominativo, será dativo (lhe).

Seguindo as explicações em sala e o que entendi, o objeto é uma relação de gramatização (não sei se é bem esse o termo, sintam-se à vontade para corrigir!) ou seja, é uma função. Nas relações gramaticais, as orações não-básicas, são passivas(o agente interno : sujeito). Os agentes internos, os predicados (seleções semânticas) são paciente ou correlata de paciente.

No exemplo do patinho:

"morreram os patinhos" / "os patinhos morreram" / "morreram-nos" } São sentença de sujeito paciente

Analisando o Sujeito e Paciente, o argumento interno é o sujeito e o argumento externo só pode ser o sujeito.

Na Função Sintática, o verbo tem um argumento só e é paciente, portanto o verbo não pode ser direto, pois "morrer" é um fenômeno com uma possibilidade.

Acho que é isso, sintam-se à vontade para corrigir se algo estiver errado!”

Priscila Alves de Andrade - Turma 131

“Mas, Priscila, na distribuição dos papéis temáticos, um argumento não pode ser externo e interno *a la vez*, pode? Pois numa sentença como "o patinho morreu" o sujeito só pode ser paciente, *nomás*; a ele só é atribuído um papel temático e só possui uma função na estrutura temática.

Corrijam qualquer erro conceitual, por favor.”

Raul Barbosa Dias de Lima - Turma 131

“Bom, na última aula com a Maria Clara ficou bem definido o que era argumento externo e argumento interno. O sujeito no caso foi falado que sempre será argumento externo, mas pode ter argumento externo que não é sujeito. Ex O trabalho foi feito por João. O argumento externo no caso não é João e sim o objeto (o trabalho) que ocupa a posição de sujeito. Há quem diga que pode dizer que tem um argumento interno, no caso, o objeto direto, na posição de sujeito, já eu, não vou por essa linha. Não sei se é pertinente, espero ter descomplicado um pouco. parece que compliquei mais...”

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

“Segundo minhas anotações da última aula, seria isso mesmo, no entanto agora fiquei com dúvidas. Teria a ver com os constituintes que não são argumentos dito pela Maria Clara na aula? Portanto, vou pesquisar e tentarei responder o quanto antes. Se alguém souber, por favor fiquem à vontade para comentar!”

Priscila Alves de Andrade - Turma 131

“Estou com uma dúvida: como o "agente da passiva" pode ser considerado argumento externo (a exemplo do "por ele" citado por M. E. L. Duarte, nomenclatura utilizada nas GTs), está ocorrendo uma alteração na estrutura argumental da sentença (em relação a uma sentença na voz ativa) ou não?

Uma outra dúvida: numa sentença como "Foi morto o patinho" e "Morreu o patinho", "o patinho" desempenha o mesmo papel temático nas duas sentenças, apesar de uma ser na voz passiva e outra na ativa?”

Leandro Caian Janizelli Ricetto - Turma 131

“Não há mudança na estrutura argumental e os papéis temáticos são os mesmos.

Ex>: "Maria fez o bolo". <Maria> é AE e agente e <o bolo> é AI.

"O bolo foi feito por Maria". <O bolo> é AI em posição de sujeito e <por Maria> é o AE, ou "agente da passiva", uma vez que na voz passiva <Maria> continua a ser o agente do evento.

Com os seus exemplos ocorre o mesmo:

Ex.: "Morreu o patinho". O patinho não é agente (ele "sofre" a ação de morrer) e nem AE. O verbo morrer é inacusativo e patinho é AI deste verbo, além de sujeito sintático da sentença.

"Foi morto o patinho". O patinho continua não sendo agente, nem AE. Na voz passiva, ele permanece como AI e sujeito sintático da sentença.”

Bruna Bassette - Turma 131

“Na verdade, o AI pode sim ser sujeito sintático da sentença, porque sujeito não é papel temático (e sim ser agente, por exemplo). Como o AI não tem seu papel temático alterado (pois na voz passiva ele também não é agente), ele continua a ser AI, mas exercendo papel de sujeito.”

Bruna Bassette - Turma 131

“Segundo o Leandro, "o sujeito no caso foi falado que sempre será argumento externo, mas pode ter argumento externo que não é sujeito." Hãã, isso me confundiu... eu tinha entendido que o argumento externo é sempre o sujeito, mesmo que ele seja também um argumento interno, e esteja "provisoriamente" na posição de sujeito..”

que argumento externo que não seria sujeito??”

Karina Oliveira - Turma 131

“Bom. o Leandro deu um exemplo (agora que vi), mas ainda fiquei com dúvida sobre esse caso da passiva.. na verdade, ainda confunfo papel temático com argumento..”

Karina Oliveira - Turma 131

Bruna, obrigado pela resposta!

Continuo, a respeito desses mesmos exemplos que citei, com outras questões:

- Qual a diferença entre "O patinho morreu" e "Morreu o patinho"? Ainda não entendi por que "o patinho" é AI do verbo "morrer" neste caso. É por conta da posição que esse segmento ocupa na oração?

- O verbo "morrer" é inacusativo. No entanto, enquanto na forma ativa esse "comportamento" é comprovado ("Morreu o patinho"), já que o verbo não projeta argumento que coincida com a função de "objeto direto", por que na forma passiva ("Foi morto o patinho") é possível a inserção de um AE ("por ele", por exemplo)?

Karina, sobre papel temático e argumento: todo argumento projetado por um verbo (no caso de um sintagma verbal) possui um papel temático (ou semântico) específico.

Em "Ele levou chocolate ao menino", o verbo "dar" projeta três argumentos: o argumento externo (sujeito, "Ele") e mais dois argumentos internos, "chocolate" (função de objeto direto, pode ser substituído pelo clítico acusativo "o" - "Ele o levou ao menino") e "ao menino" (função de objeto indireto, pode ser substituído pelo clítico dativo "lhe").

O papel temático específico de cada um desses três argumentos é:

"Ele" - agente

"chocolate" - paciente

"ao menino" - alvo

Espero ter esclarecido esta dúvida. Se houver algo errado, por favor me corrijam.”

Leandro Caian Janizelli Ricetto - Turma 131

Oi, Leandro. Seguem minhas respostas às suas considerações (e se alguém tiver ressalvas, por favor, fique à vontade):

- Não há diferença (pelo menos nessas análises que estamos fazendo) entre "O patinho morreu" e "Morreu o patinho". O verbo morrer, inacusativo, aceita a inversão sujeito-verbo e verbo-sujeito.

Morrer seleciona um argumento que não é agente, portanto, não pode ser AE. (AE será sempre agente, mas não necessariamente sujeito). Por isso "o patinho" é um argumento interno em posição de sujeito.

- No segundo caso, "foi morto" é a forma passiva de matar, que seleciona dois argumentos. Assim, teríamos: "Ele matou o patinho" e "O patinho foi morto por ele", por isso a possível inclusão do AE ou agente na sentença.

Espero ter ajudado!”

Bruna Bassette - Turma 131

“Complementando a resposta da Bruna, nos exemplos em questão é possível observar que “o patinho” ,no plano sintático, pode assumir o papel de sujeito - como podemos observar em “o patinho foi morto por ele”-, e ainda desempenhar ,no plano semântico, a função de paciente do verbo inacusativo “morrer”, isto é, independente da posição sintática de “patinho”, seu status de argumento interno será mantido, pois não perdeu seu papel semântico de de paciente da ação verbal.”

“Depois da última aula, que deu muito o que pensar a respeito de todas as classificações, regras e categorias tão generalizadas da Gramática Tradicional, eu fico até com um pé atrás de fazer afirmações do tipo "é impossível um termo desempenhar mais de um papel temático na estrutura", rs.

Mas, realmente, não consigo pensar em nenhuma situação em que poderíamos dizer que mais de um papel temático é atribuído a um argumento. Até onde discutimos e refletimos, eu também penso que um termo só desempenha **um** papel na estrutura temática de uma oração.”

Marcella Budiski da Silva - Turma 131

“Resgatando do início do tópico, tenho uma hipótese sobre duplicidade de papel temático.

Em ações reflexivas, não seria possível um mesmo argumento ser actante e paciente? Exemplo: Pedro se matou.

Pensando nas definições de sujeito, teríamos Pedro como sujeito pricológico, como sujeito lógico e como sujeito gramatical. Ainda assim, ele seria tanto agente quanto paciente.

Será que esta duplicidade de papéis temáticos é possível?”

Francine Cavalcante Alves - Turma 131

“Bem pessoal, na última aula esclareceu-se o que era argumento externo e argumento interno. Falou-se que o sujeito será sempre um **argumento externo** e os predicadores(verbos) e seus complementos: os termos integrantes(objeto direto, indireto e agente da passiva e os termos acessórios(adjunto adverbial, adjunto adnominal e aposto) o **argumento interno**. Na aula foi dito que o argumento é interno por que é um termo do predicado, está dentro do predicado.

A minha dúvida é quanto ao **aposto**(termo acessório da oração) *que explica um termo anterior, identificando-do ou esclarecendo-o.*(minigramática/Jesus Barbosa, Samira Youssef, pag.319) Na setença:

Maria das Dores, **solteira, funcionária pública**, declara que não tem propriedades em seu nome. O termo em negrito é o **aposto** da setença que explica ou traz informações do termo Maria das Dores (sujeito). Fica a pergunta: o **aposto** nesta setença é argumento interno ou externo? é um termo do predicado? está dentro do predicado: *declara que não tem propriedades em seu nome* ou do sujeito: Maria das dores?. Se alguém puder comentar sobre o caso, agradeço. Valeu galera, ajuda aí!”

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

“Não tenho certeza se o aposto é mesmo um argumento. Como você mesmo definiu, o aposto é um termo acessório da oração. Ele também não complementa o verbo como um modalizador (que também não seria argumento); é na verdade uma espécie de 'explicação'. Dessa forma, eu acredito que o aposto não faça parte da estrutura argumental de um verbo.

No caso do seu exemplo:

Maria das Dores, solteira, funcionária pública, **declara** que não tem propriedades em seu nome. O verbo da oração é declarar, e eu acho que esse verbo só exige dois argumentos: um externo [quem declara] e um interno [o que é declarado]; e o aposto seria só aposto mesmo. Isso faz sentido?”

Marcella Budiski da Silva - Turma 131

“Eu arriscaria a possibilidade de o aposto ser um complemento do argumento externo, fazer parte; afinal, ele não é argumento interno, isso está claro. O que acham?”

“Concordo que o aposto está relacionado com o argumento externo, e sendo assim, será que ele também não seria outro argumento externo? Ou, como foi dito, complemento do argumento externo? E nesse caso também, poderíamos pensar que ainda não chegamos na parte "nominal" da gramática tradicional, e por isso ainda não entendemos esse caso.. acho que o sujeito dessa frase seria um predicador nominal, não?”

Karina Oliveira - Turma 131

Em frases como:

- a) Guardei o livro de Maria, o mais bonito de todos, comigo.
- b) "Senhora", de José de Alencar, é considerada uma obra-prima.

Os segmentos sublinhados, que funcionam como aposto, conforme classificação das GTs, não seria considerado um argumento, pois não atende a nenhuma exigência dos dois predicadores verbais.

Outra coisa, "o livro de Maria" é objeto direto de "Guardei", e este constituinte é argumento interno (e não externo) deste verbo.

Uma dúvida que tenho:

Se mudarmos a posição do aposto, a sentença pode ficar sem sentido, e pode não se compreender a qual constituinte ele está relacionado:

- a) Guardei o livro de Maria, o mais bonito de todos, comigo.
 - a.1) Guardei o livro de Maria comigo, o mais bonito de todos.
 - a.2) *Guardei, o mais bonito de todos, o livro de Maria
- b) "Senhora", de José de Alencar, é considerada uma obra-prima.
 - b.1) "Senhora é considerada uma obra-prima, de José de Alencar (comparando-se a primeira sentença com esta, poder-se-ia pensar que "de José de Alencar" refere-se a "uma obra prima", e não a "Senhora").

Assim, mesmo se não for considerado um argumento, existe alguma relação entre o constituinte com que o aposto se relaciona e a função deste numa sentença?”

Leandro Caian Janizelli Ricetto - Turma 131

Poderia ser o aposto classificado como um "sub-tema" na sentença? Pois para se entender o aposto é necessária uma ligação com o contexto do discurso. E, ainda, o aposto continua sendo parte integrante do "primeiro sujeito", completando este de várias formas.

Como no exemplo já citado acima:

"Senhora", de José de Alencar, é considerada uma obra-prima.

"José de Alencar" completa o sentido de "Senhora", dando a este termo uma contextualização de origem, tornando-se, assim, um termo essencial e complementativo ao tema.”

Alysson Nunes - Turma 131

“Não sei se o aposto é argumento interno, mas até que faz sentido.

Analisando a frase:

Aprecio todos os tipos de música: MPB, rock, blues, chorinho, samba, etc.

Se retirarmos o O.D. da oração, o próprio aposto passa a exercer essa função:

Aprecio MPB, rock, blues, chorinho, samba, etc.

Ainda não ficou muito claro pra mim esses termos acessórios da oração, mas acho que essas dúvidas serão sanadas nas próximas aulas.”

Simone Aline Alves Nunes - Turma 131

"Concordo, Simone!

Por isso associei o aposto a um "sub-tema", ou seja, um termo que pode substituir e complementar o tema principal, na oração com sujeito psicológico, claro. E permanece a minha dúvida se o aposto é argumento interno, externo ou pode ser classificado e pensado de outra forma."

Alysson Nunes - Turma 131

"Aprecio todos os tipos de música: MPB, rock, blues, chorinho, samba, etc.

Se retirarmos o O.D. da oração, o próprio aposto passa a exercer essa função:

Aprecio MPB, rock, blues, chorinho, samba, etc."

Mas aí o aposto deixa de ter a função de aposto. Então não é que o aposto passa a exercer a função de O.D. Deixa de existir aposto e passa a ter só o.d. Não?"

Maria Julia Alves Garcia Montero - Turma 131

"Acredito que o aposto, assim como o nome diz, apenas serve de acessório, um adendo que se faz, que se aplica à oração para explicar algum termo que possa gerar confusão. Aparentemente, ele não tem o aspecto argumental de ser necessário, imprescindível para a compreensão do verbo dentro da situação de uso."

Francine Cavalcante Alves - Turma 131

"Não sei se concordo quando dizemos que existe um grau de importância dos termos de uma oração. Para mim todos são importantes, haja vista que todos transmitem um mensagem.

Concordo menos ainda quando dizemos que o verbo é o mais importante. Se fosse assim, todos os verbos seriam, no mínimo, intransitivos.

Acredito que os argumentos externos são também essenciais. Lógico que que existe seus pormenores, mas acho que a sua não ocorrência está muito mais ligada ao contexto do que ao verbo."

Evandro Rodrigues Vicente - Turma 131

"Du,

Pensando sobre a frase que você disse "O vidro quebrou", imediatamente eu fiz um diálogo com a aula do Marcelo Modesto sobre os papéis temáticos e os verbos estativos... Assim, podemos dizer que a sentença "a caixa mede 14cm x 6cm x 4cm" é análoga a sua? Como o 'vidro', a 'caixa' não fez a ação de medir, ela foi medida.

No caso da 'caixa', o sujeito desse verbo funciona como *suporte* de propriedades (estado/condição), sendo, portanto, *experimentador* da ação verbal. O argumento que representa o sujeito desse verbo não é agente, nem causativo, nem paciente. Esses verbos são chamados estativos. Exemplos: verbos permanecer, ter, amar, etc."

Joice Rodrigues - Turma 111

Tema 2: definindo o sujeito segundo as gramáticas tradicionais: problematização

Nesse bloco de discussões, muitos alunos trouxeram definições da categoria gramatical 'sujeito' segundo as Gramáticas Tradicionais. Os alunos colaboraram com comentários muito interessantes sobre a 'deficiência' dessas definições, além de discutirem e questionarem como autores chegaram às nomenclaturas e o porquê de haver tanta divergência entre elas. Percebeu-se que alguns alunos tiveram dificuldade em relacionar o sujeito, da GT, com a noção de argumento externo. Inclusive, questionou-se: o que é argumento externo? Os exemplos fomentadores desses questionamentos quase sempre eram orações com verbos inacusativos ou passivas.

“Pensando nas definições de sujeito, Segundo Rocha Lima em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*: sujeito é “o ser de quem se diz algo” (2002: p.234).

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra em seu livro *Nova Gramática do Português Contemporâneo*: “O sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração” (2001: p.122).

Segundo Perini o sujeito é “o ser de quem se diz algo”, “ser de quem se diz alguma coisa – é o elemento com o qual concorda o verbo” ou o “ser sobre o qual se faz uma declaração”

Segundo Celso Luft, em *Moderna Gramática Brasileira*, sujeito é o “ser de quem se diz alguma coisa – é o elemento com o qual concorda o verbo”. (2002: p.45)

Segundo Bechara “chama-se sujeito à unidade que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para construir uma oração. É uma explicação léxica que o núcleo verbal da oração inclui como morfema número-pessoa “ (2006: p. 409)

Segundo M.E.L.Duarte “os argumentos externos podem ser representados por sujeito”

Comparando a abordagem da gramática tradicional com a concepção linguística atual percebemos que enquanto uma privilegia apenas o padrão formal da língua, a atual leva em consideração elementos como a semântica e o contexto. O que observamos nas gramáticas tradicionais são observações incompletas quanto à classificação dos sujeitos.

Exemplo: “Sujeito é o termo sobre o qual o restante da oração diz algo” Paschoalin & Spadoto (1966). Aqui o sujeito tem uma grande importância. Pensamos como ficam as orações sem sujeito pois se ele é tão importante, como uma oração pode não ter sujeito? O que observamos é que cada gramático tem um determinado conceito que ele mesmo formulou mas seria preciso perceber as contradições e os equívocos.

O que me leva a pensar que não é o sujeito o elemento mais importante da oração visto que temos oração sem sujeito. Neste ponto podemos repensar a questão já exposta sobre o argumento interno ter mais força (ser mais importante) que o argumento externo (sujeito). Com isso podemos dizer ser o verbo um elemento essencial, visto que uma oração pode até não apresentar sujeito mas ela sempre tem um verbo como define a *Nossa Gramática Contemporânea* SACCONI por oração é “todo e qualquer enunciado que contém verbo ou expressão verbal”.

Debora Valery Ruiz - Turma 111

“Estas são três das definições de sujeito que devemos ler para a próxima discussão. Os textos tem informação adicional sobre sujeito, estou colocando aqui só as definições para facilitar a consulta quando estivermos discutindo. Se alguém puder por a do Rocha Lima seria legal. Os grifos são meus.

CUNHA & CINTRA (2ª ed., não a 3ª. recomendada na bibliografia)

“O SUJEITO é o ser sobre o qual se faz uma declaração; o PREDICADO é tudo aquilo que se diz do SUJEITO.”

MARIA EUGÊNIA DUARTE

“O autor [Perini] é firme ao criticar a inconsistência de uma definição que prega ser o sujeito “o ser sobre o qual se faz uma declaração”, quando a própria gramática nos diz que há orações sem sujeito.”

“Na verdade, essas definições de sujeito e predicado que constam de nossas gramáticas tradicionais são as conceituações de “tópico” e “comentário”, que podem coincidir ou não com os elementos a que nos referimos como “sujeito” e “predicado”. Assim, numa sentença como “Corrida de cavalo, eu nunca fui ao jôquei clube.” (NURC-RJ), o termo “corrida de cavalo” é o tópico sobre o qual se faz um comentário “eu nunca fui ao jôquei clube”. Em outra sentença – “A minha amiga Maria nunca foi ao jôquei pra ver uma corrida de cavalo” –, o tópico “a minha amiga Maria” coincide com o sujeito gramatical da oração e o comentário coincide com o que chamamos predicado.”

“Esses predicadores selecionam normalmente um argumento externo (a que chamamos sujeito) e, opcionalmente, argumentos internos”

INÊS DUARTE

“uma oração – contém dois termos fundamentais: o predicado[...] e o sujeito, o constituinte que **satura** o predicado ou, por outras palavras, o **argumento externo** do predicador.”

“Sujeito é uma das relações gramaticais centrais. Trata-se da relação gramatical do argumento do predicador que é dada maior proeminência sintática. Nas frases básicas o constituinte com a relação gramatical é o argumento mais elevado na Hierarquia Temática (i.e., é o sujeito lógico da frase), é a expressão com a função de tópico (i.e., é o sujeito psicológico, ou seja, é o assunto acerca do qual se afirma, nega ou questiona o predicado) é a expressão que desencadeia a concordância verbal (i.e., é o sujeito gramatical). Tem tipicamente a relação gramatical de sujeito final:

- (a) o argumento externo dos verbos transitivos e intransitivos;
- (b) o argumento interno direto dos predicadores verbais inacusativos;
- (c) o argumento externo do **predicador secundário** em frases copulativas.

A proeminência sintático-semântica do sujeito traduz-se:

- (a) relativamente à ordem de palavras, pelo fato de, nas frases básicas, o sujeito ocorrer na primeira posição argumental na frase;
- (b) relativamente ao controle de processos gramaticais, pelo fato de o sujeito ser:
 - o controlador categórico da concordância verbal;
 - o controlador preferencial da anáfora frásica (intra e interoracional) e dos pronomes anafóricos.”

a) Não entendo o que a Duarte quer dizer com “saturar” o predicado.

b) Ela diz que o sujeito pode ser argumento interno, porque com certos verbos intransitivos (que ela chama de inacusativos) ele acumula papel de objeto direto. Vejam:

- [As crianças] dormem. (Ela diz que aqui o sujeito é argumento externo)
- [O bebê] adormeceu. (Ela diz que aqui o sujeito é argumento interno)

Eu não vejo diferença nenhuma nas frases acima.

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Segundo Rocha Lima, em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, sujeito é “**o ser de quem se diz algo**” (2002: p.234)

Outra definição interessante sintaticamente é a de Jose R. Macambira, que também faz uma definição morfológica e outra semântica.

“[...]o termo da oração que se liga ao predicado por um vínculo formal, ou seja, o verbo concorda em número e pessoa com o sujeito” (MACAMBIRA, 2001: p.168)

Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/9411/1/Convergencias-E-Divergencias-Na-Definicao-De-Sujeito-Entre-Gramaticos-E-Linguistas/pagina1.html#ixzz1HBtAAFSV>

Isso amplia o conceito geral de que o sujeito é quem faz a ação e concorda com predicado em gênero, número e grau pode ter variações como simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente.

No entanto no texto da Ines Duarte continuo considerando meio nebulosa a questão de que o sujeito satura o predicado, bem como a "relação gramatical do sujeito final".

Erika Araujo Pereira - Turma 113

“Depois da aula do dia 21 acho que as dúvidas foram sanadas nesse sentido. Mas outra dúvida me surgiu. Nos casos como "João compartilhou o pão com os pobres" se não podemos chamar "com os pobres" de adjunto, poderíamos pensar em alguma classificação que o colocasse junto ao agente, no caso João, como sendo uma espécie de "co-agente"? Não vejo como no caso de ser parte do predicado, mas um auxiliar do sujeito.”

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

“Acho que "com os pobres" no caso está mais perto da figura de paciente (ou melhor, de receptor) do que de co-agente. Ex:

Um rico compartilhou seu dinheiro com os pobres
agente/doador paciente/receptor”

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Eu estava pesquisando uma definição de sujeito no texto da Maria Eugenia Duarte e o que pude entender é que sujeito é o argumento externo do predicador. Mas eu não estava conseguindo definir "argumento externo", e resolvi procurar definição de sujeito na Moderna Gramática Portuguesa do Bechara. Nela encontrei a seguinte frase "O reconhecimento seguinte do sujeito se faz pela sua posição normal à esquerda do predicador, bem como por responder às perguntas *quem?* (aplicado a seres animados), *quê? o quê?* (aplicado a coisas), feitas antes do verbos." Associei então que o termo usado é "argumento **externo**" pois o sujeito é o argumento que **precede** um predicador que projete argumento externo. Será que isso faz sentido?”

Gabriela de Souza Morandini - Turma 131

“Bom, pelo que eu entendi em todo o texto, faz sentido. E para mim faz sentido ainda mais pelo fato de que quando falamos sobre 'alguém' ou sobre 'algo', estamos fazendo uma projeção externa ao conteúdo explicitado - algo não ligado ao texto. Quer dizer, ligado mas não diretamente, pois pensando nesse argumento que Maria Eugênia nos dá, podemos dizer que é o texto que se liga ao fator externo e não este que se liga àquele. Utilizando outras palavra, não criamos um objeto a partir das palavras (usando predicados) mas sim usamos as palavras para descrever os objetos.”

Evandro Rodrigues Vicente - Turma 131

“Segundo as gramáticas tradicionais, na oração, o sujeito pode ser: simples, composto, oculto, indeterminado e oração sem sujeito.

Pois bem, ao ver estas classificações não entendo por que na seguinte oração:

1a) *venderam tudo*. (que a gramática classifica como sujeito indeterminado) e 1b) *foste hoje ao cinema?*. (que a gramática classifica como sujeito oculto) possuem classificações diferentes. Por que nas duas orações acima os sujeitos não são ou DETERMINADOS OU OCULTOS somente?. Pois da mesma forma que se percebe um (tu) em 1b) se percebe também um (eles) em 1a), não é verdade? por que diferenciar?

Outra coisa: em 1a) *O homem tomou muita chuva*. (oração com sujeito simples segundo às gramáticas) e em 1b) *choveu muito hoje*. (oração sem sujeito segundo às gramáticas). fica a

pergunta: se o sujeito é o termo ESSENCIAL da oração, então 1b) passa ter menos importância gramaticalmente que 1a) já que lhe falta o sujeito, o termo mais essencial (importante) da oração.”

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

“Pelo que eu me lembro da gramática do colegial, o que não é muita coisa, admito, pensei o seguinte sobre o questionamento entre o 'indeterminado' e o 'oculto':

Em 1b) foste hoje ao cinema?, é oculto porque só pode ser o 'tu', e sabe-se exatamente a quem se refere: ao interlocutor, no caso.

Em 1a) venderam tudo, temos a 3ª pessoa do plural, que sim, é 'eles'. Mas a classificação de sujeito indeterminado é usada quando realmente não se sabe quem são 'eles'. Algo do tipo, "alguém vendeu tudo", no sentido de "tudo foi vendido" mesmo (na passiva, tirando o foco de quem vendeu). Acredito que o contexto seja importante, também. Por exemplo:

2a) Maria e João não guardaram nada da antiga casa. Venderam tudo.

2b) Não achei mais aquele CD. Venderam tudo.

Podemos considerar o sujeito da oração em negrito em 2a) "oculto", pois sabemos que 'eles' se refere a 'Maria e João', e da oração em 2b) "indeterminado", pois não sabe-se quem vendeu? Seria essa a diferenciação?”

Marcella Budiski da Silva - Turma 131

“Eu ia responder o mesmo que a Marcella. Não estou com nenhuma gramática em mãos, mas lembro de ter aprendido o mesmo no colégio, e para mim faz bastante sentido a classificação "oculto", quando o enunciador sabe de quem se trata (e pressupõe que o interlocutor também o saiba), apesar de ele não estar, digamos, explicitado na frase, e "indeterminado" quando o enunciador não sabe quem é o sujeito.

Acho de qualquer forma esta questão interessante de ser discutida se pensarmos em como isso nos é ensinado (e como, para os futuros professores, deve ser ensinado). Os exemplos da Marcella foram bons. Aprendemos na escola "Venderam tudo", "Eles roubaram" como sujeito indeterminado, e aí passa a falsa impressão de que o que torna o sujeito indeterminado é a 3ª pessoa do plural. Tirar a frase de seu contexto muda tudo!

(quer dizer.. tudo isso se a Marcella e eu estivermos certas...)

Quanto à outra questão... Não entendi isso de ter "menos importância gramaticalmente”

Diana Szylit - Turma 131

“la argumentar o mesmo que a Marcela, quanto a primeira questão... pela afirmação do Leandro, entende-se que ele relacionou "sujeito indeterminado" diretamente com "eles" devido a conjugação do verbo "venderam", e "sujeito oculto" com "tu" pela conjugação de "foste", o que faz todo sentido pensado assim, apenas gramaticalmente. Entretanto acredito que considerar um certo "sentido" e "funcionalidade" da palavra também seja necessário, pois daí podemos considerar que o pronome "eles" nem sempre é empregado para se referir a um sujeito específico, mas cumpre bem a função de quando se precisa falar de uma situação um tanto abstrata, quando um sujeito inexistente não é possível, mas também não há um exato, como em "foste". Também é bom notar que "venderam" pode se referir a "eles", "elas", "as pessoas", "os alunos", "João e Maria" enquanto "foste" não pode ser mais ninguém senão "tu", como "fui" só pode indicar um sujeito "eu".

Concordo com a Marcela também ao lembrar do contexto que deve ser analisado antes de simplesmente determinar apenas pela conjugação do verbo que tipo de sujeito está ali.

Quanto a segunda questão, também não entendi bem o que seria "importância gramatical"... como assim? Tem algum texto ou gramática que mencione que o sujeito é termo essencial da sentença? Pergunto porque não sei mesmo, e gostaria de ter em que me basear... Mas me

guiando pela minha observação apenas, acho que é arriscado generalizar esse conceito, pois como tem sido exposto nas aulas, as relações não são estritamente estabelecidas tendo apenas como base informações morfológicas, e sim considerando a semântica do verbo. Como vimos na última aula, há predicadores que não selecionam nenhum argumento, que é o caso de "chover", "nevar"... e olhando pelo significado que eles têm, sabemos que é impossível que um desses verbos tenham sujeito... mas por isso sentença como essas não teriam o mesmo "valor" que outras cujo sujeito é explícito?"

Renata Rubio da Silva - Turma 131

“Acho que dizer que o sujeito é o termo mais essencial da oração é meio radical. Uma oração sem sujeito é tão importante quanto qualquer outra.”

Gabriela de Souza Morandini - Turma 131

“Até onde eu sei, o sujeito não é "O" termo essencial da oração, mas um deles. O outro é o predicado.

Mas acho que não é porque uma oração tem dois termos essenciais e a outra tem um que ela é mais importante. O "essencial" se refere ao sujeito dentro de sua oração, e não em comparação à outra.

E... bom, na verdade, não entendi a pergunta porque não vejo onde ela quer chegar. Mesmo que alguém diga: sim, uma oração "sem sujeito" é menos importante. O que isso significa? Tem alguma implicação? (também estou de fato perguntando. eu, pessoalmente, não enxergo. mas estou loooooonge de dominar o assunto)!”

Diana Szyllit - Turma 131

“Eu ia responder esse questionamento acerca do sujeito da seguinte forma: Não é só o sujeito que é um termo essencial. A oração possui dois termos essenciais, o sujeito e o predicado. Por isso, se a oração não possui um de seus termos essenciais que é o sujeito, ela ainda assim "existe" como oração, já que possui o outro termo essencial, o predicado.

O engraçado é que isso me gerou uma dúvida. O que eu ia falar era uma grande bobagem se pensarmos que o predicado é, por definição, aquilo que se diz acerca do sujeito. Portanto, se não há sujeito na oração, não há predicado. E então, se na oração não há nenhum de seus dois termos essenciais, ela ainda existe?”

Thaís Vidal Fetka e Silva - Turma 131

“Não sei se minhas considerações estão na mesma linha da dos demais, mas pensei no seguinte: Durante anos, como disse o colega, aprendemos que há sujeito simples, composto, oculto, indeterminado e inexistente. Ponto. Mas percebemos (a prof. Maria Clara apontou em aula) que em certas construções aparentemente "sem sujeito" há "alguma coisa" (p. ex. *it rains*). Então é possível existir outros tipos de sujeito, afinal, não pode ser inexistente algo que existe. Pode até não ser um termo referencial, mas está lá. No caso do português brasileiro, este expletivo é nulo. [Porém, Maria Eugênia Duarte tem um texto sobre o sujeito expletivo ("O sujeito expletivo e as construções existenciais") no qual ela mostra uma tendência nossa de preencher o "vazio" à esquerda do verbo em alguns casos, talvez, acho eu, pela "necessidade" de vermos um "sujeito em início de frase"].

Além do expletivo, há a diferença entre sujeito sintático e sujeito semântico. Ou seja, outros três "sujeitos" podem explicar muitas coisas que a gramática tradicional não abrange (pelo menos até onde eu me lembro). Por fim, eu particularmente acredito que o fato de uma oração não ter "sujeito" não significa de fato que ela não tenha sujeito de fato, apenas que ele não está marcado. Assim, o elemento

essencial - se for essencial mesmo - estaria sempre presente, nulo ou pleno. (mas é apenas uma opinião).”

Bruna Bassette - Turma 131

“Concordo com a sua conclusão, Bruna, de que isso não significa que realmente não haja um sujeito.

Depois da aula da semana passada, com os vários exemplos de oração sem sujeito, inclusive, e agora com essa discussão, estou começando a pensar que talvez não exista realmente uma oração que a gente possa afirmar, categoricamente, que é sem sujeito. Talvez essa seja uma classificação criada com fins didáticos para "explicar", de uma forma bem superficial, casos como as orações com verbos de fenômenos naturais ("Choveu ontem").

Realmente parece que tem alguma coisa, algum termo implícito ou algo do tipo. Na verdade, não tenho um embasamento teórico pra sustentar essa ideia, mas estou pensando principalmente nas orações como a "It rains". O fato de it ser essencial é um bom argumento pra hipótese de haver, sim, uma espécie de sujeito até mesmo nas orações que são, aparentemente, 'sem sujeito'.

Marcella Budiski da Silva - Turma 131

“Sobre essas orações sem sujeito, fico pensando no Latin, de onde veio o português, pois como sabemos - pois estudamos dois semestres dessa língua -, não se admitia colocar um sujeito "eu", "tu"somente em caso em que gostaríamos de enfatizar.

Concordo, portanto, quando dissemos que não é necessário introduzir um sujeito no início da frase e que nem por isso ele não existe.

No italiano, por exemplo, não explicitamos o sujeito, fazemos igual ao Latin, apenas inserimos na oração - tanto falada como escrita - quando desejamos enfatizar.

Lógico que coloco como exceção os verbos que designam fenômeno da Natureza. Vocês concordam? Para mim não tem como inserir um sujeito a esquerda de verbos como chover, relampejar etc.

Evandro Rodrigues Vicente - Turma 131

“Não sei se entendi direito a pergunta sobre a importância das orações, com e sem sujeito, mas acredito, que o termo mais importante da oração seja o verbo e não o sujeito. Achei um trechinho na Moderna Gramática Brasileira - Celso Pedro Luft que fala um pouco sobre isso, "A oração é a unidade marcada por um verbo. Em geral, apresenta também um (nome) substantivo, a que se refere e com o qual concorda o verbo, constituindo a estrutura binária {Sujeito + Predicado}". (p. 30)

Sendo assim, acredito que não haja uma hierarquização de orações, sintaticamente falando, pela presença ou ausência do sujeito. Portanto, a meu ver, a oração "choveu muito hoje" não deve ser considerada menos importante que a "O homem tomou muita chuva" apenas pela "ausência" do sujeito.

O que acham?”

Daniela Martos Moraes - Turma 131

“Como a professora disse, se um termo não fosse importante, ele não estaria ali, logo, todos os termos da oração tem a sua importância para a compreensão total do sentido da frase.

Mas o verbo é o elemento a partir do qual se constrói a oração, isso o torna, não mais importante que os outros, mas o elemento nuclear da maioria das orações. Creio que o sujeito seja o elemento mais importante apenas nos contextos em que há uma intenção de enfatizá-lo.

Creio também que não haja uma hierarquia das orações do português pelo seu grau de importância nem pela presença ou não de sujeito. Concordo com a Daniela, quando ela diz que

a oração "choveu muito hoje" não deve ser considerada menos importante que a oração "o homem tomou muita chuva."

Mauricio Felipe Clemente - Turma 131

"Olá colegas,

Abrindo os trabalhos desse fórum busco trazer alguma contribuição.

Conforme sugerido pela professora, pesquisei algumas definições de sujeito e as trago ao conhecimento de vocês. Encontrei uma tese da Puc-Rio, bastante explicativa, que pode ser acessada pelo link http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0710555_09_cap_03.pdf.

Quanto ao sujeito, o dicionário eletrônico Aurélio traz a seguinte definição: "denominação que, partindo da identificação da oração com uma proposição lógica, veio a substituir, ainda na Idade Média, a tradicional denominação de suposto para a nomeação do termo da oração a respeito do qual se enuncia algo".

Celso Cunha e Lindley Cintra apresentam uma visão tradicional de sujeito como termo essencial da oração. Assim, o sujeito é "o ser sobre o qual se faz uma declaração".

Para Bechara, em uma definição mais gramatical e menos semântica, o sujeito é a "unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para construir uma oração. É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal".

Rocha Lima define o sujeito como "o ser de quem se diz algo", sendo, ao lado do predicado, um termo básico da oração.

Assim, analisando as definições trazidas, observo que, não obstante a definição de Bechara, que se apresenta mais formal, as demais definições de sujeito mencionadas baseiam-se no critério semântico.

É isso. E vocês o que acharam?

Att.

Camila"

Camila Danielle de Jesus Benincasa - Turma 133

"De acordo com as definições mostradas aqui dos gramáticos, o que me parece mais coerente é definição do Bechara.

As definições de Celso Cunha e Lindley Cintra e Rocha Lima, por utilizarem de definições mais semânticas do que gramaticais, são falhas quando falamos de orações sem sujeito. Como aponta Duarte mencionando Perini:

"É conhecida de todos a crítica que Perini (1985) faz às definições das gramáticas tradicionais, que misturam critérios semânticos e sintáticos. O autor é firme ao criticar a inconsistência de uma definição que prega ser o sujeito "o ser sobre o qual se faz uma declaração", quando a própria gramática nos diz que há orações sem sujeito."

Ao meu ver, se o predicador é o que determina as relações com os outros sintagmas - sujeito, objeto e complemento -, devemos nos perguntar qual é a relação característica do predicador com o sujeito. Neste ponto, Bechara foi mais feliz na sua colocação do que os demais, ao dizer que o sujeito é uma "unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para construir uma oração (...)", ele diz que o sintagma é uma parte da oração - talvez seja uma falta do Bechara não dizer que pode ser facultativo em determinadas frases, como as já mencionadas sem sujeito - que tem uma particularidade com o predicador, mencionado em seguida:

"É, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal".

Isso demonstra que o predicador possui dentro de si características morfológicas que apontam quem seria o sujeito, diferenciando do objeto que não é tem essa referência no predicador. A relação dessa valência, que é o sujeito, é diferenciada portanto.

Bem, acho que no momento é o que posso argumentar sobre o assunto. Mosiah.”

Mosiah Jose da Silva Matos - Turma 133

“Essa afirmação de que o sujeito estabelece uma relação de concordância com o núcleo verbal a partir de morfemas é coerente em partes. Se pensarmos a oração em uma estrutura de árvore veremos que essa concordância se dá com estes morfemas gramaticais e não com o constituinte verbal, o sujeito seria interpretado em uma posição próxima ao constituinte que contém estes morfemas, este denominado como T. Claro que isso é assim visto em uma análise gerativa específica. Como a gramática de Bechara é direcionada ao ensino, e este é apenas um recorte do trabalho científico (apesar de seu caráter normativo) sua explicação me parece satisfatória, ao menos podemos dizer que ela é mais clara do que as demais.

Abraços a todos”

Lucas Lutero Lopes Marques - Turma 133

“Concordo com o argumento do Moseah com relação as orações sem sujeito, em que as definições mais semânticas não suprem as questões em torno dessas orações, mas a respeito de sua colocação sobre "talvez" ter sido "uma falta do Bechara não dizer que pode ser facultativo em determinadas frases", eu acredito que talvez ele tenha dado uma dica sobre isso, pois ele acrescenta que "é, na realidade, uma *explicitação léxica* do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal". Nossas orações sem sujeito não são aleatórias, pois possuem morfema de número e pessoa, então respeitam um paradigma. Assim, embora uma oração não tenha sujeito, o predicador parece estabelecer uma relação com esse termo ausente ou como indicado pelo Bechara aponta para ele com a concordância verbal, talvez eu tenha "viajado", mas é isso que eu penso sobre as orações sem sujeito.”

Ariane Regina Froes - Turma 133

“Como meus colegas, considero deficientes as definições do dicionário Aurélio, de Cunha & Cintra e de Rocha Lima.

Ao usar expressões vagas como "a respeito do qual", "sobre o qual" e "de quem", não estão propriamente definindo o conceito de sujeito. Para ilustrar o que quero dizer com "vagas", tomemos um contra-exemplo:

"A multidão vaiou o prefeito."

Nesse caso, entendo que enuncia-se algo tanto sobre o sujeito "multidão" quanto sobre o predicado "prefeito".

A definição de Bechara me parece mais sensata e sem margens para contra-exemplos, isto é, define o conceito, dando conta inclusive dos casos onde não há um "sujeito semântico", como a Ariane observou. O curioso é que, para tal, Bechara precisou recorrer a termos mais eruditos que os observados nas outras definições.

Matheus Almeida Coelho - Turma 133

“A definição de Bechara realmente é mais coerente em relação às outras, mas quando ele diz "É, na realidade, uma explicitação léxica do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal", creio que ele esteja se referindo ao sujeito oculto, pois em orações sem sujeito como, por exemplo, "chove muito", "nevou ontem", o morfema número-pessoal me parece que diz respeito a um evento, e não a um sujeito, já que aqui ele não existe, assim como diz Duarte mencionando Perini "...o autor é firme ao criticar a

inconsistência de uma definição que prega ser o sujeito “o ser sobre o qual se faz uma declaração”, quando a própria gramática nos diz que há orações sem sujeito.” Quando citamos outros idiomas como o inglês, mencionado em uma das aulas passadas, vemos que o "it" é necessário para dizer "chove", porém não indica que é o sujeito, mas o que gostaria de colocar aqui é em relação ao mandarim e ao japonês. Essa mesma frase no mandarim "xia yu", e no japonês, "ame ga furu", além da presença do predicador, no primeiro caso "xia(descer)" e no segundo "furu(cair)", essas sentenças não podem ser enunciadas sem o que poderia ser considerado seus sujeitos, respectivamente, "yu(chuva)" e "ame(chuva)", do contrário, o predicador perderia seu significado. Nesses casos, o sujeito está presente, apesar de ser traduzido como se não estivessem, porém, diferentemente do "it" do inglês, "ame" e "yu" não possuem um significado vago, mas sim são aqueles que dão o significado "chover". Nesses idiomas, o predicador requer a presença do sujeito, mesmo indicando um evento, o que não ocorre no português. Desta maneira, poderíamos inferir que, dependendo do idioma, a relação do predicador com o sujeito pode ou não existir?”

Henrique Mariano Nascimento Bento - Turma 133

“Ao meu ver, a definição de sujeito feita por Rocha Lima e citada pela Camile, "o ser de quem se diz algo", está correta sem ser o fato aqui colocado de nem todas as orações terem sujeito ser um impecilho.

Todas as vezes que um sujeito aparece em uma oração é dito algo a respeito deste. Se ele não está presente não significa que algo tenha se alterado em suas características. Entretanto, acredito que esta definição não sirva para sairmos classificando tudo o que se tenha dito algo como sujeito tendo em vista o comentário feito pelo Matheus sobre como é possível se dizer algo sobre o predicado em frases como "A multidão vaiou o prefeito".

Em busca de uma definição para o termo predicado encontrei o seguinte conceito no Dicionário de linguística de Jean Dubois:

"Em "Pedro escreveu uma carta para sua mãe", o sintagma nominativo é o sujeito (isto é, o tema da frase) e o sintagma verbal escreveu uma carta para sua mãe é o predicado (isto é, o comentário do tema)".

Levando essa definição em consideração em "a multidão vaiou o prefeito", a multidão seria o sujeito enquanto vaiou o prefeito um comentário sobre o primeiro. O que me parece, é que neste caso uma simples alteração na ordem dos termos muda as suas designações.”

Mariana Molinari de Oliveira - Turma 133

“Sem dúvida que entre as chamadas gramáticas tradicionais, ditas normativas, Bechara parece aquele que apresenta maior coerência em sua definição de sujeito. Coerência esta, como já mencionada neste fórum, aproxima-se mais de uma visão léxico-formal, onde o sujeito se relaciona com o núcleo verbal da oração marcado pelo morfema número-pessoal.

Já Mário Perini, formalmente próximo da definição de Bechara, em seu enfoque descritivo, me parece a mais convincente. Para este, “o Sujeito é o termo da oração que está em concordância com o núcleo do predicado”.

A definição de sujeito é algo complexo, haja visto, nenhuma delas dá conta de todas as possibilidades da língua. Por exemplo, o próprio Perini, em seu Gramática descritiva do português (pp 76-79), já nos mostra um problema em sua definição, quando o verbo, geralmente o NdP, ou Núcleo do Predicado, se apresenta em forma de gerúndio. Sabemos que gerúndio é impessoal e não marca número. Na frase “*Marivânia chegando, a farra vai começar*”, Perini trata-o como um caso digamos duvidoso, e se vale da posição que o sujeito ocupa, à esquerda na frase.

Entendo que é pela descrição dos processos gramaticais que podemos avançar no estudo apurado da própria gramática. As chamadas normas, prescrições apresentam a limitação conceitual de apontar o que deve ser correto ou não, enquanto o estudo descritivo dos

processos gramaticais se voltam, no mínimo a uma aproximação da realidade da língua em processo.

No nosso tópico, a definição do sujeito, não foge à regra, ou seja, a abordagem do mesmo é diferente entre as duas tendências de estudos gramaticais. Cabe aqui meu questionamento, se mesmo em questões tão específicas, como a própria definição de sujeito, não caberia uma certa dicotomia entre a Gramática Tradicional *versus* as conquistas dos estudos lingüísticos, sobretudo da segunda metade do século XX.

Abraços”

Luiz Henrique Vieira Lins - Turma 133

“A definição formal utilizada por Perini parece resolver a maioria dos casos, porém ele mesmo afirma em outro livro (Gramática do Português Brasileiro, Parábola: 2010) que essa definição se aplica a períodos simples e que com” períodos compostos e casos de redução anafórica” é necessário algumas restrições.

Neste livro ele diz que para o período simples há 3 restrições: (a) Se na oração só houver um SN nessas condições (concordância de número e pessoa com o sufixo do verbo), esse SN é o sujeito; (b) Se houver mais de um SN, então o sujeito é SN que precede imediatamente o verbo; (c) Mas se este SN for um clítico, ele não conta, e o sujeito é o SN precedente.

Em algum comentário feito acima concordaram com a definição de Rocha Lima e acrescentaram um característica que se aproxima de uma análise discursiva para se identificar o sujeito. Acredito que é necessário estabelecer em qual nível de análise se está trabalhando, se é semântico, discursivo ou formal (como faz Perini), pois em uma frase como *Vaiaram o prefeito*, algo é dito sobre o prefeito, e nem por isso ele é o sujeito da oração. Parece-me muito superficial dizer que quando o sujeito está presente, necessariamente se declara algo sobre ele. Afinal, citando novamente Perini, “a função de sujeito é um dos aspectos da organização formal da oração, e não um dos aspectos da mensagem veiculada pela oração” (Gramática Descritiva do Português, p.78).

Perini cita essas frases com apenas um SN e em terceira pessoa como um caso de restrição à regra (a).

Abraços”

Lucas Lutero Lopes Marques - Turma 133

“(1) “O sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração”. (CUNHA, 1975, p. 137.)

(2) “Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Dizemos, então, que o sujeito é indeterminado”. (CUNHA,1975, p. 141.)

Perini confronta essas duas afirmações, encontrando inconsistências:

Enquanto em (1) afirma-se que o sujeito é determinado na frase, e definido como “o termo sobre o qual se faz uma declaração”. Em (2), a definição de sujeito está formulada em termos “de quem pratica a ação” e pode ser indeterminado, ou seja, não se conhece o autor da ação praticada.

Perini defende a ênfase na descrição formal (morfossintática) nas análises dos vocábulos e um esboço geral dos componentes semânticos. E aponta como falha fundamental da tradição gramatical a separação entre a doutrina gramatical e a prática da análise; e a baixa qualidade de descrições gramaticais. Dessa forma, postula a existência de duas doutrinas gramaticais dentro da chamada gramática tradicional:

1) a DGEx ou “doutrina gramatical explícita”, que inclui definições como (1), que conceitua o sujeito como o termo sobre o qual se faz uma declaração.

2) DGImp ou doutrina gramatical implícita, que não é nunca explicitada, nem reconhecida como existente, mas que na verdade guia nossas decisões dentro da prática da análise gramatical. De

acordo com essa doutrina implícita, a definição de sujeito não pode ser (1). Perini faz uma aproximação:

“Sujeito é o termo com o qual o verbo concorda.”

Outras definições:

Sujeito – “termo da oração sobre o qual recai a predicação da oração e com o qual o verbo concorda.” (dicionário Houaiss)

“unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para construir uma oração. É, na realidade, uma explicitação léxica do sujeito gramatical que o núcleo verbal da oração normalmente inclui como morfema número-pessoal”. (BECHARA)

Bechara é aquele que mais se aproxima da gramática moderna da língua portuguesa, ao sair da definição simplista dos demais. Relaciona-se melhor com aquilo que Perini enfatizou como descrição mais formal e menos semântica.

A função sintática do sujeito é definida pelas relações entre os termos da oração, isto é, caracteriza-se por certas posições na oração, e por estar em relação de concordância de pessoa e número com o verbo. Também, essa função é ocupada por uma classe particular de formas (sintagmas nominais).”

Mayra Romy Matsushita - Turma 133

“Após as reflexões trazidas pelos colegas, tendo a pensar que o "confronto" dos conceitos tradicionais com as novas perspectivas abordadas é justamente o que tende a enriquecer nossos conhecimentos durante o curso. Os conceitos, ao que me parece, não se excluem, são elaborados à luz de distintos pontos de vista que, às vezes, se complementam. O fato de se considerar que "o Sujeito é o termo da oração que está em concordância com o núcleo do predicado" não torna falso que sujeito é "o ser sobre o qual se faz uma declaração", que não deixa de ser uma "unidade ou sintagma nominal que estabelece uma relação predicativa com o núcleo verbal para construir uma oração".

Entendo muito pertinentes as discussões travadas em sala de aula sobre o ensino da gramática nas escolas, ainda mais se considerarmos que, ainda que as diversas abordagens não necessariamente se excluam, é certo que há teorias mais plausíveis e teorias que invariavelmente acabam por desaguar num "beco sem saída".”

Camila Danielle de Jesus Benincasa - Turma 133

“A definição de sujeito como “o ser sobre o qual se faz uma declaração” não parece entrar em dissonância como a definição da gramática gerativa que define sujeito como "argumento exteno que se une ao predicador no papel de especificador"?

Essa definição funciona, então, em orações do tipo: João vai a praia, mas é falha em "chove muito". Assim dizer que "sujeito é o ser sobre o que se faz uma declaração" é inconsistente, visto que a própria norma nos diz que há "orações sem sujeito". Se para gramática gerativa toda oração possui um sujeito, mesmo que sendo um expletivo não expresso, não há como, em certa medida, essas análises serem apenas complementares.”

Lais Maria Nobile - Turma 133

“Concordo com você Lais, neste caso a questão não é se a definição dada em uma análise formal exclui a definição da gramática tradicional. Não é preciso nem compará-las para notar a inconsistência desta última. Aliás, ela mesma se exclui em suas análises.

Vale lembrar que a gramática tradicional não é uma teoria linguística, não tem uma preocupação científica, é apenas reflexo de uma norma-padrão idealizada, o que não diminui a importância que teve para o desenvolvimento dos estudos linguísticos.”

Lucas Lutero Lopes Marques - Turma 133

“Henrique, no seu primeiro parágrafo, entendo que você tomou como pressuposto que, para que haja um sujeito propriamente dito, é necessário que *alguém* cumpra a ação que o verbo indica, concluindo (e acatando com a classificação da gramática tradicional) que, nos exemplos clássicos sobre os fenômenos da natureza, temos o que se chama "oração sem sujeito", pois o evento acontece por si só.

Vejo que há, porém, outra concepção de sujeito, que é a do Evanildo Bechara. Para ele, o sujeito não é necessariamente uma entidade: antes disso, é um conceito gramatical, isto é, convencionou-se sua existência para satisfazer a sintaxe. (Isso foi levantando em sala de aula, se não me engano, há duas semanas.)

Não obstante, não acho inválida nenhuma das abordagens, pois, como a Mayra comentou em detalhes, ambas explicam o fenômeno que chamamos de "sujeito": uma o entende como entidade e cria uma categoria que acolha as exceções, enquanto a outra considera apenas as questões gramaticais comuns a todos os casos.”

Matheus Almeida Coelho - Turma 133

“A discussão vai indo muito bem, mas me parece que começa a rodear duas questões sem conseguir aprofundá-las.

Primeiro e muito importante é o fato das teorias serem competitivas entre elas ou não; uma é melhor que outra? Sobre isso, acredito que devemos ter sempre em mente que toda teoria é incomensurável, ou seja, não pode ser medida em relação a outra, mas sim em seu próprio escopo. É um pouco, acredito, o que tentou trazer a colega Camila. Daí, temos que analisar o que propõe cada uma e como tal proposta se comporta diante dos mais variados fenômenos. No meio científico, quanto mais fenômenos a sua teoria puder prever, melhor ela é; daí a idéia de que uma teoria que diz ser o sujeito um termo sobre o qual se faz uma declaração parecer fraca. De fato, ela transforma o sujeito em algo muito restrito, o que não seria um problema, caso ela solucionasse - ou nomeasse - outros muitos termos que agora ficam sem nome.

Ainda assim, Perini, quando diz que misturar critérios sintáticos e semânticos seria um problema, não quer dizer que isso é errôneo sempre, mas sim no caso da definição de sujeito, pois as idéias semânticas não estão alinhadas perfeitamente com os critérios sintáticos, gerando incoerências; isto é, quando dizemos: "O dinheiro foi dado para os meninos", dizemos algo sobre os meninos, mas o verbo concorda com "o dinheiro", portanto, não se pode dizer do sujeito que, ao mesmo tempo ele é "o termo que o verbo concorda" e "o ser termo sobre o qual se faz uma declaração" - até porque, só um parênteses maldoso, se levamos a ferro e fogo essa idéia, uma oração declara coisas sobre todos os termos nela presentes; se olharmos do ponto de vista do dinheiro, ele foi dado para os meninos, é algo sobre ele; se olharmos do ponto de vista dos meninos, saberemos que eles receberam dinheiro, também foi dito algo sobre eles.

Portanto, quando criticarmos uma teoria, devemos criticá-la internamente, com as ferramentas que ela mesmo nos dá.

Segundo, a questão das orações sem sujeito, muito discutida. Lembremos que não ter sujeito não é um problema, necessariamente, a não ser que a sua teoria diga:

1. sujeito é X
2. toda a oração tem sujeito

Caso ela não diga "2", encontrar uma oração sem sujeito não a anula. Afinal encontramos frases sem complemento nominal e não dizemos que o conceito de complemento nominal não serve.

Além disso, o fato de um termo não estar explícito na sentença não quer dizer que ele não exista. Como nos trouxe muito ótimo exemplo o colega Henrique, usarei o mesmo, só que em português. Quando eu digo "João sentou" não nos perguntamos, "João sentou quem?" nem tampouco "quem sentou João?", sabemos que João sentou a si mesmo, está dito por outras convenções que não cabe aqui destrinchar; prova disso é a correspondente "João sentou-se". Aí sim fica dito que ele é fez e recebeu a ação do verbo sentar. No caso da chuva, quando dizemos choveu, curiosamente, o verbo está na terceira pessoa do singular, ou seja, ele choveu - sendo ele qualquer coisa que se possa imaginar. Felizmente, nós não imaginamos qualquer coisa, mas

sim chuva, portanto está dito, também por convenções que não cabe aqui nomear, que quando dizemos choveu queremos dizer "choveu chuva", ou "a chuva choveu", ou "a chuva choveu a si mesma", ou "Deus choveu a chuva" - ou o que quiser, não entrarei no mérito de qual delas é melhor. Contudo, temos outras pistas para deixar ainda mais interessante a coisa; podemos dizer choveu(eram) canivete(s) sem nenhum problema, o que mostra que o verbo chover, embora esquisito, ainda assim é um verbo que aceita combinar-se com diversos elementos, como todos os verbos - Lembremos da idéia de seleção semântica observando-a à luz dessa frase - Não direi mais nada para todos poderem pensar a respeito sem se contaminar por outras idéias - choveu porrada é legal também! Além disso e mais interessante é que podemos dizer: "Hoje choveu(ram) duas chuvas tão diferentes, uma fina e longa, outra carregadíssima e curta. Então, não é porque um termo não foi dito que ele não está lá; temos que tomar muito cuidado quando nos referimos a casos como estes, pois outros elementos podem estar apontando o sentido do que se quer dizer, mas não os estamos enxergando. Para quem se interessou pelo tema, o nome desse elementos como o "chuva" de "choveu chuva" é objeto cognato. Espero ter contribuído!"

Rafael Torrano Ciancio - Turma 133

“Venho apenas adicionar uma informação de que me lembrei das aulas de Teoria do Texto do professor Ceschin, que costuma destacar os conceitos de forma etimológica: confirmei no dicionário Houaiss que "gramática" é uma tradução latina para *grammatiké*, do grego, "a ciência ou a arte de ler e escrever", e que, conforme comentado pelo professor Ceschin, não compreendia um estudo sobre a estrutura da língua, como a compreendemos hoje, mas, em um sentido mais literal, "aquilo relativo à letra", o que significava conhecer, produzir e reproduzir os **modelos** dos melhores discursos produzidos. Ou seja, a gramática está, em sua origem, fora dos pressupostos científicos, e assim foi reproduzida na cultura romana, muitas vezes com o termo sinônimo, *litteratura*, relativo a *littera*.

Dessa forma, entendo que o uso de um termo em declinação *nominativa* em certo enunciado, equivalendo hoje ao que a gramática escolar denomina *sujeito*, representava um conhecimento *literário* ou *gramatical* em um sentido de *paidea*, de uma cultura de excelência e referência, modelar, o que destoa da perspectiva normativa da gramática, do "certo" e do "errado" gramaticais, mas que tem semelhanças com a perspectiva moderna da linguística onde há gramáticas e que sua variedade, possíveis cruzamentos e inovações são valorizados, ganhando cores mais sociológicas e menos de uma ciência clássica.”

Gustavo Diniz de Faria - Turma 133

“Rafael,

Bastante pertinente essa sua observação a respeito da qualidade de uma teoria ("No meio científico, quanto mais fenômenos a sua teoria puder prever, melhor ela é"). Afinal, pelo que pude observar na última aula, essa é uma das propostas da gramática funcional inaugurada por Halliday: a observação dos fenômenos linguísticos com a finalidade de descrevê-los (por meio da atribuição de funções a eles), e não a mera atribuição de definições, tal como fazem os métodos tradicionais.

Veja que, nesse sentido, a teoria funcional é "melhor" do que as propostas tradicionais, pois essas simplesmente cristalizam conceitos, dando pouca ou nenhuma margem a observações e dizendo, por exemplo, que "sujeito é isso" ou "predicado é aquilo" em vez de observar o funcionamento da língua e, a partir disso, atribuir CARACTERÍSTICAS ao fenômeno, e não uma definição. A teoria funcional, por outro lado, ao atribuir funções à língua à luz de suas estruturas e de seus mecanismos, consegue inclusive abarcar as definições tradicionais. Tanto é que três das definições de sujeito levantadas pela Camila lá no começo do tópico (excluindo aí a de Bechara) podem servir como descrição do sujeito psicológico da teoria funcional, o que não

esgota o leque de possibilidades de análise do sujeito enquanto fenômeno, ao contrário do que acontece nas definições tradicionais, que restringem sujeito a algo específico.”

Andre de Souza Mucciolo - Turma 133

Em aula, a professora comentou sobre o livro do Foucault, *As Palavras e as Coisas*, no qual, usando um texto do Borges, *El Idioma Analítico de John Wilkins*, o autor levanta algumas questões sobre como ordenamos e classificamos o mundo e as palavras.

Foucault informa que a ordem estabelecida pelo homem gira em torno da classificação das coisas: São os *códigos fundamentais de uma cultura*. Mas, ele também deixa claro que esta ordem pode ser mudada por questionamentos, *teorias científicas*, ou *interpretações de filósofos*: “Mas entre essas duas regiões tão distantes, reina um domínio que (...) é mais confuso, mais obscuro e sem dúvida, menos fácil de analisar. É aí que uma cultura, afastando-se insensivelmente das ordens empíricas que lhe são prescritas por seus códigos primários, fá-las perder sua transparência inicial, libera-se o bastante para constatar que essas ordens não são talvez as únicas possíveis, nem as melhores...” FOUCAULT

Ao longo da discussão vista neste tópico, sobre a “definição de sujeito” é possível notar vários conceitos levantados pelos colegas, algumas vezes com comentários do tipo “a definição mais adequada seria essa, ou aquela”.

O engraçado é que por meio da mesma discussão é possível notar que todas as definições fazem sentido, se não em todos os aspectos, pelo menos para determinado caso. Isso ocorre porque as divisões e classificações são convenções criadas pelo homem e cada uma tem validade dentro de um determinado contexto, a coerência nelas é colocada e medida por nós. Assim, falar que sujeito é o ser sobre o qual se declara algo, ou aquele que pratica a ação, vai depender do contexto, pois para se definir sujeito existem várias formas possíveis, ou seja, “as ordens não talvez as únicas possíveis, nem as melhores”.

Mariane Rodrigues de Souza - Turma 133

“Pois bem, concordo com a Mariane, todas as definições fazem sentido, cada uma em determinado caso.

Uma visão como essa é encontrada na Nova gramática do Português Brasileiro, do professor Ataliba T. de Castilho (2010); um estudo recente em que o autor elenca mais de uma abordagem da gramática, estabelecendo uma comparação entre o português falado no Brasil e nos outros países.

Castilho aborda a questão do sujeito da maneira como a professora mostrou em sua última aula, isto é, com base em três domínios: o da sintaxe propriamente dita, o discursivo e o semântico, e compara um com o outro mostrando que, muitas vezes, não há similitude entre as categorias nos casos; o que fortaleceria, por sua vez, a idéia da validade das diversas definições, cada qual em seu contexto de abordagem.

É interessante notar, enfim, a distinção da gramática de Castilho das muitas outras que chegam a nós, me refiro, inclusive, àquelas que são distribuídas como material didático às escolas (públicas, no caso). O autor já inova ao dedicar-se a um estudo do português brasileiro, e vai além ao reunir criticamente diferentes abordagens propondo uma reflexão acerca dos temas, o que estamos tentando fazer, eu acredito, com esse curso e essa discussão.

Um exemplo dessa reunião crítica, se nota quando Castilho trata das propriedades sintáticas do sujeito; ao falar da colocação, reúne visões formalistas às quais introduz dizendo: “Diversos fatores são vinculados à ordem direta [referindo-se, aqui, à construção sujeito-verbo], todos eles apresentados de maneira um tanto vaga: o estilo, a lógica, a índole da língua, a organização do pensamento, o ritmo, a eufonia” (2010) - após apresentar alguns exemplos dessas definições vagas da preferência pela ordem direta, Castilho apresenta algumas contribuições mais relevantes ou aprofundadas de modo a não desprezar a idéia formal.

Pensando, por fim, que se trata de um estudo recente, talvez podemos pensar que ele inaugura um caminho que permitirá à análise gramatical ser mais aberta à discussão, ou à proposição de reflexões.”

Umberto de Souza Cunha Neto - Turma 133

“Matheus, entendo o que você disse e considerando a concepção de sujeito que você citou de Bechara, faz total sentido, porém dizendo que o sujeito é um conceito gramatical e que sua existência é convencionalizada para satisfazer a sintaxe, seria o mesmo que dizer que não existem orações sem sujeito.

Li algumas coisas sobre isso e vi que segundo Maria Eugenia, as orações que a gramática tradicional classifica como sem sujeito, são orações com sujeitos não argumentais que o português representa de forma não expressa e que em outros idiomas como o inglês e o francês, essa posição é expressa por um sujeito expletivo:

“Ocorre que outras línguas, como o francês e o inglês, preenchem a posição com um pronome sem conteúdo semântico (sem referência), a que a teoria linguística se refere como sujeito expletivo, o que nos permite levantar a hipótese de que há, à esquerda desses verbos, em português, espanhol e italiano, um expletivo não expresso.”

Isso parece ir de acordo com o que o Rafael disse, citando-me, quanto aos verbos que expressão fenômenos da natureza, ou seja, ao falarmos “choveu”, apesar de não haver um sujeito explícito, é como se disséssemos que “a chuva choveu” o que é bastante semelhante ao japonês, que numa tradução mais literal ficaria dessa mesma forma.

Voltando ao que disse da primeira vez, a partir disso, vemos que em idiomas como o japonês e o chinês, o sujeito expletivo não é necessário, pois assim como no inglês e no francês há um pronome sem conteúdo semântico, nesses idiomas orientais, o elemento que antecede o verbo, não só possui conteúdo semântico como também é o responsável pelo significado como um todo.”

Henrique Mariano Nascimento Bento - Turma 133

“Após todos esses questionamentos sobre as diversas definições do Sujeito e suas contradições, fiquei me perguntando por que ainda se utiliza essas nomenclaturas e definições, principalmente no ensino básico/fundamental; por que não as modificam? Afinal, se a língua está em constante evolução, não seria de se esperar que a gramática também acompanhasse essas mudanças?

A última aula me esclareceu algumas dessas questões. Quando a professora mencionou que as sentenças em SVO são perfeitas, os termos sempre coincidem com o que é dito sobre o sujeito e sobre os predicados, lembrei que é assim mesmo que aprendemos na escola. Bom, pelo menos foi assim que aprendi. Nos meus livros de gramática, após todas as definições de sujeito, predicado, etc, a maioria dos exemplos que seguem são formados com orações básicas. Vale notar que esses exemplos também servem para esclarecer a definição de sujeito que foi dada – “Termo da oração com o qual, normalmente, o verbo concorda.”:

Ex.: **A notícia** corria de boca em boca. (corria está no singular para concordar com a notícia.)

As notícias corriam de boca em boca. (corriam, no plural, para concordar com as notícias.)

Os demais exemplos também seguem essa estrutura (sentenças em SVO e verbo concordando com sujeito). Creio que isso se repita em outras gramáticas. Afinal, seu papel é a explicação das estruturas linguísticas para melhor compreensão da língua, e não o oposto.

Penso que as Gramáticas Tradicionais/Escolares servem num primeiro momento para iniciar os alunos na gramática, para entenderem como ela é formada e como funciona, quais são suas estruturas. Não será objeto de questionamento. Não estou dizendo que não haverão questionamentos, mas convenhamos que no colégio, principalmente quando estamos nos preparando para o vestibular, ponderações sobre os porquês da gramática não são nossas prioridades. Esses porquês serão levantados e aprofundados no curso de Letras.

A Gramática Tradicional nos dá a base e a partir dessa base podemos formar questionamentos, nos aprofundar, e é dela que estudos lingüísticos vão sendo desenvolvidos. É claro que ela está longe da perfeição, suas definições e nomenclaturas podem não ser as melhores – se é que existe uma melhor do que a outra - mas cada área tenta classificar seus termos de modo que melhor se encaixe na sua linha de estudos. Concordo com os colegas acima, não há certo ou errado, mas apenas o que é mais adequado a determinado contexto.”

Juliana Yukie Nakatu - Turma 133

“Gostaria de dizer que concordo com os meus colegas, aqueles que consideram ser a definição de sujeito dada por Bechara uma boa proposta, uma vez que satisfaz, ao mesmo tempo, diversas correntes teóricas sem, no entanto comprometer as definições oferecidas.

Pretendo também dividir com os colegas uma consideração acerca de sujeito oferecida por José Carlos de Azeredo em “Gramática Houaiss da Língua Portuguesa”, que me parece interessante. Segue abaixo o que ele diz:

“Convém sempre ter clara a distinção entre função sintática e função semântica. As funções sintáticas são conferidas a palavras e sintagmas pela posição estrutural que estes ocupam no respectivo contexto gramatical. Portanto é um equívoco identificar sujeito com ‘agente do verbo’ e objeto direto com ‘paciente do verbo’, haja vista o que se pode observar na comparação entre as formas ativa e passiva de uma oração, em que os termos têm a função sintática alterada, mas mantêm a respectiva função semântica (cf. *Marcelo descascou o abacaxi/ O abacaxi foi descascado por Marcelo*). Tampouco é correto definir sujeito como ‘termo sobre o qual se faz uma declaração’. Esta definição é válida para noção textual de tópico, que nem sempre corresponde ao sujeito da oração. Com efeito, em *O corpo do pardalzinho, Sacha enterrou no jardim*, o corpo do pardalzinho é o ‘termo sobre o qual se faz a declaração, mas não é sujeito da oração. Houve aí um deslocamento do objeto direto – o corpo do pardalzinho – para o início do enunciado, de modo que seu sujeito – Sacha – ficou na segunda posição.”

Neste trecho, embora o autor vá ao encontro do estamos tratando neste curso, até o presente momento, ele não define de fato o que é, categoricamente.

O que também deve ser considerado é o ensino de gramática nas escolas, já que aquilo que é praticado é muito restritivo, se considerarmos a língua e a linguagem sistemas muito complexos para simplificações de qualquer natureza.

Acho que é isso,

Espero ter contribuído com a discussão!

Um abraço”

David Budeus Franco - Turma 133

“Os termos da oração, para muitos gramáticos tradicionalistas, são repartidos entre essenciais, integrantes e acessórios, o que não é válido se pensarmos sobre quais as relações que se dão entre os termos da oração. Essas relações, aí sim, vão determinar o que é "mais válido" ou não no momento da enunciação. Em relação ao termo da oração, o sujeito, um dos conceitos mais trabalhados pelos gramáticos tradicionalistas é o de ser ele o ser sobre o qual se faz uma declaração, mas paradoxalmente estas mesmas gramáticas pregam que há orações sem sujeito. Perini(1985), inclusive, faz uma crítica quanto a essa definição. Em relação à divisão, dos gramáticos tradicionalistas, da oração em sujeito e predicado, como avaliar um predicado(numa situação enunciativa em que não há sujeito na oração), sendo que a própria G.T.diz que predicado é tudo aquilo que se diz do sujeito? Sobre os conceitos de tópico e de comentário (para muitos coincidem com sujeito e predicado, respectivamente), Maria Eugênia Duarte,em um de seus trabalhos, dá um exemplo de topicalização, a saber: "Corrida de cavalo, eu nunca fui ao jôquei clube" . O termo "corrida de cavalo" é o tópico sobre o qual se faz um comentário" eu nunca fui ao jôquei clube". Porém nesta enunciação, segundo uma visão da gramática tradicionalista, o tópico não é o sujeito da oração. Mas essa mesma gramática tradicional não

diz que sujeito é o ser sobre o qual se faz uma declaração? Porque o comentário " eu nunca fui ao jôquei clube" é sobre "corrida de cavalo". Outros estudiosos da língua portuguesa dizem que esse tipo de topicalização é de tema, ou seja, é um sujeito psicológico, ligado ao discurso que lhe dá o sentido. Ainda sobre a sentença "Corrida de cavalo, eu nunca fui ao jôquei clube", para a G.T. o sujeito se encontra no comentário sobre o tópico, ou seja, o pronome "eu", do comentário "eu nunca fui ao jôquei clube", é o sujeito desse enunciado. Isso nos leva a refletir sobre os termos da oração que podem desempenhar vários papéis numa sentença. Como é o caso da topicalização do objeto direto. Nessa sentença " O patinho mataram", o termo "o patinho" é, ao mesmo tempo, o paciente da ação de "matar"(obj. direto), como também é o ser sobre o qual se faz uma declaração, assumindo assim a função de sujeito."

Marcia Maria Oliveira Freitas - Turma 133

"Concordo com a Juliana Nakatu em partes. O uso de frases seguindo o modelo SVO nas aulas de gramática é mais frequente, talvez por ser mais fácil a visualização dos termos da oração nele. Todavia, quando estamos diante da língua em uso - essa que ela define como *em constante evolução*, e está certíssima por isso- esse modelo não garante as diversas possibilidades (as que vêm sendo discutidas em aula e neste tópico). Assim sendo, se as variações não são trabalhadas, haverá sempre uma deficiência na formação dos alunos no que se refere a interpretação de sentenças e construções distintas desse padrão.

Além do seu comentário e de verificar as definições dos gramáticos sugeridos, me apoiei em uma pesquisa simples feita em livros didáticos utilizados atualmente. Num deles (*Projeto Araribá: português: ensino fundamental / obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora executiva Áurea Regina Kanashiro. – 3.ed. – São Paulo: Moderna, 2010.*), encontrei informações interessantes que podem alimentar a discussão.

Em primeiro lugar, é uma obra organizada por diversos bacharéis e licenciados em Letras pela USP, além de profissionais de outras universidades bem conceituadas (considere importante destacar essa informação por conta da discussão sobre a distância entre a pesquisa acadêmica na área e o ensino de gramática nas escolas de ensino básico/ fundamental). Na parte de morfossintaxe, o primeiro momento do livro em que se propõe a falar de sujeito, há a definição "**Termo sobre o qual se refere o verbo da oração**". Só isso. Não se encontra nem mesmo o "*normalmente*" cauteloso adotado pela Juliana para indicar variáveis.

Como se trata do exemplar do professor, me detive também nas notas extras (impressas em vermelho para ajudar na orientação das aulas). Numa delas, existe uma pequena consideração sobre a importância do ensino da sintaxe e da respectiva apreensão do aluno, vejamos: "*Esse conhecimento, portanto, amplia os usos que podemos fazer da língua, propiciando a produção de diferentes efeitos de sentido, dependendo da situação em que estamos. Professor: o trabalho de análise e reflexão sobre a língua pretende aprimorar os usos da língua e da linguagem para que os alunos sejam capazes de manejar os enunciados às situações e objetivos de comunicação e às condições de interlocução*". Ora, como é possível "*a reflexão sobre a língua*" se mesmo na definição dos termos da oração – informações básicas para o entendimento de qualquer idioma – encontramos uma forma cristalizada, abdicando das variações, tão plurais?

Notem, a intenção dos autores/organizadores, expressas nas orientações dadas ao professor, não estão coerentes com a informação que é dispensada no livro do aluno. Talvez o problema fosse remediado se houvesse uma parte tratando de possíveis variações, ocorrências da oralidade (como vimos na última aula), mas isso não acontece.

De fato, a investigação mais profunda sobre a língua interessa pesquisadores, estudantes de Letras, professores, enfim. Mas considerando a linguagem como ferramenta singular da expressão humana, creio que o modo como ela é ensinada é extremamente falha. Um estudante que não opta por um curso de letras no vestibular, carregará a informação "básica" num modelo SVO pelo resto da vida. Sendo deficiente dessa maneira, a gramática é tida como inútil, e por isso desinteressante para essas pessoas. Nesse ponto, entramos em outro mérito, que abrange a discussão da linguagem nas suas definições gramaticais e na inerente

capacidade humana de utilizá-la, sem conhecer essas mesmas definições; mas isso é assunto para outro tópico.

Abraços,

Jáderson Porto”

Jáderson Johnattan Porto - Turma 133

Tema 3: A predicação verbal e outras formas de predicação

As postagens selecionadas nesse tema questionaram a noção de predicação, mais precisamente predicação verbal. Muitos alunos, nas suas postagens, afirmaram não haver oração sem verbo, sendo este o termo essencial da oração. Já outros, poucos, afirmaram que há orações sem verbo, ou seja, uma oração pode ter outro predicador que não o verbal. Achei interessantes esses comentários, pois traz à tona uma intuição interessante quanto à existência de outros tipos de sintagmas, como o nominal, o preposicional, adjetival etc. Outros alunos, aliás, discutiram a oração 'João é bonito', em que se afirmou não ser o verbo o predicador, mas o adjetivo.

"Olá turma 2011111!"

Para quebrar a cuca:

Até o presente momento, estamos assumindo como única possibilidade de predicação o **predicador verbal**. Para os colegas, há outra possibilidade de **predicador**? Se assumirmos que todo predicador é verbal (ao menos em português), por que então Duarte especificaria **predicador verbal** em seu texto? (Duarte, 2007).

Algumas abordagens mais contemporâneas da sintaxe (sobretudo em sintaxe minimalista) assumem que nem sempre o sintagma verbal é o núcleo de uma oração, o que poderia ser comprovado através do estudo de determinadas línguas que não fariam distinções entre verbos e nomes. Assim sendo, a noção de **verbo** ainda não seria ponto pacífico na Gramática Universal. Já o quadro mudaria se observássemos somente a sintaxe do português, uma vez que os verbos parecem estar sempre presentes, ainda que em elipse (Por exemplo: Eu moro aqui / Você lá).

É possível pensar em orações sem verbo? O que os colegas têm a dizer sobre isto?"

William Raphael - Turma 111

"Bom, para mim não tem uma oração sem verbo..."

Por mais que o verbo não apareça, está subentendido pelo contexto.

Só conseguimos entender "você lá", porque tem um contexto. Se ela for jogada numa situação qualquer, não poderia ser considerada uma oração que faz sentido."

Erika Tiemi Hirata - Turma 111

"Olá pessoal,

Assim como a Erika, acho que não há oração sem verbo, mas, pelo que entendi, nem sempre ele é o predicador, assumindo que predicador seja um elemento que vai projetar os demais termos da oração, ou seja, o núcleo da oração. Talvez eu esteja falando bobagem, mas li o texto da Duarte (2007) e há orações em que o núcleo não é o verbo, mas sim um nome ou até mesmo uma "estrutura complexa" que a gramática tradicional vai chamar de verbo-nominal. Todas elas apresentam um verbo, mas no caso de uma oração como "Marina é advogada", o predicador não é o verbo, mas o nome. É esse nome quem vai selecionar e organizar o argumento "advogada". Entretanto, o verbo tem de aparecer pois ele é quem dá as marcas de tempo, número, pessoa, modo, etc (Duarte, 2007). Nesse caso, o verbo de ligação aparece para "dar a sentença o estatuto de oração". Não sei exatamente qual a definição de oração, mas pelo que entendi é imprescindível que haja verbo, mesmo que ele não seja o predicador da oração."

Mariana Araujo Braga - Turma 111

"Complementando a meu ver o que a Mariana escreveu, no colégio já me foi ensinado que o verbo nem sempre é o núcleo da oração, por isso a diferenciação entre predicados verbais - nos quais o núcleo é o verbo; predicados nominais - nos quais o núcleo é o nome e existe um verbo

de ligação; e predicado verbo-nominal - no qual existem dois núcleos, o verbo e o nome. Um exemplo de cada um seria:

Predicado Verbal: João caminha toda manhã - núcleo: caminha

Predicado Nominal: João está cansado - núcleo: cansado (predicativo do sujeito)

Predicado Verbo-nominal: João caminha cansado - núcleo: caminha e cansado

Agora se há orações sem verbo, eu posso dizer "ontem apenas garoa, hoje tempestade", e alguém pode dizer que a frase na verdade é entendida como "ontem havia apenas garoa, hoje há tempestade", porém estes verbos não foram ditos e sim inferidos pela pessoa que codifica a oração. Se eles realmente estão lá, só que "ocultos", é algo que não sei responder."

José Eduardo da Silva - Turma 111

"Pensando na frase que o José colocou: " "ontem apenas garoa, hoje tempestade", (...) a frase na verdade é entendida como "ontem havia apenas garoa, hoje há tempestade", porém estes verbos não foram ditos e sim inferidos pela pessoa que codifica a oração."

Acredito que, se fizermos uma rápida comparação com as frases produzidas por uma criança, não teremos muita diferença, uma vez que no início de sua aquisição há frases que não apresentam verbos. Em geral, todas as crianças falam "Água" quando querem na verdade dizer "Quero água" ou "Dá água".

A meu ver, isso demonstra que se os verbos não estão explícitos na oração, eles estão ocultos em todas elas, entendo como se fosse uma visão de mundo. É como se não conseguíssemos entender uma oração sem uma ação (representada na frase pelo verbo), ou seja, na nossa visão de mundo nada faria sentido sem um verbo expressando ação ou estado."

Aline de Lima Benevides - Turma 111

"Ontem, apenas garoa. Hoje, tempestade", num contexto literário esse exemplo é válido, mas, sinceramente, se alguém falasse assim em uma conversa sem usar verbos eu iria achar que a pessoa não tem domínio do idioma ou é uma criança pequena aprendendo a falar."

Mayra Kaori Oikawa - Turma 111

"E que tal o slogan do Habibs: "Você feliz" ?

<http://www.habibs.com.br/sobre-a-empresa/historia/>

William Raphael - Turma 111

"Creio que haja sim outras possibilidades de predicador que não o verbal, pois assim como a Mariana colocou, o verbo nem sempre assume a função de predicador.

Mas creio que a presença do verbo seja de suma importância para a real e exata compreensão de uma oração.

Nos exemplos do José e da Aline, em que os verbos estão "ocultos", há mais de uma possibilidade de verbos a serem subentendidos. Vejo que quando os verbos estão "ocultos", a noção e o conhecimento da Língua do falante parecem determinar e restringir a possibilidade de verbos a se encaixarem na oração, mas dificilmente restringem esta possibilidade a apenas um verbo, possibilitando diversas vertentes de compreensão para a oração expressa.

Então para a comunicação clara, objetiva e compreensível o uso e a presença do verbo fazem-se essenciais, pelo menos dentro do Português."

Sandra de Cassia Costa Ferreira - Turma 111

"→ William, no exemplo " Eu moro aqui / Você lá", o que ocorre é a elisão do verbo que, por já ter sido utilizado, deixa de ser necessária a sua repetição; perceba que não seria possível elidir o verbo da segunda oração caso a primeira estivesse distante, por exemplo: **Eu moro aqui, quando quero comprar algo novo preciso fazer uma viagem para comprá-lo. Isso é cansativo. Você lá.**

Concordo com o argumento da Mariana de que: “ o verbo tem de aparecer pois ele é quem dá as marcas de tempo, número , pessoa, modo, etc (Duarte, 2007)”. Quando se diz que o verbo nem sempre faz parte do núcleo e que por isso ele deixa de ter importância deixamos de pensar no todo, pois ainda que o verbo não seja o núcleo da oração, ele não passa a ser dispensável. Utilizando o exemplo do José Eduardo :

Predicado Nominal: João está cansado - núcleo: cansado (predicativo do sujeito) → o fato de cansado ser o núcleo da oração não implica em dizermos que a oração poderia ser **João cansado**, ou **cansado**, apenas que a oração quer passar a ideia de cansaço do João, mas para isso é preciso apresentar cansado como um estado e, valendo-se do verbo (**está**).”

Mayara Farias de Carvalho - Turma 111

“Mas no caso desse sintagma nominal nem sempre o verbo tem valor semântico. Por exemplo, "João é bonito". O verbo ser não tem exatamente uma carga semântica. Parece só ligar os dois termos, no caso o predicador "bonito" e o argumento "João". Em línguas como o hebraico e o árabe, por exemplo, o verbo nem aparece nesse caso.”

Marian Gabani Gimenez - Turma 111

“Concordo com a Mari pois não consigo pensar em uma oração sem um verbo... A meu ver sem um verbo não há oração, pois mesmo ele não sendo o predicador, sua ausência acarreta total falta de sentido. Mas não me refiro as orações onde o verbo está implícito. Essas orações, como "Ontem apenas garoa, hoje tempestade" do Eduardo e "Você feliz" do Willian, pra mim fazem total sentido, pois meu conhecimento da língua e do mundo que ela codifica que me dão a capacidade de saber que nessa oração há uma ação expressa e quais verbos são possíveis nelas. Nesse ponto discordo da Mayra quando ela diz que a oração "ontem apenas garoa, hoje tempestade" pareça ser reproduzida por alguém que não domina sua língua, pois creio ser necessário ter um bom domínio da língua para formular uma oração dessas. Imaginem o quão difícil é para um falante de outra língua que esteja aprendendo português conseguir decodificar uma oração assim... Não tenho nenhum exemplo para comprovar, mas acho essas orações tranquilamente possíveis na literatura, pois são complexas e carregadas de sentido com economia de palavras. "Sem mais"... (essa seria uma oração sem verbo? o.O)”

Cristina Zelinda Soares Minucelli - Turma 111

“Boa noite pessoal,

Concordo que não há oração sem verbo, no entanto, de acordo com Duarte, 2007, o verbo pode ou não ser o predicador da frase; tendo em vista a definição de predicador como: "o elemento nuclear que dá origem à oração", ele pode ser verbal, nominal ou ainda complexo.

O verbo é essencial em uma oração, pois quando eu formulo uma frase que contenha uma ação ou informações sobre o estado de espírito ou qualidade de algo ou alguém eu preciso necessariamente de um verbo. Porém, uma vez que entendido o contexto de uma determinada informação juntamente com o conhecimento de mundo do falante é possível elidir o verbo sem tornar a oração incompreensível.

Achei perfeito o exemplo da Cris sobre um falante de uma determinada língua que está aprendendo outra e pode não entender uma frase com um verbo implícito, pois ele não possui o domínio da língua, mas ele irá acionar o seu conhecimento de mundo e procurará a palavra que melhor se encaixe na frase para entendê-la. Outro ponto muito interessante é o fato de que não elidimos só os verbos, mas outras palavras, como substantivos, adjetivos, advérbios...tudo em nome da economia de palavras!”

Dayana Cristina Domingos da Silva - Turma 111

“A frase é a unidade mínima de comunicação; para a sua constituição é necessário uma ou mais palavras. Se é formada por várias palavras, pode ou não conter o verbo. A frase que contém

uma só forma verbal(clara ou oculta) ou locução verbal origina uma oração. Então, toda oração contém uma forma verbal (clara ou oculta). A frase formada por várias palavras sem a presença do verbo necessita da entonação para reconhecê-la. É o que pode estar acontecendo em: "ontem apenas garoa, hoje tempestade" ou "você feliz"."

Tieko Akita - Turma 111

“Concordo com o que você disse, de haver esta distinção entre **frase** e **oração**. Apenas não acredito que seja necessário entonação pra reconhecê-la porque se alguém me fizer uma pergunta e eu responder apenas "sim", seria uma frase independente da maneira como eu a pronunciasse.”

José Eduardo da Silva - Turma 111

“Com essa discussão eu me lembrei de uma coisa... Na escola, eu tinha uma professora que dizia "toda oração é uma frase, mas nem toda frase é uma oração". Dizia também que para se saber o número exato de orações num determinado parágrafo, por exemplo, bastava se contar o número de verbos existentes. hahaha
E aí? Ela nunca explicava a possibilidade de um predicador em elipse...”

Joice Rodrigues - Turma 111

“Bom, a escola tem essa função de complicar sem explicar. Eu também aprendi oração como qualquer-sintagma-com-um-verbo (claro que a palavra usada não era sintagma...). Talvez por isso eu nunca tenha chegado em orações reduzidas ou nominais nas aulas de gramática.”

Marian Gabani Gimenez - Turma 111

“Pensando sobre verbos e sujeito:

Lembrando que Perini (1991 p.17) diz que “sujeito é o termo com o qual o verbo concorda”, ao analisarmos pela gramática de valências a frase: *Meu time ganhou*, a estrutura de verbo monovalente confirma a forte ligação entre o sujeito e o verbo.

A gramática de valências, o termo vem mesmo da química conforme já havia sido comentado neste fórum, foi introduzida pelo linguista francês Lucien Tesnière (1893-1954) torna nosso estudo de transitividade de verbos e de seus complementos mais coerente. Temos os tipos monovalente, bivalente, trivalente e avalente (quando não necessita de complemento).

Observando a frase: *Maria quebrou o copo*. Começo a pensar na variação: *O copo quebrou Maria*. Não há como trocar os argumentos de posições. Isso me leva à concluir que existe uma noção semântica que influencia em certas combinações de argumentos. Existe a influência semântica na análise dos complementos verbais.

Há casos em que o verbo tem necessidade de um complemento verbal para completar o seu sentido como no caso dos verbos transitivos. Já quando não apresenta esta necessidade de preencher este sentido do verbo temos os intransitivos. Aqui tem-se uma curiosidade. Apesar do verbo intransitivo não precisar de complemento ele vem acompanhado de adjuntos adverbiais. Cabe a pergunta: Se o verbo é intransitivo, por que usar complementos? Neste caso os adjuntos adverbiais detalham a ação expressa pelo verbo ou realçam.

Exemplo: *As folhas caem no inverno*.

Tudo gira em torno do verbo, ele é responsável por selecionar os complementos com os quais ele estabelece sentido. Na leitura do texto *Termos da Oração* de M.E.L. Duarte sobre predicadores verbais e seus complementos deparei-me com a frase: *Eu agradeço aos ouvintes por sua atenção*. Sabemos que "agradecer" (Dicionário Aurélio) se sinônimo de "mostrar-se grato por" é classificado como VTDI (verbo transitivo direto e indireto). Numa primeira leitura eu concluiria que há um erro de regência do verbo que me levaria a corrigi-lo como comentado na apostila. Mas, para minha surpresa após a leitura se analisarmos conforme Rocha Lima, foram ampliadas as possibilidades de análise e a frase estaria correta. O que me leva a pensar

que várias dúvidas que eu tenho sobre regência poderiam se enquadrar nesse tipo de análise como por exemplo o verbo *visar* (sentido de almejar) que normalmente seria VTI (verbo transitivo indireto) pode também ser classificado como VTD (verbo transitivo direto).

Exemplos: *Visei a melhor emprego.*

Visei seu melhor aproveitamento."

Debora Valery Ruiz - Turma 111

"Oi, pessoal!

Penso que o verbo é sem dúvida o predador mais usado nas sentenças como já disseram e que também há predicadores nominais e complexos com a presença do verbo.

Porém discordo de alguns que falaram que frases sem os verbos ficam incompreensíveis ou não definem o estado de espírito do enunciador. Por exemplo, frases do tipo "Ai, meu Deus!" fica evidente o estado de lamentação do enunciador, ou "Muito obrigada!" fica clara a idéia de agradecimento e ambas não tem predicadores verbais."

Sueli Rafael - Turma 111

"Não acho que o verbo seja uma ilusão de ótica, mas também não acho que ele seja algo dado. A cultura da qual fazemos parte nos impõe a idéia do verbo como algo indispensável. Nossa visão de mundo e conseqüentemente nossa língua estão tão coladas à idéia da necessidade do verbo que não conseguimos no geral nos desvincular dela quando tentamos refletir sobre o assunto. Vamos ao [dicionário] Houaiss, apenas para um exemplo. Lá temos, como uma das definições de "verbo": "palavra de Deus ou o próprio Deus, segundo a Bíblia". Não querendo entrar em questões de crença, mas apenas lembrando que nossa sociedade é profundamente enraizada na tradição judaico-cristã (e disso não escapam nem os ateus), podemos ver que em nossa cultura o verbo está diretamente associado à imagem do criador e da criação do mundo.

É inegável que a percepção que temos do que seja ação, movimento, transformação, pensamento e do próprio transcender do tempo está indissociavelmente ligada à nossa percepção/consciência de estarmos vivos, de nos comunicarmos e de produzirmos conhecimento. Em nossa cultura, essa percepção está colada à ferramenta de linguagem "verbo". Ou seja: acreditamos que o verbo seja imanente à linguagem. Quando fazemos isso, estamos pensando em nossa língua como algo dado e como algo único e invariável. No entanto, podemos questionar se as noções de ação, movimento, transformação etc. precisam mesmo estar obrigatoriamente ligadas à ferramenta "verbo".

A poesia é um bom terreno para ajudar a pensar no assunto. Segue como exemplo um verso do João Cabral, tirado do "A educação pela pedra":

"A mão de pilão das ondas na areia"

Não há verbo aqui. Nem verbo oculto nem verbo algum. No entanto, qualquer um que já tenha olhado o mar pode ver a imagem evocada pelo verso. É pura ação e movimento... e ausência de verbo.

Claro, sei que em nossos estudos de sintaxe a idéia é observarmos nossa língua e compreendermos seu funcionamento. Também sei que em nossa língua o verbo desempenha um dos papéis principais. No entanto, acho interessante podermos, antes do mergulho, olhar a piscina de fora para que possamos sair dela quando isso nos for interessante. O verbo é essencial em nossa língua: sim. O verbo é essencial: não."

Betina Leme - Turma 111

"Você feliz" só é oração na língua do Tarzan."

Aline de Oliveira Santana - Turma 111

"É fato que falta indicação de tempo e modo nessa frase. Mas dentro de um contexto você pode entendê-la perfeitamente. Sendo ou não o Tarzan."

Pessoal

Tentando realizar a análise sintática dos exemplos dados "eu moro aqui/você lá" "ontem apenas garoa, hoje tempestade" "você feliz" e "A mão de pilão das ondas na areia", percebo que não é viável depreender os termos da oração, creio que isso ocorra por causa da ausência do verbo. Por isso, trago a idéia de que esses exemplos só podem ser compreendidos e analisados por disciplinas especiais, como a Análise do Discurso e a Pragmática. Esses exemplos não contam para efeitos de estudo sintático.

Abraços”

Daniele Lopes Freitas - Turma 111

“Nas orações que vimos sem verbo, não conseguimos decifrar a objetivamente o conteúdo da frase do falante. Nós pegamos a frase e tentamos criar um significado somente onde essa frase se estende, o que é um problema quando analisamos o conteúdo do que realmente se quis dizer. Acredito, então, que não pode haver oração sem verbo. Se ele não estiver na frase em questão, são duas hipóteses a serem vistas: ou está oculto ou a frase continua mais pra frente. E para mim, todos os exemplos citados tem um verbo oculto, inclusive como o exemplo de frase nominal: "(desejo-lhe um) bom dia !". Entretanto, creio que em casos assim podemos cair em uma armadilha de não entender exatamente o significado que o construtor da frase gostaria de passar ou então outro que talvez não tenha nada a ver com o que ele pretendeu. Acho que o verbo é sempre fundamental e concordo com a frase da Sandra, que para a comunicação clara, objetiva e compreensível o uso e a presença do verbo fazem-se essenciais, pelo menos dentro do Português.”

Márcia de Aparecida Santos Mendes - Turma 111

“"Bom dia!" É linguagem fática, nem sempre você diz bom dia com a intenção de desejá-lo. Não é uma oração, é uma frase; para ser oração tem que ter verbo. É a mesma coisa que dizer "Oi!". Onde está o verbo?”

Aline de Oliveira Santana - Turma 111

“Marian, o fato de o verbo cumprir uma função de ligação não implica a exclusão do seu papel. Ainda que o papel dele não seja o de apresentar uma ação, ele cumpre uma função na oração, sem ele não seria possível, em português, atribuir características a uma pessoa, por exemplo. Concordo que exista em outras línguas a possibilidade da não utilização do verbo de ligação; nas quais provavelmente haja uma partícula no próprio adjetivo que torne o uso do verbo de ligação desnecessário, mas não creio que isso seja aplicável ao português.”

Mayara Farias de Carvalho - Turma 111

“Olá, pessoal!

Respondendo a questão do William e reforçando o que alguns colegas escreveram, referente a outra possibilidade de predicador que não seja verbal, há também os predicadores nominais e os verbo-nominais, conforme o texto da Maria Eugênia Duarte cita em determinado momento.

O que a Gramática Normativa nos ensina é que uma frase, que é a unidade mínima de comunicação, pode ou não conter um verbo. Se ocorrer verbo, é chamada, então, de oração. Um dos colegas também fez essa afirmação, citando, inclusive, a entonação como sendo fundamental para que reconheçamos uma frase que não contenha verbo. Do contrário, segundo Cunha e Cintra (2001), tratar-se-ia apenas de vocábulos, sem nenhuma função.

Então, tendo reforçado o que alguns colegas disseram e tentando partir agora para uma opinião um pouquinho mais original, acredito que seja possível aceitar bem uma língua em que os

enunciados linguísticos não contenham verbo. Mas (correndo um grande risco de cair no erro) acho que o fato de o verbo estar tão presente em nossos discursos revela um certo grau de "sofisticação" no nosso ato de comunicação."

Francine Alves Polidoro - Turma 111

"Olá pessoal.

Legal ver a questão tão comentada!

Ainda tenho dúvidas ao analisar orações como "Que tal o novo sorvete do bar?" ou "Aqui: Apartamentos Decorados", ou mesmo "Muita discussão para um dia só", ou então "Saudações para Gabriela!" ou ainda "Bonito, não, José?", dentre tantas outras...

De fato, estas possibilidades parecem transcender alguns tópicos considerados absolutos em sintaxe.

Entretanto, o que elas teriam em comum, ao meu ver, é o fato de serem sofisticações relacionadas ao discurso.

Na verdade não me parecem orações completas e sim corruptelas de outras orações, das quais seriam interdependentes.

"E aí, algo mais?"

William Raphael - Turma 111

"Esses exemplos não contam para efeitos de estudo sintático."

"Acredito, então, que não pode haver oração sem verbo. Se ele não estiver na frase em questão, são duas hipóteses a serem vistas: ou está oculto ou a frase continua mais pra frente"

"Colegas, algo que eu aprendi com a faculdade é que nunca podemos ser muito enfáticos em determinar uma *verdade* sobre determinado tópico, tanto nas áreas de exatas e biológicas quanto principalmente na área de humanas. É perigoso de dizer "isso não é possível" ou "é apenas dessa maneira". Essa discussão está muito relevante porque nos mostra coisas que damos como certo sem nunca nos questionarmos, pois a nossa fluência na língua vem antes do estudo sobre ela.

Deste modo, a "ilusão de ótica" realmente estaria no nível acadêmico porque no nível do senso comum podemos ouvir frases como "**mim Tarzan, você Jane**" e compreender perfeitamente, ainda que não seja algo mais elaborado como **eu me chamo Tarzan e você se chama Jane.**"

José Eduardo da Silva - Turma 111

"Assim que vi este tópico, também me lembrei de interjeições e frases exclamativas como "Socorro!" e "Nossa senhora!", que expressam sentimentos. Como a Tieko já comentou, acho importante fazer a distinção entre frase e oração nesta questão. Podemos tranquilamente aceitar que existem frases sem verbo, como as interjeições, porém, é mais complicado pensar em orações sem verbo. Mesmo quando está oculto, o verbo está presente; mesmo quando o predador é nominal, ele precisa de um verbo de ligação, que "não é o responsável pela projeção da estrutura, mas lhe dá o estatuto de oração" (Duarte).

Porém, assim como a Daniele, acho que esta questão extrapola a abrangência do nosso curso e que deveria ser analisada à luz de outras disciplinas também."

Erica Mayumi Fujito - Turma 111

"Essa discussão toda me faz pensar num artigo do Jakobson em que ele cita Sapir e, posteriormente, Bentham. De acordo com Sapir, os tipos fundamentais de referentes das classes gramaticais seriam os *existentes* (substantivos), os *ocorrentes* (verbos) e os *modos de existência* e de *ocorrência* (adjetivos e advérbios, respectivamente).

Bentham, também acerca do tema das "ficções linguísticas", propõe que as entidades fictícias devem sua "impossível, mas indispensável" existência apenas à língua, e que não devem ser confundidas com a realidade e nem atribuídas à "imaginação criativa dos linguístas".

Concluindo, Jakobson levanta a hipótese de os conceitos gramaticais representarem "realidades subliminares a que estejamos simplesmente vinculados".

As línguas existem independentemente de nossa capacidade de descrevê-las, afinal. Não creio que as línguas, por mais distintas que suas estruturas possam ser, não apresentem funções equivalentes, como querem fazer crer alguns colegas acima."

Alexander Barutti Azevedo Siqueira - Turma 111

"Na minha opinião, como alguns colegas já citaram, para ser oração, tem que ter verbo. Lembro até de uma aula que tive na 5ª série, no qual a professora nos pedia para acharmos provérbios que não contivessem verbos. O mais lembrado foi 'cada macaco no seu galho'. Pensando em tudo o que os colegas escreveram aqui, fiquei na dúvida se no provérbio em questão há uma elipse de verbo, ou se realmente ele não se faz necessário para que entendamos o sentido da frase.

Concordo porém, com a Daniele (se não me falha a memória) que disse que algumas frases aqui postadas seriam melhor estudadas pela Pragmática e Análise do Discurso."

Juliana dos Santos Andrade - Turma 111

"Cada macaco "deve ficar" no seu galho?"

José Eduardo da Silva - Turma 111

"José Eduardo,

A discussão realmente é muito relevante, antes de comentar neste tópico, refleti muito a respeito dos exemplos dados, com base na bibliografia para tentar compreendê-los e analisá-los. Tentando focalizar no domínio da sentença, a conclusão que cheguei foi a de que não consigo depreender os termos da oração nos exemplos que eu mencionei. Desta forma, acredito que para identificarmos o sujeito e o predicado é necessário a presença do verbo. Nos textos de DUARTE, M.E.L.(2007) e Duarte, Inês (2003) não encontrei nenhum exemplo de sentenças sem verbo sendo analisados sintaticamente. Segundo DUARTE, I(2003) o verbo sempre é colocado na sentença como um predicador. Mesmo em sentenças que temos um predicador nominal, este é "colocado", segundo a autora, como um predicador sintaticamente secundário e o verbo copulativo como um predicador sintaticamente primário.

" O esquema relacional de cada frase depende das propriedades do verbo presente na mesma." (DUARTE, I., 2009, P. 295).

Há fatos que o estudo gramatical não aborda, encontrei no texto do Perini (2007) que situações anafórica, por exemplo, não são tratadas pelo estudo gramatical, somente casos estritamente especiais, e que no geral são tratadas por outras disciplinas. Daí propus a análise dos dados mencionados sob o enfoque da Pragmática ou Análise do Discurso.

Aqui não se trata de propor verdades ou mentiras, estou tentando aplicar o que aprendo e tentando chegar a conclusões para construção do meu conhecimento.

Aliás, em ciência não cabe procurar a verdade. Um exemplo muito interessante a respeito disso, encontrei no texto do prof. Ataliba (2010), dizendo que antes os cientistas classificavam os animais como mamíferos e vivíparos, e que estava tudo certo, até que encontraram o ornitorrinco um mamífero que bota ovos. E agora há necessidade de rever essa classificação? É com afirmações e contestações que vamos tentando compreender nosso mundo. Da mesma forma, se conseguirmos analisar sintaticamente uma sentença sem verbo, concluiremos: podemos no domínio da sintaxe ter sentenças sem verbos. Por enquanto, eu acredito que não, assim como alguns afirmaram que acreditam que é possível, e a discussão segue.

Abraços,"

Daniele Lopes Freitas - Turma 111

“Daniele, gostei de sua explicação e de seu exemplo, sei que nenhum de nós estamos propondo verdades, mas sim propondo hipóteses que podem ou não serem refutadas.

Sei que discordei sobre as frases não poderem ser analisadas sintaticamente, porém eu tentei fazer uma análise na frase que dei como exemplo "ontem apenas garoa, hoje tempestade", e logo a primeira palavra é um "adjunto adverbial de tempo" que não está estaria modificando um verbo, adjetivo ou advérbio, mas um substantivo! Isso indicaria pra mim que o verbo "haver" está mesmo lá, mas oculto, pra que isso faça algum sentido..."

José Eduardo da Silva - Turma 111

“Pessoal

Depois da aula de ontem, percebo que eu estava tentando realizar uma análise sintática formal com os exemplos citados, mesmo sabendo que ainda não tenho embasamento teórico para tal, este fórum está aberto para criarmos hipóteses e conclusões utilizando nossa intuição e leitura dos textos. Suellen, nos exemplos mencionados, concordo com você, são perfeitamente compreensíveis, tanto que “Você feliz”, segundo William, é utilizado como um slogan, pois bem, a intenção é a de que o consumidor entenda a mensagem.

Tentei direcionar minha reflexão para um determinado “domínio”. Como estamos tratando dos termos da oração (relação gramatical), tentei identificá-los nos exemplos e percebi que não consigo delimitá-los sem a presença do verbo, ou o contrário ficaria: Você –suj □ feliz- pred. Suj. Nos textos de DUARTE, I e DUARTE M.E.L, não temos suporte para afirmar isso, porém acabei de ler o capítulo 8 da Gramática de Castilho (2010) e me deparei com o seguinte exemplo: “Negocio fechado”. Jose Eduardo, devo dizer que tenho que refutar minha afirmação de que os exemplos mencionados não são analisáveis no domínio da sintaxe. Eles podem ser analisados como sintagmas, o autor denomina o exemplo citado como minissentença, assim, há minissentença nominal, adjetival, adverbial e preposicional. Dêem uma olhada.

Ressalto que esta abordagem é funcional e , segundo a profª. nosso curso terá como base a sintaxe formal, por isso não sei se essas noções podem ser transportadas para a abordagem formal.

Abraços”

Daniele Lopes Freitas - Turma 111

“Oi, Daniele, você pode me chamar só de Eduardo, interessante essa classificação de minissentenças que você citou, faz muito sentido nos exemplos que temos discutido. A noção que a professora passou de parataxe também me esclareceu muita coisa. No mais, ainda que a abordagem de nosso curso seja outra, é bem mais fácil questionar conhecendo outras definições e possibilidades.

Abçs”

José Eduardo da Silva - Turma 111

“Daniele,

Concordo bastante com sua explicação, e principalmente com o final, quando você fala sobre a necessidade de rever as classificações.

Não apenas rever, mas será que no colégio, não seria mais fácil e até lógico que todas as explicações fossem colocadas, mesmo quando controversas?

Exatamente por "medo" de rever classificações, aprendemos que uma coisa é essa coisa, e não muda.

Como muitos citaram, aprendemos que toda oração tem verbo, e que não existe lógica quando não se tem, a não ser nos casos de verbos implícitos.

O que me faz perguntar:

Está errado dizer o Você feliz, citado acima?

É compreensível, mas apenas porque o verbo está implícito, ou porque tanto faz explícito ou não, já que meio que por osmose, todos sabemos que feliz é um estado atribuído a alguém (algo), e por isso, automaticamente colocamos entre esse alguém e o adjetivo os verbos que se encaixam segundo a nossa língua materna?"

Suellen Martins de Oliveira Barbosa - Turma 111

"Olá a todos!

Resgatando um pouco o que a Daniele e a Suellen argumentaram a respeito das classificações. Penso que a classificação deve ser vista como uma problematização de um assunto e portanto, algo temporário e útil para fins didáticos, mas que não pode ser visto como uma verdade acabada. Uma classificação pede sempre uma substituição por outra e assim sucessivamente. E esta é uma das funções deste foro de discussões: debater até onde uma classificação é aceitável sobre determinada coisa, principalmente em relação as suas exceções. Quanto a discussão do verbo ser imprescindível ou não em uma oração, acredito que sim! o verbo se faz necessário. A minha dúvida é em relação as frases sem verbo. Será que podemos analisá-las apenas fazendo uso da sintaxe? Uma vez que elas dependeriam mais do contexto e da situação de comunicação."

Edelson Carvalho Gomes - Turma 111

É até difícil tentar colocar algo de relevante aqui depois de tantos posts de colegas, alguns esclarecedores, alguns bem questionantes, mas vamos lá. Acredito que não há oração constituída sem verbos, mesmo que de certa forma isso ocorra indiretamente, ou por mais que pareça que ele não esta presente. Acredito que as frases questionadas por nossos colegas dependem do contexto e da situação.

De acordo com Bechara situação é o ambiente físico e social onde ocorre o ato da fala, e contexto é o ambiente linguístico onde se acha a oração. Estes dois conceitos são considerados estímulos decisivos para um melhor entendimento entre o falante e o ouvinte, e sendo assim é possível atingir o objetivo do falante com um simples vocábulo ou um fragmento de oração. Exemplos já citados pelos colegas não faltam para demonstrar isso:

"Eu moro aqui/você lá", "Você feliz" , "Ontem, apenas garoa. Hoje, tempestade", entre outros.

Em relação ao provérbio comentado pela nossa colega Juliana, não acredito que seja uma elipse de verbo, pois há um objetivo previamente estabelecido do falante ao utilizar provérbios. Ataliba de Castilho comenta que uma elipse do verbo ocorre "após ter figurado previamente, como escopo por um adverbio, com pausa intercorrente", coisa essa que não ocorre com o provérbio citado e nem com muitos outros.

Resumindo, mesmo o verbo parecendo ser uma ilusão, de alguma forma foi figurado previamente, nem que seja mentalmente.

Também concordo com os colegas que certas orações postadas seriam passíveis de uma melhor análise e estudo em outras matérias."

Anderson Marques Lima - Turma 111

"Predicação, predicador: 1. Processo caracterizado pela extensão de traços semânticos qualificadores ou quantificadores do operador* predicador a seu escopo, localizado no enunciado ou na enunciação. 2. Atribuição de caso gramatical e de papel temático a um dos termos da sentença, caracterizando sua função. 3. Avaliação do conteúdo sentencial por um hiperpredicador. (Nova Gramática do Português Brasileiro, Ataliba T. de Castilho). Acho que dá para entender, por aí, que há outros tipos de predicadores."

Mauricio Marcos Abambres - Turma 111

"Como o verbo pode estar e não estar ao mesmo tempo? Sinceramente, não sei que posição tomar diante dessa discussão. Muitos exemplos foram colocados, quando eu quero acreditar em

algun surge uma resposta contraria a ele que me deixa na duvida. Os nosso primeiro tópico propõem confrontar a abordagem tradicional com outras perspectivas e acho que é isso que estamos fazendo aqui acredito que ninguém imaginava que existirem tantas "outras perspectivas" alem daquela que aprendemos na escola, talvez esse fato de que na escola somos expostos a apenas um ponto de vista e que cause tanta dificuldade em compreender e pensar em como funciona nossa língua. Todas as exceções que eram tão simplesmente aceitas por nos poderiam ser tema de um semestre inteiro de análise. Agora vejo que todos aqueles asteriscos que vinham acompanhados da "regras" gramaticais merecem mais atenção do que letras pequenas no canto do livro. Podemos afirmar que talvez muitas mudanças sejam necessária e a gramatica tradicional não admite isso, o que dificulta cada vez mais o ensino da língua nas escolas."

Raissa Rafael e Silva - Turma 111

"Concordo com a Raíssa, quando ela diz sobre dar mais atenção aos asteriscos que acompanhavam as regras e quando diz que mudanças sejam necessárias, mesmo que a gramática tradicional não admita. E concordo também com a Suellen, que comentou sobre o "medo" de rever classificações. Acho que todos aqui aprendemos na escola que sem verbo não temos uma oração e ponto final.

Sobre a questão dos verbos, creio que, para que possa se entender frases como "Eu moro aqui/Você lá", "Ontem, apenas garoa. Hoje tempestade", "Você feliz" é necessário conhecimento e grande domínio da língua para serem entendidas, mesmo com a "ocultação" do verbo.

Como dito, há línguas em que o verbo ser/estar não está presente na frase, como no tupi, por exemplo, então subentende-se, nas traduções, que o verbo está ali presente."

Carolina Simoes Romao - Turma 111

"Oi!

Como muitos colegas, eu aprendi na escola que em uma oração é imprescindível o uso do verbo.

Ao assumir uma oração sem verbo, assim como as demonstradas por você (que me quebraram a cabeça, por sinal), parece que caímos no que o Anderson disse de situação e contexto, que cai direto no que disse a Daniele, que elas são, portanto, mais facilmente de ser compreendidas tendo em vista a análise do discurso e as teorias do texto. Eu fico imaginando elas fora de seu contexto original, como um "Você feliz" escrito em um papel e entregue as pessoas, e nas diferentes reações que isso poderia causar, e como elas seriam diferentes da intenção da pessoa que criou o slogan. Assim como a Daniele, eu tentei depreender os termos e me encontrei em sérias dificuldades, mas achei interessante a proposta de Castilho de olhar para elas como sintagmas, minissentenças."

Fabiana Maximiano da Silva - Turma 111

"Como disseram, acredito que a noção de parataxe esclarece muito essa discussão, já que o verbo estaria oculto em todas as frases e a nossa visão de mundo delimita os possíveis verbos para ela.

Suellen, concordo com você quando diz que "Você feliz" é compreensível. Pois o nosso conhecimento da língua materna possibilita essa compreensão quando delimitamos dentre uma gama de verbos, apenas alguns ou no caso um, que faz essa frase ser compreendida como se houvesse um verbo presente.

Uma prova de que não é necessário ter o verbo para entender o sentido da frase é o que ocorre no tupi para o verbo ser/estar, como demonstrou a Carolina. Acredito que não apenas essa, mas diversas outras línguas possuem a mesma omissão desse verbo. Esse fato entra no que alguém

anteriormente disse (desculpe-me, mas não recordo quem) sobre um conceito de gramática que une todas as línguas internamente, a Gramática Universal (GU).”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“Lendo o livro "As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas" do M. Foucault encontrei um ponto interessante que demonstra que os estudos clássicos, assim como a literatura, tinham como base central o "Nome". Suponho que guardemos resquícios desta base até os dias de hoje. Um simples exemplo disso são nossos livros de gramática, que sempre começam a explicar primeiramente substantivos e adjetivos e nossa própria NGB, como vimos em aula e nos textos, que define objeto indireto de um modo e ao mesmo tempo coloca nesta classificação argumentos sem tal característica.

Das aulas que tivemos até agora entendi que o foco central para uma análise mais complexa deve ser outro: o predicador.

Foucault, expressa que através do verbo é que a linguagem mostra-se natural:

"E, visto que não há mais beleza singular em "reter" a linguagem em torno e à margem do nome, em fazê-la mostrar o que ela não diz, haverá um discurso não-discursivo, cujo papel consistirá em manifestar a linguagem em seu ser bruto." (FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas : uma arqueologia das ciências humanas. 8ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 167).

Suponho que uma perspectiva diferente deva fugir da "base nominal", que lastreava a linguagem clássica e conseqüentemente seus estudos.

Foucault já dizia que o verbo era a essência da linguagem, chegando ao ponto extremo de dizer que sem este, ela não existiria.

Em suas palavras: "O verbo é a condição indispensável a todo discurso: e onde ele não existir, ao menos de modo virtual, não é possível dizer que há linguagem." (Ibidem, p. 130)

Para finalizar, achei outra frase muito interessante no livro, me levou a última pergunta feita em classe pela professora.

"A tarefa fundamental do "discurso" clássico consiste em atribuir um nome às coisas e com esse nome nomear o seu ser." (Ibidem, p. 169)

Mas isso são as coisas, afinal "Quem é você?"

Rafael Henrique de Souza Victório - Turma 131

“Oi!

Realmente achei bastante interessante estes trechos destacados por você. Tentarei ler a obra completa, assim que tiver um tempinho.

Mas fiquei intrigada com a afirmação de Foucault de que sem o verbo não há discurso. Neste sentido, me vem a cabeça o seguinte exemplo:

"Silêncio!" (placa encontrada em recepções de hospitais, por exemplo)

Este é um exemplo bastante comum, mas a meu ver, mesmo sem a presença de um verbo, o discurso existe, e principalmente, a mensagem é completamente compreensível devido ao contexto (local onde se encontra a placa deve-se manter o silêncio devido às condições de saúde das pessoas que o frequentam).

Será que neste caso, podemos pensar em *verbo virtual* (expressão do próprio Foucault) subentendido?

Quando lemos esta mensagem, é como se estivesse escrito "É necessário que se **faça** silêncio neste ambiente". E então o verbo existiria virtualmente, confirmando a afirmação dele.

Esta minha reflexão teve origem a partir de uma frase que li em meu ambiente de trabalho: "Débito incorreto de horas". Tal frase faz todo o sentido no contexto em que trabalho e também não possui verbo explícito.

Refletindo sobre isto, também cheguei a conclusão de que haveria um *verbo virtual* no enunciado acima: " Houve débito incorreto de horas", e que sua inclusão/exclusão não alteraria o sentido da mensagem.

Para contrapor estas idéias, tentei encontrar alguém exemplo em que não houvesse a possibilidade do verbo virtual e mesmo assim existisse o discurso, mas não encontrei.

Alguém teria algum bom exemplo para explorarmos melhor esta idéia?

Priscila Aparecida Pinheiro de Sousa - Turma 131

“Caramba! Priscila, vc tocou no mesmo assunto que eu iria falar.

Assim como vc, não achei apropriada a afirmação de Foucault que sem o verbo não há discurso. O exemplo que vou citar é outro, mas na explicação é a mesma coisa que o seu.

Em: "Socorro!" . (Alguém pedindo algum tipo de ajuda) vc não tem **verbo**, no entanto tem **discurso**, pois se compreende a mensagem sem necessitar do verbo. A não ser que exista "esse" tal de verbo virtual que não compreender ainda o que é direito. Mas foi legal esse tópico aqui, quando tiver um pouco de tempo vou lê a obra, pois parece muito interessante.”

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

“Não sei se estou me antecipando, mas resolvi colocar logo essa questão aqui antes que ela dê um nó na minha casa ou que eu me esqueça dela. Bom, segundo Duarte, o predicado verbo-nominal é uma estrutura complexa formada a partir da combinação de um predicado verbal com um predicado nominal. Um dos exemplos que ela dá é:

João considerou a festa ótima.

Sendo a estrutura classificada da seguinte forma: sujeito (João) + verbo (considerou) + objeto direto (a festa) + predicativo do objeto (ótima). Sendo que o objeto direto (a festa) seria o sujeito do predicador nominal se tivéssemos "a festa foi ótima" (foi = verbo de ligação). Mas como o verbo de ligação não está presente (em "João considerou a festa ótima) e como apenas o verbo (e não o nome) pode atribuir caso nominativo (sujeito), o termo "a festa" passa a ser O.D na estrutura do predicado verbo-nominal. E, de fato, os testes confirmam isso: o termo não é precedido de preposição, pode ser substituído pelo clítico (a) e tem papel semântico de tema ou paciente (embora pra mim essa parte não seja muito fácil de identificar, mas a substituição pelo clítico costuma ser infalível).

E agora vem a dúvida: e em construções do tipo (que é esquisita, mas tem de monte por aí)

João considerou a festa como sendo ótima.

O que vem a ser esse "como sendo"?? Será que faz parte do predicativo do objeto (como sendo ótima)?”

Mariana Pires - Turma 131

“Mariana, o **como sendo ótima**, que vc colocou em questão, não acredito que seja no todo um predicativo do objeto. O predicativo do objeto em questão é somente o **ótima**, que atribui qualidade ao objeto. o **Sendo como** é outra coisa, o **sendo** (forma nominal do verbo, gerúndio) e o **como**(talvez um advérbio de modo). Traduzindo: *João considerou a festa de maneira ótima*. Quer dizer, a forma, a maneira, o modo que ele considerou a festa foi ótima, portanto, advérbio.

Acho que é isso, mas como em gramática(sintaxe) quase tudo é polêmico e complexo, não tenho tanta certeza deste meu embasamento. É um tanto quanto curioso o que vc expôs, espero ter ajudado.”

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

Tema 4: Verbos sem argumentos e sujeito expletivo (subtema: complementos X adjuntos)

As postagens desse tema abarcaram questões relativas à obrigatoriedade de sujeitos na oração. Toda oração tem sujeito? Foi uma pergunta recorrente nas postagens. O mote das discussões foi orações com verbos que expressam fenômenos da natureza, os quais, na Gramática Tradicional, são tidos como orações sem sujeito ou com sujeito inexistente. Muitos alunos intuíram questões interessantes como a existência de um sujeito expletivo, tendo em vista construções do inglês com o pronome it. Nas discussões, também emergiram outras questões interessantes, como as relações de complementação e adjunção. Em frases como 'Choveu granizo', 'granizo' é argumento/complemento ou adjunto? Sendo argumento/complemento, 'granizo' seria objeto ou sujeito? Sendo sujeito, ele seria agente ou paciente? Essas foram questões levantadas nessas postagens.

"Diante das discussões propostas em sala, uma dúvida surgiu em relação aos verbos que não se ligam a argumento nenhum, como "chover", por exemplo.

De fato, quando pensamos na oração "Choveu.", logo identificamos sem problemas que não há argumentos ligados e nem pressupostos. No entanto, é possível criar, em outros contextos, argumentos que completem o verbo:

"Choveu granizo".

Quando o falante lê uma oração destas, entende que o granizo é paciente, em uma relação parecida com o verbo "cair", ou "morrer". Esta alteração faria parte do nível discursivo ou seria possível pensá-la no léxico?"

Carolina Carbonari - Turma 113

"Creio que nesta relação, a alteração não está no nível discursivo, para tanto acho que deveria ser algo mais extenso...

Mas aí é que tá...

Pra mim é lexical sim, quando pensamos em chover percebemos que não há argumentos ligados e nem pressupostos, entretanto, se pensarmos em granizo, a primeira imagem que vem a mente é de chuva, mas não como "água que cai do céu" e sim como um verbo (chover) que significa que algo caiu do céu como se fosse chuva. Viajei demais? Seriam duas interpretações para o mesmo verbo?

perguntas, perguntas..."

Oriana Harumi de Lima Tanaka - Turma 113

"Creio que "granizo" não seja nem agente nem paciente de "chover", mas 'circunstância' e portanto adjunto (que não é um argumento). Acho que dizemos "choveu granizo" como dizemos "choveu forte"; estamos caracterizando a chuva mais do que apontando a ação do verbo sobre agentes/pacientes."

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

"Ainda estou me localizando diante de tantas informações. Mas pensando em um verbo intransitivo também como morrer, se alguém fala "Fulano morreu" a mensagem é entendida, mas se ela fala "Fulano morreu do coração" é um complemento, não é solicitado, mas aparece como disse o Felipe... que nem em chover, se choveu forte ou granizo é um complemento, a idéia central se transmite..."

Sei lá, estou me familiarizando com tudo isso..."

Ligia Dell Aquilla Lorusso - Turma 113

“Lendo a colocação da Carolina, logo me ocorreu o que foi dito pelo Marciano. Eu, enquanto falante, não identifico "granizo" como argumento. Porém, a pergunta que fazemos para o verbo (método que tanto ouvimos na escola), difere no caso de "choveu forte" e "choveu granizo". Isso me deixou confusa sobre o fato de "granizo" não ser argumento e, sim, um adjunto.”

Juliane Pagamice de Sant Anna - Turma 113

“É verdade, Juliana que, vendo as frases já formadas, elas nos inspiram perguntas diferentes, mas se pensarmos em contextos que levem a estas respostas, podemos chegar a uma mesma pergunta, o que pode denunciar uma natureza em comum. Ex:

"E aquela chuva de ontem?" ou "Aqui choveu forte. E aí em Guarulhos?"

a) "Choveu forte"

b) "Choveu granizo"

Acho que a pergunta que todo adjunto inspira é "como?" mais do que "o quê?" (que é o que podemos associar ao granizo à primeira vista).”

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Eu discordo; na minha opinião, quando penso em "Choveu granizo", identifico granizo como um objeto que sofreu a ação de cair do céu, como a chuva. Mas, jamais diria "Caiu granizo do céu". Na minha experiência como falante, não associo "Choveu granizo" à pergunta "Como foi a chuva?". Entendo "forte" ou "fraca" como possíveis respostas para isso, mas, se eu fosse responder a essa pergunta, faria assim:

"Choveu forte, até granizo choveu" - Diria possivelmente algo desse tipo.

Consigo perceber que há uma difícil relação entre o verbo chover e argumentos, mas não consigo relacionar "granizo" a adjunto, pois não acho, e realmente estou no campo do "achismo", que esteja qualificando o verbo ou o modificando, papel sintático da tradição gramatical atribuído aos adjuntos. Parece-me que o granizo realmente sofre a ação de chover.”

Carolina Carbonari - Turma 113

“Bom pessoal

Eu analisaria talvez diferente, particularmente sem as nomenclaturas tradicionais ainda me confundo um pouco com o modelo de sintaxe que aprendemos na Universidade, mas como alguma de vocês citou a gramática escolar, vou arriscar...

A pergunta seria Choveu... o que? mas se pensarmos assim, o verbo chover admite perguntas variadas como choveu... onde? choveu... quando? choveu...o que? ou até mesmo choveu... como?

Como adjunto, seja ele de qualquer natureza também não acredito que seja. Pessoal depois de algumas leituras sobre valência e os complementos, achei alguns autores classificando apenas como complemento devido ao fato de que o termo "granizo" dá um sentido diferente ao verbo chover, fazendo com que assim ele assumira um papel diferente de apenas "Choveu!" (onde tomamos entendemos que tenha caído água do céu) e que assim sua função semântica tomara outros rumos e aceitaria outra forma, ao modo de que "Chove granizo" assumiria a pergunta... o que? dando ao granizo uma forma de objeto do verbo Chover que, nesse sentido assim como... "Choveram comentários sobre a atitude da garota", o verbo chover também precisa de complementos.”

Eduardo Perioli Junior - Turma 113

“Concordo que "chover" num sentido mais figurativo como "choveram comentários" aceita complementos. Mas eu acho que "choveu granizo" continua no contexto de fenômeno atmosférico. Apelando ao conhecimento de mundo, vale lembrar que quando chove granizo

ainda assim chove água (é estranho dizer isso), então granizo está sim modificando o verbo para indicar uma circunstância adicional.

A informação "granizo" pode até ser a mais relevante dentro da frase, mas eu acho que isso é uma questão de foco mais ligada à Pragmática e a Semântica."

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

"Realmente o verbo "chover" aceita complementos. Mas contrastando com a gramática escolar eu ousaria dizer que ele aceita, mas não pede. Sendo hipotético, talvez haja aí uma diferença de categoria: verbo que aceita complemento, mas não o pede.

Sobre a questão do granizo concordo com a Caroline

Na minha experiência como falante, não associo "Choveu granizo" à pergunta "Como foi a chuva?".

Também para mim o granizo sofre a ação de chover."

Felipe Pimenta dos Santos - Turma 113

Achei uma afirmação bizarra no site da "Confederação Fluminense de Estudos Filológicos" (CiFEFil - http://www.filologia.org.br/anais/anais_204.html):

"O segundo caso em que a gramática tradicional nega a existência do sujeito seriam as orações com verbos que expressam fenômenos meteorológicos ou climáticos, tais como "Chove" ou "Está ventando". Nesses casos, a omissão do sujeito se dá não devido ao fato de ele não existir, mas ao fato de ele ser demasiadamente óbvio e redundante. O sujeito do verbo chover é normalmente chuva, assim como o sujeito do verbo ventar é normalmente vento; então, por que explicitá-lo? É importante notar, todavia, que se o sujeito não for aquele que se espera, se ele não for óbvio ou redundante, ele virá expresso, como em "Choveu tiro na birosca" ou "Está chovendo granizo"."

Aqui é defendido que granizo é sujeito. Na revista Litterae há uma defesa do contrário (http://www.unucseh.ueg.br/vialitterae/assets/files/volume_revista/vl_v2_v1/40-Sobre_a_produtividade_das_or_sem_sujeito_ANDERSON_U_NASCIMENTO.pdf)

"Caso curioso, em nossa língua, é o da expressão Chover granizo que poderia ser tomada precipitadamente como contraexemplo à impessoalidade fenomenológica. Contudo, é preciso lembrar que, embora essa percepção não esteja ativada na intuição atual do falante, tal construção opera no plano da conotação, estabelecendo suplementação verbal [...] Portanto, chover granizo é da mesma ordem da que encontramos, por exemplo, na expressão Chover canivetes."

Notem que esse Professor da UERJ ignora a intuição, então seu ponto de vista é mais normativo."

Marciano Cardoso de Sena - Turma113

"Então quer dizer que um adjunto ou adjetivo nunca poderão ser argumentos???"

Renata da Silva Xavier - Turma 113

"Creio que não, pelo que li (na sintaxe gerativa), podemos dizer que todo adjunto é um sintagma que não é argumento. Daí, usando os esquemas das árvores dá para entender melhor onde se encaixa o adjetivo, de acordo com sua função."

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

"Entendi, obrigada Marcus!

Achei interessante o que o Felipe falou sobre haver uma classe de verbos que aceitam argumentos, mas não necessariamente os exigem. Parece que "chover granizo" seria um desses casos.

Eu também vejo "granizo" como um argumento, ou objeto da frase e não como um adjunto."

Renata da Silva Xavier - Turma 113

"Uma dúvida surgiu em relação aos verbos que não se ligam a argumento nenhum, como chover, por exemplo."

Tendo em vista que a operação de flexão verbal tem que se ligar a um sujeito, pois se fosse ou contrário eu falaria apenas "chover" e não "choveu, chove, choverá etc", temos na presente frase um sujeito nulo, que não é realizado foneticamente, porém é sintaticamente. Logo, o verbo "choveu" já tem um argumento implícito, e assim não poderíamos falar em "verbos que não se ligam a argumento nenhum", pois para alguém falar que "choveu" tem que colocar um elemento que suscitou isso, no caso do inglês esse elemento seria o "it", do francês o "il" e no nosso, temos também um elemento, que é nulo."

Laysi Praxedes Nobre - Turma 113

"Quanto ao "granizo", a suposição do Marciano me parece a mais coerente.

Afinal, "choveu", é verbo intransitivo. Se alguém chegar e dizer "choveu" ninguém vai rebater essa pessoa com a pergunta "o que?", pois poderia ouvir-se "chuva, ué..." Porém, quando se diz que "choveu granizo", estamos caracterizando o tipo de chuva, sendo granizo, um especificador, um sintagma adjunto e não um argumento.

Na definição de argumento, do livro "Introdução à Linguística II, cap. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença", temos que argumento é o elemento, ou elementos, que são requeridos pelo predicado. "Granizo" é requerido por "choveu"? Não, pois podemos utilizar o verbo sozinho.

No Dicionário de Linguística, de Jean Dubois adjunto é assim classificado:

"[...] qualquer constituinte da frase que não seja estruturalmente indispensável, ou que possa ser suprimido. Muitos adjuntos são também modificadores, ligados ao núcleo de um sintagma."

O granizo não é estruturalmente indispensável, embora seja suprimido em algumas frases.

Por isso acho que é adjunto, mas é uma opinião...

(tomara que a professora resolva logo essa questão polêmica..rs)"

Laysi Praxedes Nobre - Turma 113

"Continuo discordando. Concordo com você que do ponto de vista da tradição gramatical, "chover" é verbo intransitivo. Mas veja, quando você mesma responde a pergunta "choveu o quê?" com a palavra "chuva", isso significa que a "chuva" pode completar o verbo chover, embora não seja obrigatória. Quer dizer, não costuma e nem precisa aparecer, mas não constitui erro completar o verbo. Se fosse um erro do ponto de vista da aceitação dos falantes, não haveria sentenças como "chove chuva, chove sem parar".

Além disso, quando utilizamos o verbo chover no sentido de "choveu granizo", ocorre uma modificação nas relações, o que do meu ponto de vista é semelhante ao que ocorre em "Pedro quebrou o braço". Claro que a alteração é de outra natureza, mas muda-se a relação entre os verbos e os papéis temáticos.

Em outras palavras, na oração "choveu granizo", é impossível dizer que "granizo" é dispensável. Dizer que "choveu" e que "choveu granizo" são coisas absolutamente diferentes, e concordo que há um aspecto de granizo que se assemelha com os adjuntos, mas penso que toda essa discussão está próxima do que o Márcio falou sobre chuva ser um sujeito implícito de chover, e portanto granizo também."

Carolina Carbonari - Turma 113

"Nesse ponto, concordo com a colega Carolina. No entanto no caso, "Pedro *quebrou* o braço", o verbo **quebrar** pode expressar um processo de mudança de característica material ou papel de

entidade afetada, ou seja, apresenta uma dupla predicação. Pertencem à essa categoria: *crescer, escolher, engordar, emagrecer, diminuir, inchar, secar, engrossar, afinar, entortar*. (Azeredo, 2008, pp. 222-223). Nela inclui-se os verbos que denotam experiências ou sensações afetivas ou emotivas, tais como: *magoar, alegrar,...* O verbo **chover** faz parte da classe de verbos que denotam "fenômenos da natureza", como *anoitecer, ventar, nevar*. Trata-se de estados ou processos, que em nossa cultura, não são atribuídos a um dado *ser* ou *indivíduo*(argumento), são chamados na GT como **verbos impessoais**.

Mas com a excessão do verbo amanhecer, que admite o "sujeito"(argumento) **dia**. **EX: O dia amanhece com chuva."**

Marcelo Antoni Enderson Almeida de Oliveira - Turma 113

"Acho que o problema é tentar fundamentar as coisas através da gramática tradicional. Realmente foi um erro meu dizer que, pelo fato de "chover" ser um verbo intransito, assim o será em todas as colocações. Isso é errado, pois por exemplo, sabemos que "morrer" é intransito (Ela morreu). Mas em outros contextos, pode assumir uma transitividade (Ela morreu uma morte tranquila). Assim, de acordo com o contexto, os conceitos podem mudar.

É por isso, creio eu, que também não podemos tratar uma frase como "Choveu granizo", como uma frase "Pedro quebrou o braço". Não me parece algo tão simples assim, classificar "granizo" e "o braço" como objeto direto. Deve haver muito mais coisas entre um verbo intransito e um transito do que imagina nossa vã filosofia acerca de objetos...rs.Mas realmente, agora eu não saberia dizer quais são essas coisas."

Laysi Praxedes Nobre - Turma 113

"Pra exemplificar melhor o que disse, acho que quando um verbo que é intransitivo assume um papel de transito, em determinado contexto, é como um ator teatral que representa certo personagem. Quando estamos assistindo a peça, embora acreditamos que aquele ator seja naquele momento a personagem que está representando, isso não o torna outra pessoa. No momento da representação, o ator é uma intersecção entre uma personagem e ele próprio. Não é nem uma coisa, nem outra. Talvez o verbo também carregue uma terceira ideia: nem é transito propriamente, nem intransitivo. Daí o complemento de "choveu" não ser um objeto.

Mas acho que viajei um pouco..."

Laysi Praxedes Nobre - Turma 113

"Falando em transitividade, o texto da Duarte divide os intransitivos em dois tipos, sendo que para um o sujeito é argumento interno!

Aplicando certos testes apresentados pela mesma Duarte, o granizo fica parecendo ser sujeito de fato. Em outros o resultado é mais estranho. Eis dois:

Clivagem: Foi [granizo] que choveu

Pseudo-clivagem: O que choveu foi [granizo] (soa estranho, mas não necessariamente agramatical)"

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

"Acho muito difícil visualizar "granizo" como qualquer coisa que não seja um argumento. Ainda que não nos prendamos à Gramática Normativa, parece-me bastante claro que "coveu forte" e "choveu granizo" têm significação muito diferente. Concordo, também, que não é de se esperar que um falante responda "choveu granizo" ao ser perguntado sobre como foi a chuva.

Quanto a ser ou não sujeito, aí, sim, tendo a pensar na Gramática Normativa para tentar responder, e acho muito provável que, ao menos nas regrinhas da escola, o termo seja, sim, um sujeito. A "prova" sintática disso seria que, se substituirmos "granizo" por algo que seja plural, o verbo se transformará, automaticamente, em plural. E isso nos levaria àquela outra regrinha da

gramática (que também traz um monte de questões a serem discutidas) sobre o verbo "concordar em gênero e número com o sujeito". Diríamos, então, "choveram confetes e serpentinas". Mas, até aí, minha percepção de mundo também não me deixa ver "granizo" como "ser sobre o qual se faz uma declaração", como quereria Cunha.

Aliás, esse negócio de declaração é muito estranho. Caso fosse verdade absoluta, como explicar isto:

Mariana atropelou o gato. (O sujeito, segundo a GN, seria "Mariana".)

O gato foi atropelado por Mariana. (O sujeito, agora, passou a ser "O gato")

?

Então minha declaração é sobre Mariana ou sobre o gato. Se for sobre Mariana, então ela teria de ser o sujeito também na segunda oração. Se for sobre o gato, na primeira."

Fabia Alvim Leite - Turma 113

"De fato, minha intenção não era comparar a oração "Choveu granizo" à oração "Pedro quebrou o braço", mas era apenas mostrar que os verbos podem apresentar características diversas dependendo do contexto. Esta minha dúvida persiste, e ainda me questiono se toda essa discussão é do campo do léxico ou do discurso, como propus logo de início.

Gostei do que a colega falou sobre atores que representam. Acho que dentro dos limites da GT a noção de que granizo é sujeito ainda é a mais adequada, ainda que seja um sujeito diferente de "Fulano morreu".

Carolina Carbonari - Turma 113

"Mesmo quando pensamos na Gramática Tradicional, os verbos podem se comportar de forma diferente dentro do contexto. Tanto que eles podem ser "classificados" de forma diferente em relação a sua "transitividade". Assim, "cantar", segundo a GT, pode ser "intransitivo" (Eu canto bem.), "transitivo direto" (Eu canto aquela canção.) etc. Não acho possível que isso se dê somente no plano do léxico, porque sempre dependeremos de informações adicionais para captar as diferenças em cada situação. Acho muito mais provável, portanto, que essas diferenças aconteçam no plano do discurso. Mas também não confio tanto assim nos meus conceitos de "plano do léxico" e "plano do discurso" para ter absoluta certeza do que estou dizendo.

Além disso, acho que esse deve ser um problema bem maior do que se apresenta para nós, e talvez ainda tenhamos poucos instrumentos para chegarmos perto de bater qualquer martelo.

OBS.: Será que existe "bater martelo" em sintaxe (não tenho interrogação aqui). cada vez mais, tenho a sensação de que não é bem assim..."

Fabia Alvim Leite - Turma 113

"Apesar de também não estar tão segura assim quanto aos meus conceitos de "plano do léxico" e "plano do discurso", acredito que essa alteração de transitividade dos verbos tem que ser sim pensada no nível discursivo.

Afinal, dizer "eu canto aquela canção" ou "eu canto" é uma escolha que altera o sentido daquilo que se quer informar. "

Maitê Scavasin - Turma 113

"Concordo totalmente com a colega, anaizando gora minha discussão sobre plano do discurso e léxico entendo que o meio modifica o valor do verbo, por isso é difícil fazer as comparações de "choveu granizo" "choveu forte" pedro quebrou o braço", etc ou como a professora citou "ele deu o fora" "ele deu comida aos pobres". Estamos faando de verbos diferentes, isso já descobrimos, logo, o que modifica o verbo "chover"? o discurso.

Já sobre os actantes vistos como atores em uma peça teatral...acho que Ternière já havia discutido isso como estrutura narrativa do espetáculo (?) e, com certeza, pensando assim tudo fica mais claro... rs”

Oriana Harumi de Lima Tanaka - Turma 113

“Hoje na aula de Introdução aos Estudos Tradutológicos, o prof. Francis comentou sobre as várias formas que os esquimós tem para "nevar" e os diferentes tipo de neve e disse que no Brasil só temos: chover, nevar e gear.

Então TALVEZ para falar de granizo temos que colocá-lo como complemento do verbo chover pois, por não ser um fenômeno tão familiar, não se tenha criado o verbo "granizar". Me avisem se eu estiver viajando demais."

Maitê Scavasin - Turma 113

“Eu encaro a questão da chuva e do granizo da seguinte forma:

Em "choveu granizo" temos um sujeito oculto que é "chuva" que, como já dito, fica desnecessário dizer e como a língua é econômica, optamos por ocultar o sujeito.

Sendo assim, "granizo" é adjunto adnominal, pois a frase sem economia seria "choveu chuva de granizo" ou "chuva de granizo choveu". Como vemos, "de granizo" está qualificando "chuva", o sujeito. Ao ocultarmos o sujeito, sobraria "choveu de granizo", como esta não é frase padrão, digamos, optamos por ocultar também a preposição "de" e a frase fica "choveu granizo", verbo e adjunto adnominal do sujeito oculto "chuva".

Abraços”

Rodrigo Giannini Artioli - Turma 113

“Segundo a definição de Inês Duarte, apresentada em aula, uma oração “contém dois termos fundamentais: o predicado, o constituinte ou sequencia de constituintes formado pelo predicador e pelos(s) seu(s) argumento(s) interno(s), e o sujeito, o constituinte que satura o predicado, ou, por outras palavras, o argumento externo do predicador”. Ela parece nos indicar que sempre há a necessidade de haver um sujeito em uma oração.

1) Mas como explicar o sujeito classificado pela nomenclatura gramatical como inexistente, que ocorre nas orações “sem sujeito”?

2) O domínio da oração nos indica que o sujeito é inexistente. Mas será que esse sujeito existe no domínio do discurso (sujeito psicológico)?

3) Pensando sobre isso, aquilo que o Daniel de Queiroz Nunes escreveu no fórum sobre argumentos internos e externos (em 20/3): “na realidade ao predicador (o verbo) cabe a função de determinar tanto os argumentos internos quanto os externos” parece não ser tão estranho no momento. E não consigo pensar numa resposta para a pergunta: será que, no caso dos verbos impessoais, ficaria evidente a possibilidade de o verbo determinar diretamente a característica do argumento externo (a característica de ser inexistente)?

4) Outra questão (agora refletindo sobre o prefácio do Foucault em “As palavras e as coisas”): a definição de um sujeito como “inexistente” seria uma classificação escolhida por determinadas culturas? Não é interessante pensar que o verbo ganha importância na oração quando se trata de fenômenos naturais (verbos de fenômenos da natureza), algo explicado cientificamente, mas ainda imprevisível, ou fatos definidos, mas sem consenso na ciência (verbos que indicam tempo e tempo decorrido) ou ainda fatos cientificamente inexplicáveis (o existir)? Alguém sabe como funciona a questão do sujeito inexistente em outras línguas?”

Heloisa Schiavo - Turma 111

“É interessante classificar algo como "inexistente". Parece a classificação do Borges. Algo como "Há dois tipos de sujeitos: os que existem e os que não existem." É uma classificação válida para qualquer coisa...”

Marian Gabani Gimenez - Turma 111

“1) Eu vou ser um pouco hipotético demais, mas não haveria talvez a possibilidade de todas as orações sem sujeito terem a possibilidade de um sujeito, não necessariamente o famoso "suj. oculto", mas apenas um suj. sintaticamente obliterado? Acho que, em última instância, podemos imaginar algo absurdo como "A chuva choveu", sabe? Não há qualquer incoerência enquanto suj. gramatical, tampouco psicológico ou ainda lógico-actancial, há apenas uma redundância, mas talvez fosse o mesmo que dizer "A chuva se fez, se realizou, foi". Pode parecer uma ideia absurda, mas faz algum sentido. Não que inicialmente as pessoas falassem em português "A chuva choveu" e isso se desenvolveu para "Choveu", mas talvez haja um elemento substantivador auto-denotativo em um verbo, como em uma oração com o suj. inexistente ("Choveu"). Algo como uma auto-espontaneidade, à qual eu me referi em um comentário feito hoje mesmo, no tópico "Argumentos externos e internos". Pelo que consigo entender, se trata de uma posição, uma escolha da própria língua a necessidade ou não de um sujeito para uma frase como esta, apresentativa (cf. "It is raining").

2) Acho que, provavelmente, o suj. psicológico seja o único que necessariamente se apresenta, mesmo em uma oração com suj. inexistente. É um caminho longo, mas Bakhtin imagina que todo texto seria o prosseguimento de um texto anterior até a primeira palavra, com inúmeras intercalações fáticas e intertextualidades. É algo desmesurado, mas a própria atitude de dizermos "Choveu" me parece uma retomada, da ordem da mais sutil comunicação de uma alteração qualquer, no ambiente, ou ainda na conjuntura intrapessoal estabelecida para uma oração dessas tomar lugar; e há sempre a possibilidade não menos estranha de o suj. psicológico ser "A chuva choveu", ou ainda "A água, após passar por inúmeros processos físico-químicos, alterou o dia ensolarado de até então, e choveu"; afinal, temos frases como "A chuva atingiu a capital", e, reparem, a sinonímia é perfeita:

a. A chuva atingiu a capital; =

b. Choveu na capital. (Talvez se trate de uma or. reduzida de verbo/finitivo, mas duvido que exista algo assim.)

3) Não concordo exatamente com essa posição, e para isso remeto às minhas respostas de número 1 e 2 acima, e também aos comentários que fiz no tópico "Argumentos externos e internos". Há, ao meu ver, mesmo na ação que se pretende autônoma, um criador tácito (e não estou sendo religioso) ou uma autocriação, que precede a própria ação, embora esta aparente ser a criadora. Há uma antecedência do devir, que neutraliza a autoconstatação da ação. Mas, veja, não nego que *sintaticamente* possa haver a possibilidade de um suj. não presente, essa é uma questão da língua; porém, ao meu ver, a própria não-presença é um conectivo direto a uma presença tácita.

4) Não tenho um amplo conhecimento de outras línguas, mas dessa noção eu não consigo discordar. Há toda uma rede intrincada de abordagens de um língua frente a determinadas situações, que pode diferir das abordagens de outra língua, e não consigo ver como a noção de suj. não cairia nesse mesmo patamar.”

Pedro Barbieri Antunes - Turma 111

“Maitê, acho que você não viajou não, pelo contrário, foi a única maneira que me convenceu de que granizo pode realmente ser um argumento.

O verbo "granizar" pode não existir, mas dentro do contexto acredito que ele seria compreendido por qualquer pessoa, sendo assim, acho que granizo deve mesmo ser visto como complemento do verbo, mudando a visão de argumento zero no verbo chover.”

“E só por contribuir com a questão do granizar, temos o **Saraivar** que segundo o dicionário : s.f. Chuva congelada que cai em grãos; chuva de pedras, pedrisco, granizo. Saraivada é a queda da saraiva. A saraiva normalmente ocorre sob condições chuvosas.

Mas concordo que o granizo entre como um complemento pois confere um novo significado para chover. Porém continuo achando que ele possa sim ser considerado como argumento do verbo chover nessa situação.”

Erika Araujo Pereira - Turma 113

“Acho que estou chegando nessas mesmas indagações.

Quando pensamos em frases como "Esquentou né?" (os falantes tendem a omitir o argumento interno "o tempo, clima" por se tratar de campo semântico da natureza, então algo que foge ao nosso controle, e por seria por esse motivo que, inconscientemente, fazem com que os verbos se comportem sintaticamente de modo semelhante a "chover, nevar" ?)

De outro modo, como um colega já observou, na construção "está chovendo canivete" ou "está chovendo granizo", a presença de argumento externo torna-se aceitável porque sabemos que não se trata de chuva de verdade, então o verbo "chover" passa a assumir outro significado, algo próximo de "alguma coisa está caindo do céu em quantidade razoável e de modo extenso". Então eu acho que a análise extrapola sim os níveis da sintaxe, pois estamos falando de elementos do nível semântico-discursivo.”

Eliana Junko Takara - Turma 113

“Para mim, o que a Maitê comentou também faz muito sentido e fundamenta bem a questão de analisar a oração a partir do discurso.

Mas o que me vem na cabeça é em outro tipo de relação, a questão do sujeito indeterminado na Gramática Normativa.

Pois se eu digo "Quebraram o vaso" , tenho o argumento "vaso", mas e o argumento em relação ao agente da ação? Sendo que no campo lexical eu tenho a derivação do verbo para marcar quem é o meu sujeito(eles- 3 pessoa do plural), mas no campo semântico eu não sei quem são "eles". Assim, em qual ponto de vista eu tomaria para marcar esse argumento? Mesma coisa com "Precisa-se de costureiras", que também tem sujeito indeterminado.

Espero que não tenha ficado muito confusa a minha dúvida...”

Ariane Alexandrina Nogueira - Turma 113

“Acredito que no caso de "Quebraram o vaso" a situação é bem diferente, porque, como você mesmo disse, sintaticamente o sujeito existe, e só está oculto, o que não dificulta sua identificação graças à desinência verbal.

Nesse caso, o sujeito é indeterminado por OPÇÃO do falante, que quer omitir por algum motivo quem foi o autor da ação. Como em "falaram mal de você". Mesmo que uma pessoa apenas, portanto 3ª pessoa do SINGULAR, tenha realizado a ação, é possível manter o verbo no plural. É desinteressante ao enunciador mencionar quem realizou a ação.

Já no caso de "esquentou" ou "choveu", não há uma intenção mascarada do falante ao ocultar o sujeito. Simplesmente esse sujeito é implícito, é óbvio, diferentemente do caso "falaram de você" ou "quebraram o vaso".

É o que eu acho, e continuo acreditando que "granizo" seja sujeito de chover e não adjunto adnominal.

No dicionário, não encontramos "granizo" como "tipo de chuva". Encontramos uma definição própria, sinônimo de saraiva. Não acho que qualifique nem o sujeito e nem o verbo, acho que tem força suficiente sintaticamente. Enfim, agora me confundi!”

Tema 5: Discussões sobre o texto de Borges: uma discussão sobre tipologia e nomenclaturas

Os alunos refletiram e questionaram, nesse bloco de postagens, o texto de Borges, “El idioma analítico de John Wilkins”. As questões levantadas referem-se à arbitrariedade das nomenclaturas e das tipologias nas ciências humanas, mais precisamente, e, de modo geral, nas ciências como um todo. Também foi questionado o surgimento de línguas artificiais, sua funcionalidade e funcionamento, e fez-se uma comparação com as línguas naturais e seus fenômenos ‘espontâneos’.

“Depois de ler o texto do Borges, minha primeira sensação foi a de estar diante de um Borges muito diferente daquele d' "O Aleph", de "O Milagre Secreto". Uma espécie de inquietação inicial.

Depois, fiquei pensando sobre essa ideia de criar um idioma único. Mais do que isso, de criar um idioma em que as palavras já se definissem por si mesmas. Qual seria a consequência disso para a língua criada, quais seriam as diferenças em relação a uma língua "natural"...

Pode parecer muito bom, a princípio, haver a possibilidade de se aprender uma língua com seus instrumentos básicos em um dia e, só então, passar a descobrir suas especificidades. Mas perderíamos muito, acho. Primeiro porque o fato de a palavra trazer em si o significado faria com que, no mínimo, nossas possibilidades de uso da linguagem conotativa fossem reduzidas (ou eliminadas). Suponhamos, para ilustrar, a palavra "chuchu". Suponhamos que a palavra representante de "chuchu", num determinado idioma autoexplicativo, seja "GONE". Caso eu queira dizer que "aquele bebê é um chuchu", com "chuchu" significando "fofo", isso não seria mais possível, porque eu fatalmente diria "aquele bebê é um vegetal esverdeado, de formato oblongo, da família das...).

Depois, porque o idioma seria muito menos flexível do que uma língua natural. A possibilidade de haver empréstimos, por exemplo seria anulada.

Queria saber se alguém mais se inquietou com isso ou se foi delírio só meu...”

Fabia Alvim Leite - Turma 113

“Não li os textos, mas isso me lembrou Elementos da Linguística com aquela história de que a língua está sempre mudando e língua que não muda, morre.

Acho que é isso. As palavras "nascem" com um sentido e com o uso dos falantes passam a adquirir mais sentidos e perder outros. Quem sabe "chuchu"daqui algum tempo deixe de significar o tal vegetal esverdeado?

Abraços”

Rodrigo Giannini Artioli - Turma 113

“Pensando naquela discussão sobre Argumento 0, então, aí é que as línguas "artificiais" se tornariam ainda mais inviáveis porque, se por um lado elas têm a vantagem de possuir regras gerais simples e complexidades que levarão tempo para serem descobertas (algo como um jogo de xadrez), por outro fixarão significados, o que também impossibilitaria que os verbos se apresentassem de maneiras diferentes em cada contexto. Provavelmente haveria uma palavra para cada uma das facetas do verbo "chover", por exemplo. Acho que seria bem difícil fazer literatura. Por outro lado, quebraríamos menos a cabeça discutindo essas sutilezas da semântica.”

Fabia Alvim Leite - Turma 113

“Também acho que as sutilezas, as conotações existiriam de qualquer maneira, pois a língua não é algo fechado, sacramentado, como disse uma colega acima. Com o passar do tempo ela, por si mesma, se reinventaria.

Por exemplo: mesmo que unificada, ela se transformaria de acordo com as diferenças e singularidades de cada região geográfica.”

Laura de Azevedo Guimarães - Turma 113

“O texto de Borges me remeteu, primeiramente, a Saussure quando diz que a união entre significado (conceito) e significante (imagem acústica) que formam o signo é arbitrária, não segue nenhuma logicidade. O que Borges traz a tona é a possibilidade desses signos serem formados seguindo uma ordem "X", uma lógica premissa. Como numa enciclopédia em que os assuntos são previamente organizados ou nas divisões e subdivisões dos seres vivos em Biologia. À primeira vista a proposição parece tentadora e genial. Pode até nos levar a pensar coisas do tipo "Como não pensei nisso antes?" ou "Os problemas de barreira linguística entre os povos do mundo acabaram!". Mas, na minha visão, existe um problema fundamental (com o qual o autor "brinca" ao citar as ambiguidades e deficiências que uma enciclopédia chinesa apresentava): quem irá predefinir essa categorização? No final das contas, não seria também uma escolha arbitrária?”

Laura de Azevedo Guimarães - Turma 113

“Sim, a categorização também seria arbitrária! E foi isso que eu mais achei fantástico no texto! "Sabidamente não há classificação que não seja arbitrária [...] razão é simples: não sabemos o que é o universo". Ou seja, sempre vai escapar um probleminha da classificação, seja ele na nossa sintaxe, discutindo-se se o verbo chover aceita argumentos, ou em qualquer outra língua, sendo ela natural, ou não.”

Oriana Harumi de Lima Tanaka - Turma 113

“Pensando no que a Fábria disse a respeito da inflexibilidade da língua pensei na prosódia. Por exemplo no Chinês "ma" tem 4 acentos tonais significando 4 coisas totalmente diferentes entre si. No caso de dizer que a criança é um chuchu no sentido de dizer que ela é fofa a entonação poderia diferenciar o significado da palavra. Ou uma língua não natural seria tão inflexível a ponto de não importar a prosódia?”

Henrique Guilherme Santos da Silva - Turma 113

“De certa forma, as línguas "naturais" tentam fazer o mesmo que a língua artificial de Wilkins: fixar significados em morfemas e ficar intercambiando sua posição. - Mas na língua de Wilkins existe uma relação de ordem mais estrita, onde o conteúdo mais geral é sempre sucedido pelo conteúdo mais específico. Na nossa língua, o núcleo (raiz) é que traz a informação mais específica e o significado vai ficando mais genérico e intercambiável conforme se avança para as pontas (prefixos e sufixos).”

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Algumas coisas me ocorreram ao ler o texto e os comentários.

Em primeiro lugar, tenho minhas dúvidas quanto à afirmação "a raiz carrega o significado". Nem sempre, e ela não é a única que o carrega. Os verbos "falar" e "falir" comprovam esta impossibilidade, já que os diferencia é a vogal temática. Mesmo assim, concordo que os morfemas, e o caso de "falar" e "falir" justifica tal proposição, são como definidores de categorias, especificando o significado.

A leitura do texto de Borges me fez também refletir sobre o que disse Saussure, e lembrei-me de uma curiosidade sobre as línguas ocidentais. Não posso afirmar que seja em todas por causa de

minha limitação cultural, mas em muitas línguas ocidentais, a palavra NOITE está relacionada com a palavra OITO.

Noite - oito

Night - eight

Notte - otto

Noche - ocho

Ouvi dizer que tal escolha está relacionada ao algarismo 8, que assemelha-se ao símbolo do infinito. Na origem das línguas, essa associação teria existido. Penso que alguns símbolos são arbitrários e definidos assim como na língua não natural citada por Borges. Veja no exemplo de "Noite". Em todos os casos, temos a letra N seguida do correlato naquela língua para o número OITO com alguma alteração fonética.

Penso que há alguma coisa em comum no processo de formação de palavras das línguas naturais. Não sei se viajei muito."

Carolina Carbonari - Turma 113

"(primeiro peço desculpas pela falta de acentos, mas estou em um teclado meio debilitado...) Eu acho que os papéis temáticos - de agente, paciente, instrumento... - são do domínio lexical mesmo. É que essas nomenclaturas nos remetem aquelas da oração, mas, nesse caso, acho que se referem às palavras do léxico que, no nosso entedimento, como falantes da língua, podem exercer uma ação, ou ser paciente de uma ação, ou ser instrumento para uma ação...

Acho que isso até tem a ver com o que você falou da voz passiva. Se os papéis temáticos não mudam, talvez seja porque eles de fato não estejam no âmbito da oração.

Mas por favor comentem mais, pq eu não tenho muita certeza disso! E conforme fui respondendo, fui ficando mais na dúvida...

Diana Szylił - Turma 131

"As coisas correm rápido aqui!!! Tanta coisa já foi discutida, tanto do que eu pensava em dizer...heheheheh! Concordo com a Carol, e devo dizer que foi o que mais me chamou atenção no texto do Borges, a discussão a respeito da relação entre som e sentido (a qual lindamente se dilui na poesia).

Mesmo a proposta de Wilkins teria um primeiro momento de arbitrariedade, e a partir desta seriam construídas as relações seguintes "menos" arbitrárias. Se eu não me engano, existem línguas que dividem o mundo em categorias deste tipo, tenho uma amiga que sempre me comenta sobre uma língua africana que é assim, depois vejo com ela e poderíamos ampliar esta discussão, afinal, é bem difícil pensar que alguém possa criar um sistema lingüístico totalmente original, às vezes me parece que existe um número limitado de maneiras para poder organizar um sistema lingüístico... Pois bem, a professora coloca um texto do Borges e eu viajo longeeee!! RS"

Mariana Carlos Maria Neto - Turma 113

"Baseando-se nos exemplos do texto, parece-me que a elaboração de um sistema parecido seguindo uma certa lógica acabaria por fazer um recorte diferente para categorizar de acordo com o "ponto de vista" de quem a elabora, bem como quando foi elaborada (contexto histórico). A enciclopédia chinesa citada classificou os animais à época numa categoria de "pertencentes ao Imperador", e o Instituto Bibliográfico de Bruxelas recortou como sendo de "divisões maiores" o que acredito que colocaríamos como sendo categorias que seriam incluídas em outras maiores: papa e a Igreja católica romana (como duas divisões diferentes), Dia do Senhor, escolas dominicais. E "religiões" (a grosso modo) orientais inteiras foram colocadas em uma única divisão (bramanismo, xintoísmo, budismo, taoísmo). Assim como mencionado no

texto, a escolha é totalmente arbitrária, e parece-me que esses recortes foram baseados de acordo com importância atribuída a cada um deles.”

Renata Kaoru Nakane - Turma 113

“Acho falho esse argumento que " língua que não muda, morre". Pois como visto no curso de elementos de linguística, as línguas são como seres vivos que estão sujeitos a mudanças, vale notar que a mudança na língua falada é bem maior que na língua escrita. Além de que outros processos podem resultar na morte de uma língua e que não se relacionam ao fato da língua ter mudado ou não.

Dentro do qual a colega Fabia disse e do que já vimos em morfologia, as palavras costumam adquirir diferentes significados e isso sempre foi assim (é claro que existem aquelas que só podem ser aplicadas em um único contexto), mas em sua maioria aprendam mais de um sentido. Isto, dá um valor que pode ser explorado artisticamente ou no nível mais baixo das gírias.

Concluo que é extremamente UTÓPICO a ideia de uma língua universal e do uso fixo das palavras. O uso de nomenclaturas também necessita de variações, pois como a palavra, ela transmite uma percepção de mundo em um determinado ponto de vista.”

Marcelo Antoni Enderson Almeida de Oliveira - Turma 113

“O interessante do texto do Borges, é a possibilidade de se criar uma língua que por seus mecanismos internos seria completa de significado. No entanto, quando a analisamos temos a questão da inalcançável totalidade de conhecimento do universo, mesmo sendo uma língua artificial o curso natural traria novas palavras, toda língua viva muda, seria necessário uma nova categoria, para complementar o que já existe ? Também haveria a impossibilidade de se fazer poesia, pois uma palavra já teria o seu sentido próprio, sem poder admitir outra interpretação, a métrica e a própria rima ficariam comprometidas. Nessa língua não haveriam sinônimos, já que uma palavra serve para determinar algo, não haveria a necessidade de outra para o mesmo fim ? E os homônimos então ? Seria uma espécie de Esperanto inicial, com um propósito de unificar a língua a facilitar a compreensão ?

Acho que como os outros posso ter excedido em divagações, mas foi inevitável.”

Erika Araujo Pereira - Turma 113

“Acredito que existiriam sinônimos, pois as palavras sinônimas nunca são 100% iguais em sentido.

Mesmo na criação de uma língua artificial, como proposto por Wilkins, algumas palavras carregariam em alguma quantidade o significado de uma outra.”

Rodrigo Giannini Artioli - Turma 113

“Então, Carolina, no caso de "falar" e "falir" há mesmo coincidência de formas, mas temos que levar em consideração que os radicais são muitos, enquanto as VTs verbais são só três, ou seja, bem menos específicas.

O texto do Borges não menciona como o Wilkins tratava os verbos, mas supondo-se que fosse com a mesma rigidez de ordem, teríamos primeiro os morfemas que determinam número-pessoa, seguidos dos aspectos-temporais, seguidos de uma ou mais raízes de acordo com as quarenta categorias que ele definiu.

Em vez de mat/ava/m -> m/ava/mat.”

Marciano Cardoso de Sena - Turma 113

“Uma outra dúvida surge na minha mente: se as palavras são definidas, dentro deste sistema de Wilkins por aquilo que elas significam, dentro de categorias estreitas que representam as coisas do universo... onde entrariam as palavras gramaticais?”

Elas, em geral, pouco representam o universo de fato, e quando o fazem precisam de outros referenciais para fazerem sentido.

Como poderia haver uma sintaxe que funcionasse, uma boa relação entre palavras, se as palavras gramaticais não existissem e tampouco as desinências de caso, como no latim? Se estas desinências não tivessem um significado quanto ao REFERENTE, e não quanto ao CÓDIGO, caberia incluí-las na língua?

Não sei se me fiz entender!”

Carolina Carbonar - Turma 133

“Uma única língua para todo o mundo!? Seria impossível, pois cada ser, percebe o espaço (físico), as ações, os objetos, os sentidos, o mundo de forma diferente e arbitrária. E em cada lugar do mundo existem coisas singulares que só se ver naquele lugar e que pessoas que nunca pisarão lá, nunca vai entender o sentido de uma palavra que representa um objeto (ou sei lá o que) que ela nunca viu, ver, ou verá. Um ser humano que sentisse uma dor jamais antes sentida daria um nome, que outro que sentisse a mesma dor jamais daria. Cada um vê, senti as coisas de acordo com seu modo de vida, suas experiências, seu espaço. Para se pensar em uma língua universal, seria preciso antes de tudo tornar tudo universal e isso apesar da globalização se esforçar para conseguir, a natureza nunca vai permitir.

Viajei! rsrs

Carolina, acho isso super complicado de entender também! Afinal como ficariam as relações gramaticais?[2]

Isso da palavra significar categorias estreitas que representam as coisas do universo, não seria aquela visão limitada de achar que a língua seria simples denominação de objetos do mundo? Então só haveria coisas materiais no mundo? E as coisas imateriais como: os sentimentos e as relações gramaticais? Quem arrisca fazer essa viagem?”

Renata da Silva Xavier - Turma 113

“Mais complicado que se estabelecer uma língua única seria adaptar as diferentes culturas, abrangendo o melhor de todas. Pois a língua é parte da cultura, modifica-a e por ela é modificada.

Por isto a tradução não é um trabalho banal e simples. Porque as palavras não têm necessária correspondência direta imediata em outras línguas. Mais que um dicionário, é preciso conhecimento intercultural.

Isto sem contar as diferentes "versões" de uma mesma língua. Ou é possível dizer que o modo de falar o português em Portugal não é reflexo do sentimento saudosista e sofrido da cultura daquele país, principalmente identificado por sua arte? Não é possível cantar o fado no português brasileiro mantendo-se a angústia que o caracteriza.”

Thiago Surkus Forni - Turma 113

“Pensando na arbitrariedade da classificação dos elementos da natureza, me veio à cabeça um conceito de língua portuguesa, que sinceramente eu não sei se se aplica igualmente em outros idiomas, e que parece ser totalmente aleatório, assim como classificar animais em "cachorros soltos" e "os que correm como loucos".

Seria a classificação de cores em "quentes" e "frias". Essa classificação sinestésica me parece bem arbitrária. Bom, se alguém souber a origem disso, agradeceria imensamente. De fato, penso que esse exemplo confirma a ideia de que toda classificação é baseada na cultura, portanto pode ser considerada aleatoria diante de outra cultura.”

Carolina Carbonari - Turma 113

“Vocês não acham que, talvez, a grande diferença entre aquela classificação chinesa (inicialmente maluca mas pertencente ao seu tempo etc) e a nossa seja que a nossa "varre"

todos os seres e tem denominações excludentes umas em relação às outras, enquanto que a outra faz uma classificação na qual pode haver intersecções e falhas entre uma "classe" e "outra"? Claro que não se pode pensar em "melhor" ou "pior" ou em "coerente" e "incoerente". Mas o fato é que, para as questões práticas, uma classificação cujos limites sejam juntos, mas não sobrepostos, é mais eficiente."

Fabia Alvim Leite - Turma 113

"A apresentação no texto das diferentes perspectivas de conceituação dos elementos da oração despertou em mim uma sensibilidade maior em relação ao funcionamento da língua. As definições tradicionais de sujeito e predicado, bem como a tripartição clássica dos termos da oração, são criticadas no início do texto por apresentarem fragilidades na análise de orações sem sujeito. Ao que parece a prioridade dada ao sujeito está fundamentada nos conceitos aristotélicos de substância e acidente. Por sua vez, a perspectiva baseada no predicador, entendido como núcleo projetor dos argumentos da oração, parece se fundamentar no desdobramento de uma ação. Os argumentos externo e interno da oração, incorporam a noção de sujeito e predicado ampliando seu horizonte nas definições de tópico e comentário, eles corrigem o dado da primeira perspectiva e remobilizam a dinâmica do sistema e o agrupamento das suas categorias.

Apreciar a mudança destas perspectivas, conhecer seus pontos de partida e deparar com os seus erros quando o sistema não é capaz de explicar certos fenômenos, torna o estudo da sintaxe mais instigante e fecundo. Trata-se de uma reflexão sobre um sistema vivo que tenta dar conta da complexidade das relações entre pensamento e língua, abandonando assim o conjunto morto de conceitos aplicáveis de maneira normativa.

Creio que podemos discutir a importância de conhecer as bases de cada uma destas perspectivas e a mudança de seus paradigmas. Daí a importância de iniciar a reflexão no nível epilinguístico e só depois assumir a metalinguagem como um recurso imprescindível ao avanço explicativo."

Paulo Roberto Yonamine - Turma 131

"Nossa, eu ia criar um tópico bastante parecido (já vi que temos que ser rápidos nesse fórum para trazer ideias inéditas! =))

Bom, eu ia escrever sobre uma conversa que tive com uma amiga que faz letras na Itália, e da qual me lembrei depois de reparar que não fui só eu que em dado momento perguntou "qual a importância dessa definição?", que lembra a pergunta levantada pela professora "qual a importância de projetar estruturas?"

A conversa foi a seguinte: minha amiga perguntou qual seria o sujeito da oração "O seu maior defeito era a ganância". Eu respondi que era "o seu maior defeito", mas que se a frase fosse "A ganância era o seu maior defeito", o sujeito seria "A ganância". Ela achou um absurdo a distinção, se as frases tem exatamente o mesmo significado. Eu disse que não era exatamente o mesmo significado - em uma frase se fala sobre a ganância e, na outra, sobre o maior defeito de alguém, mas, para ela, continuou dando na mesma.

E aí voltei para a questão: e porque isso é importante?

Gostei do que o Paulo escreveu, porque o que está me motivando agora está aí: não na classificação sujeito, mas em pensar, refletir a classificação, é "tentar dar conta da complexidade das relações entre pensamento e língua". Afinal, a diferença entre as duas frases, ao menos para mim, não está só na sintaxe, mas também na semântica"

Diana Szyllit - Turma 131

"Acho que esse seu exemplo, Diana, explicita como nós somos apegados ao posicionamento do elemento na frase, e não ao verdadeiro papel temático que ele desempenha. Isso porque, nas

gramáticas tradicionais, aprendemos tudo muito simplificado, e aprendemos a decorar nomenclaturas, e não a pensar na estrutura em si... Comecei a refletir sobre isso quando cursei Morfologia do Português I, semestre passado, e a professora nos mostrou como a NGB tem erros, e que a classificação das classes de palavras é bastante arbitrária, ou seja, não se sustém cientificamente; é só uma compilação simplificada de regras a serem passadas aos alunos (que fomos nós mesmos, é claro)."

Karina Oliveira - Turma 131

"Eu também concordo que um trabalho no nível epilinguístico (atividade de reflexão e peração sobre a linguagem) e depois no nível metalinguístico (capacidade de falar sobre a linguagem, descrevê-la e analisá-la como objeto de estudo) ficaria mais fácil entender a complexidade da norma gramatical na língua. Também não vejo muita vantagem em se recortar frases e trabalhar classificações de sujeito e predicado ou vice versa. Seria mais proveitoso trabalhar e entender tais classificações dentro do texto ou discurso. Talvez o fato de o curso ser tão curto, não dá tempo de trabalhar o quanto se necessita por exemplo, a sintaxe, uma parte da gramática tão importante para entendermos como que está posta na língua."

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

"Olá pessoal!

Para quem assistiu a aula de hoje (28/03) ficou mais clara ainda esta questão da superficialidade das definições dos termos na oração. A prof. deu uma aula que me levou a refletir o que jamais havia pensado sobre o sujeito nas sentenças.

É óbvio que este tipo de questionamento nunca me passou pela cabeça durante minha vida escolar, o que é extremamente justificável. Não possuía a maturidade e "bagagem" que possuo hoje, e principalmente os exemplos dados em sala de aula não iam além das *frases básicas*, ou seja, não havia ambiente fértil para as reflexões aqui postas.

No entanto, o que mais me intriga é pensar como devemos passar isto a diante. Explico-me: aos que pretendem lecionar português daqui algum tempo, como não se apegar ao modelo já existente sem "assustar" os alunos com tantas reflexões complexas?

Particularmente, preciso enxergar uma maneira viável de ensinar a sintaxe sem cair no lugar-comum, despertando o interesse à reflexão e ao questionamento. Mas também neste sentido, não é necessário que adotemos uma linha de pensamento? Será que o ponto-chave não é mantermos a nomenclatura conhecida, mas focando no entendimento dos fenômenos e não apenas nas suas características de ocorrência?

Sei que o meu tópico trouxe mais dúvidas do que esclarecimentos, mas gostaria realmente de saber o que pensam sobre isso os que pretendem ser professores de português em breve como eu."

Priscila Aparecida Pinheiro de Sousa - Turma 131

"A mesma dúvida tem me atormentado desde que eu comecei a conhecer as teorias linguísticas... Também quero ser professora, e me pergunto a todo momento como podemos "mastigar" esse conhecimento que recebemos na faculdade para os alunos do ensino fundamental e médio.

Sem dúvida, a última aula foi muito esclarecedora. Faz muito mais sentido pensar no sujeito em diferentes níveis de predicação, do que simplesmente analisá-lo sempre em frases soltas sem contexto, que são sempre as formulações de frases básicas. É claro que, como vimos, é possível sim encontrar o sujeito gramatical fora do contexto do discurso, mas acho que o problema está justamente aí: na escola, não se estuda o nível do discurso, (pelo menos, eu não estudei) e assim, não se explica como um todo o que realmente é o argumento externo.

As aulas de português se limitam ao nível da oração, o que prejudica o entendimento real de sujeito.

O que foi mais esclarecedor para mim foi a explicação sobre Tópico e Comentário. Essa história de anacoluto nunca me convenceu totalmente.. haha”

Karina Oliveira - Turma 131

“Como ensinar sintaxe de uma forma atrativa é um questionamento relevante, não só pelo ensino do conteúdo em si, mas pela importância e a consciência que temos do papel do educador. Baseando-me na minha vida escolar, o ensino gramatical me foi apresentado como uma coisa distante da realidade. De maneira que, só servia para distinguir o certo do errado, e não como um estudo de reflexão sobre o funcionamento da língua. Então, se eu não consigo seguir as regras impostas pela gramática normativa ou não as entendo, pra que estudá-las? Talvez a aproximação dos conteúdos estudados com a realidade do aluno e/ou o confronto das diferentes percepções da estrutura da língua possam ser pontos de partida para o ensino.”

Thais Silva Souza - Turma 131

“Em aula, a professora comentou sobre o livro do Foucault, *As Palavras e as Coisas*, no qual, usando um texto do Borges, *El Idioma Analítico de John Wilkins*, o autor levanta algumas questões sobre como ordenamos e classificamos o mundo e as palavras.

Foucault informa que a ordem estabelecida pelo homem gira em torno da classificação das coisas: São os *códigos fundamentais de uma cultura*. Mas, ele também deixa claro que esta ordem pode ser mudada por questionamentos, *teorias científicas*, ou *interpretações de filósofos*: “Mas entre essas duas regiões tão distantes, reina um domínio que (...) é mais confuso, mais obscuro e sem dúvida, menos fácil de analisar. É aí que uma cultura, afastando-se insensivelmente das ordens empíricas que lhe são prescritas por seus códigos primários, fá-las perder sua transparência inicial, libera-se o bastante para constatar que essas ordens não são talvez as únicas possíveis, nem as melhores...” FOUCAULT

Ao longo da discussão vista neste tópico, sobre a “definição de sujeito” é possível notar vários conceitos levantados pelos colegas, algumas vezes com comentários do tipo “a definição mais adequada seria essa, ou aquela”.

O engraçado é que por meio da mesma discussão é possível notar que todas as definições fazem sentido, se não em todos os aspectos, pelo menos para determinado caso. Isso ocorre porque as divisões e classificações são convenções criadas pelo homem e cada uma tem validade dentro de um determinado contexto, a coerência nelas é colocada e medida por nós. Assim, falar que sujeito é o ser sobre o qual se declara algo, ou aquele que pratica a ação, vai depender do contexto, pois para se definir sujeito existem várias formas possíveis, ou seja, “as ordens não talvez as únicas possíveis, nem as melhores”.

Mariane Rodrigues de Souza - Turma 133

Tema 6: valência dos verbos e papéis temáticos

Questões voltadas à valência do verbo e seus papéis temáticos foram os temas desse bloco de discussão. Muitos alunos manifestaram dúvidas quanto à saturação de um verbo. O que queremos dizer quando afirmamos que um verbo satura seus argumentos? A questão da atribuição temática do predicador também foi uma questão recorrente. Só o verbo atribui papéis temáticos? Aqui ressurgiu a questão dos verbos inacusativos. Quais tipos de papéis temáticos eles atribuem? Eles podem atribuir papel de agente? De paciente? Percebe-se que o sujeito/argumento externo ainda é um mistério, principalmente no que concerne à sua característica 'agentiva'/passiva.

"Olá, pessoal.

Em relação à aula passada, fiquei com uma dúvida que gostaria que alguém tentasse me ajudar a esclarecer. A professora Maria Clara nos explicou o que é "valência do verbo" e o que é "estrutura temática". Se eu bem entendi, ela disse que há uma relação entre a valência do verbo e a estrutura temática. Realmente há essa relação? E qual é essa relação exatamente? Agradeço muito."

Thaís Vidal Fetka e Silva - Turma 131

"Agora que parei pra pensar nisso, percebi que essa relação talvez não tenha ficado muito clara pra mim também, e não consigo responder sua pergunta totalmente; mas aí vai o que eu entendi, e quem sabe pode te ajudar em alguma coisa, né?

A estrutura temática do verbo seria: o verbo + os complementos que ele "exige", e cada complemento seria um tema (θ) {não tenho muita certeza dessa parte, tá?}. e a valência é uma espécie de característica do verbo que indica a quantidade de complementos que ele "exige":

Choveu. (V) = valência 0

Ele chorou. (V_) = valência 1

A menina comprou uma boneca. (V__) = valência 2

Ela ofereceu um biscoito a ele. (V___) = valência 3

A única relação que eu percebo é que tanto valência quanto estrutura temática abordam a relação verbo->complemento.

esse conceito tá um pouco bagunçado pra mim também. pessoal, por favor, complementem/corrijam/esclareçam aí pra gente"

Marcella Budiski da Silva - Turma 131

"Pelo que eu entendi a valência e a estrutura temática estão relacionadas porque, realmente, as duas tratam da relação entre verbo e complemento. A valência serve para mostrar quantos complementos o verbo "pede" (V_, V_ _, V_ _ _), e a estrutura temática demonstra quais são esses complementos (agente; agente e paciente; agente, paciente e alvo).

Ex: Eu dei um presente para a Ana.

valência de "dar" : V _ _ _

estrutura temática: agente - (V) - paciente - alvo

Obs: fiz essa representação só para ilustrar o que digo, creio que não é uma forma apropriada."

Gabriela de Souza Morandini - Turma 131

"Pelo que eu entendi é pertinente seu esclarecimento.

Segundo Perini: "a valência de um verbo dá informação sobre os ambientes em que esse verbo pode ocorrer".

Também tenho em meu caderno alguns comentários que a professora fez na sala, a saber: "a valência do verbo representa a quantidade de argumentos que o próprio verbo traz" e que "é do verbo que sai a valência).

ex: ele deu o dinheiro aos pobres. [v: _ _ _] valência 3. que seria o sujeito: ele(argumento externo), o objeto direto(dinheiro) e o objeto indireto: pobres, ambos, (argumentos internos).

outro exmplo: Ele matou o pássaro. [v: _ _] valência 2. sujeito: ele (argumento externo) e o objeto direto: pássaro (argumento interno).

Bem, confesso que o tema é um tanto quanto complexo e a ajuda de vcs para comentar a respeito é muito importante, valeuu....."

Leandro Ferraz de Souza - Turma 131

"Acho que quanto à valência, o assunto já está claro (é a quantidade de argumentos que o predicador projeta, certo?)

Mas eu ainda não entendi a questão da estrutura temática também. Os temas, até onde entendi, são os próprios argumentos, ou seja, de acordo com a valência (0, 1, 2 ou 3) a oração terá tantos temas.

Olhando as anotações do meu caderno, lembrei que a professora explicou a estrutura temática no âmbito ainda lexical, antes de entrar na oração de fato, e relacionou a estrutura temática com a seleção semântica que o predicador faz. Até aí tudo bem. Eu anotei também que os papéis temáticos são os de agente e paciente (como alguém explicou em um comentário acima), mas então já estamos no âmbito da oração, não? Ou a separação entre os domínios de análise (lexical e da oração) não importam?

Acho que talvez seja uma dúvida boba, mas eu realmente fiz confusão com todas essas nomenclaturas novas...

O que achei interessante de observar é que mesmo na voz passiva, os papéis temáticos continuam os mesmos, ou seja, a relação com o predicador não muda."

Karina Oliveira - Turma 131

"Eu acho que os papeis temáticos - de agente, paciente, instrumento... - são do domínio lexical mesmo. Eh que essas nomenclaturas nos remetem aquelas da oração, mas, nesse caso, acho que se referem as palavras do léxico que, no nosso entendimento, como falantes da língua, podem exercer uma ação, ou ser paciente de uma ação, ou ser instrumento para uma ação...

Acho que isso ate tem a ver com o que você falou da voz passiva. Se os papeis temáticos não mudam, talvez seja porque eles de fato não estejam no âmbito da oração.

Mas por favor comentem mais, pq eu não tenho muita certeza disso! E conforme fui respondendo, fui ficando mais na duvida..."

Diana Szylit - Turma 131

"Olá!

O que a professora falou na aula que ela deu sobre valência e estrutura temática foi que parece haver relação entre as duas coisas, mas que elas são diferentes, apesar de estarem no mesmo nível - o lexical.

Valência é a **abertura de um verbo para certo número de argumentos**, como já foi dito por alguém, um verbo pode ser ter valência de zero até 3.

Estrutura temática é o verbo **atribuir um certo papel temático** para um argumento, como agente, paciente ou alvo.

O verbo é importante para os dois casos, pois é ele que seleciona os argumentos na valência, e que atribui papel temático.

Eles estão relacionados, já que um verbo com certa estrutura temática não pode ter uma valência inferior a da estrutura. Por exemplo, um verbo como *matar* tem uma estrutura

temática de dois temas (agente e paciente) e valência de até dois argumentos (podemos dizer que *O fazendeiro matou* ou que *Mataram o patinho*, e assim por diante...).

Será que deu pra entender com a minha explicação??? (se bem que eu acho que não fui muito clara e repeti o que os colegas falaram...)"

Giselle HFK - Turma 131

"Acho que a pergunta da Karina na verdade já foi respondida, mas queria acrescentar uma frase de Perini (2009) que está em um dos resumos de aula, se não me engano (anotei no meu caderno, não me lembro de onde!)

"o conhecimento do léxico se integra intimamente com o conhecimento gramatical, e a distinção entre eles muitas vezes não é nada clara".

Portanto, Karina, não acho mesmo que sua dúvida seja boba! E acredito cada vez mais que devemos pensar em "classificações sintáticas" que envolvam cada vez mais o léxico e a semântica."

Diana Szylit - Turma 131

"Olá,

Quando nos referimos à Valência, estamos tratando das possibilidades de um verbo em relação ao número de argumentos, como já foi dito. assim, um verbo pode pedir até um argumento externo e até dois internos, pelo que entendi. Já a estrutura temática está relacionada às funções que os argumentos podem cumprir, ou seja, objeto(direto ou indireto), complemento, etc. Pensando numa estrutura de casos, dativo, acusativo, etc."

Lucas Lopes Giron - Turma 131

"Apenas para apoiar o que a Gabriela aqui expôs, eu entendi, exatamente, a mesma coisa, ou seja, a relação entre valência e a estrutura temática existe porque aquela enumera quantos complementos o verbo é capaz de suportar e esta discrimina qual a função deles no campo temático do texto."

Evandro Rodrigues Vicente - Turma 131

Tema 7: As definições funcionais de sujeito - o sujeito lógico, gramatical e psicológico: discussões e problematizações

Nesse bloco de discussões, os alunos discutiram com mais aparato crítico as definições e funções do sujeito. As discussões estavam voltadas à funcionalidade do sujeito lógico, gramatical e psicológico. De modo geral, cada turma comentou um determinado tipo de sujeito. Exemplos e casos específicos foram elencados e discutidos à luz da teoria de Halliday apresentada pela professora Maria Clara na 4ª aula.

“Como a professora havia questionado sobre o papel do sujeito lógico em frases passivas, acho interessante discutirmos:

Se o Sujeito Lógico é o ACTOR da ação como em “O calor derreteu a manteiga”, “O calor” desempenha a função de sujeito lógico por ser o agente da ação, mas se colocarmos na passiva “A manteiga derreteu”, “a manteiga” estaria desempenhando a função de sujeito lógico?

Acredito que “A manteiga” desempenha sim a função de sujeito lógico, mas questiono quanto à definição empregada. O que acham?”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“Aline, essa é a mesma dúvida que tenho e por isso sugeri a discussão com a frase “O vidro quebrou”. Talvez minha dúvida esteja no fato de que a professora mencionou que o sujeito psicológico corresponde ao tópico, e nesse caso deveríamos pensar em qual é o tópico de uma oração passiva. Se fosse “a manteiga foi derretida pelo calor”, será que “calor” ainda seria sujeito psicológico por ser agente da passiva ou ao inverter a ordem eu estou dando mais ênfase ao derretimento da manteiga e não ao calor, e então o tópico é outro e conseqüentemente o sujeito psicológico?”

José Eduardo da Silva - Turma 111

“Eduardo, em “a manteiga foi derretida pelo calor” acredito que o sujeito psicológico seja “a manteiga”, assim como o sujeito gramatical. Se pensarmos em “O calor derreteu a manteiga”, o sujeito psicológico/ gramatical/ lógico é o “O calor”, mas quando é colocada na passiva, tenho a impressão que a ênfase é alterada, ou seja, a ação sofrida parece ter mais importância do que o agente da ação, por isso “a manteiga” seria o sujeito psicológico/ gramatical. Assim como você, associei o sujeito psicológico ao tópico, mas não sei se eles estão sempre unidos.

Quanto ao sujeito lógico, em “O calor derreteu a manteiga” é o “O calor”, mas e quando colocamos na passiva “A manteiga foi derretida pelo calor”? O sujeito lógico também é “O calor” por ser o ACTOR? Mas se omitirmos esse sujeito, como em “A manteiga foi derretida”, será que “A manteiga” passa a ter função de sujeito lógico? Ou esse sujeito agora está oculto? O mesmo em “Ele quebrou o vidro”, “Ele” é o sujeito lógico, mas e em “O vidro quebrou”?”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“Oi pessoal,

Sujeito psicológico é aquele que parece mas não é. É como algo que tem tudo para ser sujeito, mas como não é o praticante de alguma ação (sujeito lógico), ou não estabelece concordância (sujeito gramatical), mas, apesar de não fazer isso tem papel fundamental na sentença já que esta mesma versa sobre algo que ele introduziu, recebe o papel de “sujeito psicológico”. Acho.

[O vidro] quebrou: acredito que o vidro seja sujeito psicológico, gramatical, mas sujeito lógico acho que não. Acho que confunde porque trata-se daquele sujeito com papel mais paciente do que agente, como [as cartas] chegaram ou chegaram [as cartas]. É um argumento interno por ser mais paciente, mas ainda é sujeito. Só que não é sujeito lógico porque segue aquele exemplo [as flores] murcharam, em que o actante foi colocado como (?).

Mas uma coisa que acho um pouco menos "confusamente" é que a frase virar: "A manteiga foi derretida", não faz o sujeito "manteiga" virar "sujeito lógico". Isso porque ele continua sendo mais paciente do que agente, algo como ter sofrido mais a ação do que a praticado. Com a sentença na voz passiva "manteiga" não fica mais actante, traço que o sujeito lógico exige. Acho que se fosse algo que sofresse e fizesse a ação ao mesmo tempo, como "A manteiga se derreteu" (no caso, como se fosse "derreteu à ela mesma" 😊) ela poderia ser tanto atuante como paciente, e aí até poderia ser sujeito lógico..."

Beatriz Marina Agnelli - Turma 111

"Eu não acredito que "a manteiga" seja actor. Não pela definição de "agente". Talvez não haja sujeito lógico na oração, talvez ele esteja restrito ao contexto, algo do tipo "A manteiga derreteu por causa do calor". Mas nesse caso já se tem outra oração."

Marian Gabani Gimenez - Turma 111

"Uma das coisas mais interessantes da faculdade é como nos deparamos com conceitos que ampliam e muito nossa visão sobre o que conhecemos. Antes eu sempre via o sujeito de uma oração da forma como eu o aprendi no colégio e nunca havia pensado nessa possibilidade de haver mais de um tipo de sujeito dependendo do domínio em que se esteja analisando. Vi muito sentido na divisão entre sujeito psicológico, gramatical e lógico. Apenas fiquei com uma dúvida porque nos exemplos de passiva a professora disse que não havia sujeito psicológico por não haver um tópico, que nem na frase:

O vidro quebrou.

Agora se eu disser:

O vidro, ele quebrou

O vidro quebrou, eu tenho que trocá-lo

Nestes dois últimos "o vidro" e "o vidro quebrou" seriam os tópicos, certo? Então porque na primeira passiva que eu escrevi "o vidro" não pode ser um tópico? Será que é porque na frase "o vidro quebrou" eu não estou falando especificamente do vidro mas sim da quebra dele, e então o tópico é a própria coisa que a frase está comunicando, ou porque "o vidro quebrou" seria um comentário de um tópico que poderia ter sido mencionado antes? (João chutou a bola, ela bateu na janela, o vidro quebrou)."

José Eduardo da Silva - Turma 111

"Se não me engano, em "O vidro, ele quebrou", de fato "O vidro" corresponderia, como você sugeriu, ao sujeito psicológico. Porém, a oração "O vidro quebrou" jamais o poderia ser; neste caso, novamente "O vidro" seria suj. psicológico, "quebrou", apenas o predicador. No comentário, o pronome oblíquo em "trocá-lo" passa a coincidir com o tópico da primeira oração, em um processo que imagino que possamos chamar de demonstrativo-reiterativo (i.e. tópico-referencial).

No caso de "O vidro quebrou", a relação de sentido (tópica, que transmite a necessidade semântica) se daria pelo âmbito do discurso (con-texto, sincronizada ao texto, dele dependente). Essa oração se referiria, portanto, a uma carga textutal que a precede e perpassa, o domínio maior, do discurso. Então, imagino "O vidro" se tratar de um sujeito gramatical e também lógico; a sentença em si sendo apresentativa (embora tenha ficado um pouco nebuloso para mim se as sentenças apresentativas valem tanto para orações com verbo na 3ª do plural quanto do singular)."

Pedro Barbieri Antunes - Turma 111

"Pois é, eu ainda não entendi direito a diferença entre sujeito psicológico e sujeito lógico. A definição da Inês Duarte não fica muito clara para mim."

“Acredito que em “O vidro quebrou”, o sujeito psicológico não seria “O vidro”, mas sim teria sido mencionado antes, como exemplificou “ João chutou a bola, ela bateu na janela, o vidro quebrou”, já que o sujeito psicológico está no Domínio do Discurso.

Já com relação ao que o Pedro disse : “imagino "O vidro" se tratar de um sujeito gramatical e também lógico”, não sei se é possível defini-lo assim.”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“Uma coisa que me deixou em dúvida seria quanto a relação (se é que há uma) entre os diferentes tipos de sujeito... Estariam eles contidos um no outro numa hierarquia ou, pelo contrário, a existência de um exclui a possibilidade de haver o outro?”

Caroline Ferreira Battistini - Turma 111

“Na segunda frase, "O vidro quebrou, eu tenho que trocá-lo", Aline, eu acho que "O vidro" continua a ser suj. psicológico, porque eu entendo que é nele que se aloca a topicidade a qual o suj. da oração seguinte ("eu") se refere. É como se o tema fosse o "vidro", e o "eu" estivesse se reportando a este tema para exercer a sua ação de suj. semântico-gramatical. É com isso em mente que eu imagino que, neste caso, "O vidro" seja suj. psicológico; ou seja, que ele mesmo satisfaça as condições de contextualidade e se torne o domínio ao qual a sentença se refere. Isto, é claro, imaginando esta sentença como seu próprio começo e fim. Mas acho que sempre podemos puxar uma seta antes e pensar que essa frase também seria apresentativa, enquanto alguém tenha perguntado ao "eu" a clássica frase "O que aconteceu?"; porém, da mesma forma, alguém poderia perguntar "E o vidro?", e então o tópico contextual seria, novamente, o "vidro". Na outra oração, no entanto, que é somente "O vidro quebrou", acho que eu me enganei, Aline, e talvez não seja um suj. lógico, enquanto *actante (actor)*, mas acho difícil que não seja um suj. gramatical, pois desencadeia a concordância em relação ao "quebrar".

Quanto à pergunta da Caroline, eu consigo perceber uma certa hierarquia, sim, entre os domínios (sendo que os maiores podem abarcar os menores, isto é, estes últimos se dão no âmbito daqueles), mas não uma relação de exclusão. Como a professora disse, em uma frase básica como "Os linguistas são legais", os três domínios se homologam (de homo, mesmo, semelhante, e logos, discurso, palavra), concordam, coincidem entre si: sujs. psicológico, gramatical e lógico são o mesmo, "Os linguistas". Da mesma forma, pelo que entendi, pode haver, sim, dois elementos distintos que sejam, um suj. psicológico e o outro, suj. gramatical/etc., como podemos ver no exemplo dado em sala de aula: "Fotografia (suj. psico.), o papel (suj. gramatical-lógico) está muito caro.” “

Pedro Barbieri Antunes - Turma 111

“Pedro, o meu questionamento era realmente com relação ao sujeito lógico em "O vidro quebrou", pois não sei se podemos classificá-lo assim, mas concordo com você com relação ao sujeito gramatical.

Em "O vidro quebrou, eu tenho que trocá-lo", concordo também que o "O vidro" é o sujeito psicológico, "Eu" o sujeito gramatical-lógico e o "lo" reitera o sujeito psicológico "O vidro", mas entendo que o tópico é o "O vidro quebrou".

Caroline, acredito que a exemplificação do Pedro deixa bem clara essa relação dos sujeitos, no qual não se excluem, não são necessariamente os mesmos e podem coincidir. No entanto, discordo que haja uma hierarquia, pois não vejo um sujeito mais importante do que outro, ao meu ver todos estariam em um mesmo nível, não entendo que os domínios possam hierarquizá-los.”

Aline de Lima Benevides - Turma 111

“Eu acho que me confundi e acabei determinando uma relação muito forte entre tópico e sujeito psicológico, sendo que talvez nem sempre o sujeito psicológico é o tópico, ou vice versa. Já com relação a sua pergunta, Caroline, a existência de um não exclui a possibilidade de outro, sendo que um mesmo sujeito de uma oração pode ser tanto psicológico, gramatical e lógico. Já se há hierarquia não sei responder porque cada um se refere a um domínio diferente...”

José Eduardo da Silva - Turma 111

Olá.

Procurando responder a pergunta da Caroline, trouxe um exemplo bem ilustrativo tirado das aulas da professora Maria Clara:

Ex – Os linguistas escrevem textos incompreensíveis

Neste caso, "*os linguistas*" exerce o papel de **sujeito lógico** (actante, aquele que inicia a ação), **sujeito gramatical** (aquele que desencadeia as concordâncias) e **sujeito psicológico** (tópico, aquele é o argumento, tema ou ponto principal).

Ou seja, apesar de existir certa hierarquia, esta hierarquia é temática, o que não exclui a possibilidade de um determinado sujeito exercer vários papéis temáticos - ao mesmo tempo - dentro da oração e, de modo mais abrangente, do discurso.”

Felipe Rodrigues de Freitas - Turma 111

“Acredito que haja sim uma determinação forte entre tópico e sujeito psicológico ou, no mínimo, intrínseca, se pensarmos no significado de tópico como tema ou argumento e, deste modo, como a parte mais "íntima" e mais importante do sentido de sujeito psicológico, que o é theme: o tema.

Ou seja, abrangendo ao domínio do discurso há um tema, um substrato de sentido que funciona como sujeito psicológico, abarcando possíveis declarações que vão afirmar ou negar algo que seja expresso pelo predicado que envolve o sujeito, ou os sujeitos.”

Felipe Rodrigues de Freitas - Turma 111

“Bom, pelo que eu entendi, o sujeito psicológico sempre corresponde ao tópico. Isso porque tópico é o “assunto” sobre o qual a sentença versa, logo, dando a impressão de tratar-se de um sujeito. Mas, por algumas vezes não ser efetivamente o sujeito praticante de uma ação, é chamado “sujeito psicológico”. (exceto nas vezes em que o sujeito psicológico corresponde ao actante, daí ele é tanto sujeito psicológico, quanto lógico e gramatical). Bom, pra dizer tudo isso pensei em:

Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira = apesar da frase começar com "essa bolsa", tanto quanto este ser o termo "tópico" de toda a sentença, "bolsa" não é o sujeito actante, porque quem pratica a possível ação é o "eu" = eu podia te *roubar* a carteira. Portanto, "bolsa" assume a função - não menos importante - de sujeito psicológico.

Entendi que o sujeito gramatical é o que estabelece concordância. Peguei só isso sobre ele, será que teria alguma outra definição?

Por fim, o sujeito lógico é o praticante da ação, é ativo, ou “actor”, “actante”, não sei, aquela palavra que a profª não gostou muito (rs).

Pensando nas frases da colega:

[O vidro] quebrou: acredito que o vidro seja sujeito psicológico, gramatical, mas sujeito lógico acho que não. Agora pensando nisso, parei e me confundi. Mas acho que confunde porque trata-se daquele sujeito com papel mais paciente do que agente, como [as cartas] chegaram ou chegaram [as cartas]. É um argumento interno por ser mais paciente, mas ainda é sujeito. Só que não é sujeito lógico porque segue aquele exemplo [as flores] murcharam, em que o actante não dá pra identificar.

Enfim, acho que em [o vidro] quebrou, “o vidro” é sujeito psicológico... pelo menos.”

Beatriz Marina Agnelli - Turma 111

“Fiquei com uma dúvida a respeito dos Tópicos.

A professora nos apresentou duas frases:

A) arranhou o pássaro

B) arranharam o pássaro

Acho que era mais ou menos essas.

Enfim, para a oração A) seria possível através do contexto de que uma pessoa chegar na casa de outra e ver o gato preso, com um gesto perguntar algo do tipo "o que houve?" e essa dizer "arranhou o passáro". E que isso seria impossível para a oração B).

Porém, penso que seria possível essa mesma pessoa ao entrar na casa reparar que o passáro está ferido e com o mesmo gesto questionar a outra pessoa e obter como resposta "arranharam o pássaro". Neste caso o gato não estaria preso, já que não se tem certeza do autor dos arranhões. Tampouco seria o Tópico.

Então minha dúvida é: O é o topico na frase B)? O passáro?

Tô meio confuso com essas duas frases.”

Rodrigo Giannini Artioli - Turma 113

“Bem, certamente o pássaro não pode ser o tópico se formos considerar a posição dele na oração. O sujeito gramatical é indeterminado e não há ênfase no elemento de que se fala.

Eu diria que não há tópico no caso. O pássaro seria tópico se sua posição fosse deslocada para o início da oração, chamando a atenção para aquele de quem se faz a declaração.”

Thiago Surkus Forni - Turma 113

“Na frase (a): Arranhou o pássaro, é interessante pensar que o gato, discurso expresso anteriormente, seria o tópico discursivo.

Na frase (b) Arranharam o pássaro, no qual há um termo indeterminado, fica mais difícil imaginar um tópico, mesmo que seja um discursivo expressado anteriormente. Seria uma frase sem tópico discursivo.

Desculpem está repetindo, talvez, o que a professora falou. Mas é que estou tentando entender. Eu entendi certo?”

Renata da Silva Xavier - Turma 113

“Pensa sempre na posição que fica mais fácil entender.

Se o gato pode ser o tópico da frase (a), é porque a resposta à pergunta "o que aconteceu?" pode ser "o gato arranhou o pássaro", sendo que "o gato" está posicionado antes de "arranhou o pássaro".

Já na frase (b), perguntando "o que aconteceu?", a resposta continua sendo "arranharam o pássaro", não existindo um sujeito posicionado antes da frase (b), por isso é uma frase sem tópico.

Deu pra entender?”

Estela Gomes Marinotti - Turma 113

“Levando em consideração a explicação da professora podemos concluir que a falta de juízo categórico se deve a indeterminação da situação, pois a pergunta que se conclui a respeito da afirmação é mais geral que o próprio contexto específico.

Então é possível concluir que sempre que o contexto estiver na 3ª pessoa do plural isso irá se repetir ?

Mas ainda to em duvida, se eu disser:

Mataram o patinho.

Nessa enunciação, poderia haver assim como na situação que a professora propôs, só que ao invés de um, dois gatos presos na mesma casa e aí caberia a pergunta O que eles fizeram? Resposta "Arranharam o passáro ", assim como na frase que eu propus Mataram o patinho, os mesmo dois gatos presos e a mesma situação proposta ?
O que vocês acham, não seria possível?"

Erika Araujo Pereira - Turma 113

"Acho que é possível sim, mas neste caso, o contexto é necessário.
Em "arranharam o pássaro", apesar de não aparecer na frase, fica claro que existe um sujeito específico, pela conjugação de arrANHAR na primeira pessoa.
Já em "mataram o patinho", com o contexto dos dois gatos presos na gaiola acho que existe tópicO, mas a frase solta deixa em aberto se existe ou não um sujeito.
Eu acredito que seja isso."

Estela Gomes Marinotti - Turma 113

"Erika, roubou minha hipótese
A primeira coisa q me vem a cabeça é: mas e se foram dois gatos? os dois gatos seriam os tópicos...porém o que a colega estela falou também faz sentido. Levando-se em conta que as perguntas são abertas, podemos ter diversas respostas, porém em "o que aconteceu" "arranharam o patinho" alguém ou algo arranharam o patinho, obrigatoriamente há um tópicO aí. Já em "o que aconteceu" "arranharam o patinho" não é obrigatório que dois gatos tenham arranhado o patinho, logo não é obrigatório que haja um tópicO específico. Foi isso mesmo que você pensou? ou eu e que exagerei?
Abraços"

Oriana Harumi de Lima Tanaka - Turma 113

"Erika, creio que seria possível.
Tendo-se levado em consideração a terceira pessoa do singular "arranharam o passáro", como a professora já disse, já se determina o fato de existir o constituinte tópicO, ou seja, ele, ela, o gato, enfim.
Como há ambiguidade na interpretação de "arranharam o pássaro" conforme você notou, acho que a partir do momento que se tem um constituinte tópicO, através de um contexto, por exemplo: "Os gatos estão lá dentro"; uma outra pessoa perguntaria: "e o que fizeram?" a resposta: "arranharam o pássaro".
Quer dizer, o contexto quebraria, necessariamente, a ambiguidade. (ou tenderia a isso)."

Thiago Augusto Rufino Batista - Turma 113

"Então o fato da frase possuir tópicO ou não vai depender do contexto da pergunta feita?"

Renata da Silva Xavier - Turma 113

"A princípio achei que não dependia do contexto em que a pergunta foi feita, mas agora também fiquei com dúvidas."

Kellen Queiroz Garcez Monteiro - Turma 113

"Acho que seria possível, pois assim como acontece em "Arranharam o pássaro", não temos a definição do que foi que ou quem exerce essa ação."

Kellen Queiroz Garcez Monteiro - Turma 113

Não seria de pensar que o contexto não deveria ter importância? Penso assim, pelo menos, quando tratamos de sintaxe. A frase em si deve possuir os elementos, ou ela estará incompleta e não fará sentido sintático.

No caso do "Mataram o pato" a frase se resume com sentido. Se aparecer um contexto poderíamos de fato dizer quem matou, mas a frase em si de fato tem como característica essa terceira pessoa indeterminada.

A análise com um contexto fugiria um pouco de apenas sintaxe, poderia ser algum tipo de "análise do texto", onde contexto, sintática, morfologia, semântica e outras áreas atuam juntas."

Marcus Vinicius Gamero Ohmori - Turma 113

"Fiquei aqui pensando em duas coisas:

1) Qual seria o tópico em "Quem arranhou o gato"? Depois que aprendi que a partícula enclítica do latim "ne", das frases interrogativas, devem sempre se ligar á palavra a que se "dá ênfase" na frase, costumo pensar a quem eu ligaria o "ne" para saber quem é o tópico. E, de fato, há frases em que não é possível saber a quem ele deveria se ligar. O fato é que o conceito de "tópico", que parecia relativamente claro, foi se desfazendo para mim de um jeito que parece não ter volta. Isso porque, às vezes, não se fala sobre aquilo que aparece à esquerda, necessariamente. Por exemplo:

Maria deu um beijo na boca do João? (Certo, o tópico é "Maria").

Mas...

Maria deu um BEIJO na boca do João? (O tópico continua sendo maria, pela teoria, mas isso não faz mais sentido, porque o susto se deu em relação á ação de beijar, ora!)

Marua de UM beijo na boca do João?

Maria deu um beijo NA BOCA do João?

Maria deu um beijo na boca do JOÃO?

etc.

2) (É muita piração, mas vamos lá...) Esse negócio de a gente sempre pensar que, na terceira pessoa do plural, vem sempre uma indefinição... não está ligado ao fato de sempre termos enxergado isso como o "sujeito indeterminado" da escola? Será que não se cristalizou essa noção de que, no singular, há somente omissão (s. oculto, desinencial, elíptico...), enquanto que no plural estamos diante de indeterminação? Ou o nome do sujeito indeterminado veio porque, de fato, existe uma noção de desconhecimento? Sabe aquela do "Tostines vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais? Pois é."

Fabia Alvim Leite - Turma 113

Pessoal,

Na aula de hoje a prof. falou das funções do sujeito, a saber: sujeito lógico, sujeito gramatical e sujeito psicológico.

Ela também trouxe alguns exemplos interessantes, mas um deles não consegui compreender muito bem:

Arranharam o canário

Nesta oração o canário é o paciente, logo não é sujeito por que não "pratica a ação". Sendo assim, qual é o sujeito gramatical? Podemos dizer que o sujeito é indeterminado?

Caso esta oração esteja inserida num contexto:

Os meninos brincavam no quintal quando percebi algo estranho. **Arranharam o canário.** (não está bem elaborada, mas serve de exemplo)

Neste caso, posso dizer que há um sujeito psicológico definido pelo contexto e ainda sim o sujeito permanece indefinido na frase destacada?

Muitas dúvidas..."

“Pelas minhas anotações também não consegui encontrar a resposta à isso.. mas talvez a noção de juízo categórico ajude um pouco.

Nas frases básicas (SVO), sempre é feito um juízo categórico, e por isso temos o sujeito gramatical expresso (que coincide com o sujeito lógico, o "actante").

Se invertermos a frase, teremos um tópico, e assim um juízo categórico:

O canário, arranharam.

Assim, o canário seria o sujeito psicológico, mas de qualquer forma, o verbo ainda fica com sujeito indeterminado. Não foi em um exemplo assim que a professora mostrou um quadro em que as "caixinhas" de sujeito lógico e gramatical estavam vazias?

Obs: Isso ainda não é do tópico I? Alguém poderia mover para lá? (eu não sei como se faz isso.. xD)”

“Olá!

Acho que é pela linha do que a Karina respondeu... mas não tenho muita certeza. Por exemplo: "Fruta, eu adoro melão", "Fruta" é o sujeito psicológico, mas você tem o sujeito gramatical "eu", enquanto em "canário, arranharam" (como a Karina exemplificou), você não tem um sujeito gramatical, então o verbo permanece sem o sujeito...

Nos exemplos dados pela professora estava assim:

Propriedades do "Sujeito Gramatical"

Esse canário foi arranhado pelo gato

Os cachorros foram mordidos pelo tigre

Este livro foi lido pelo João

Esse livro foi lido

Esse canário foi arranhado

? __ Foi lido pelo João

?__ Foi arranhado pelo gato

?__ Arranhou o canário

{O que aconteceu?} __ Arranharam o canário

Diferente daqui:

"Esse canário, o gato arranhou ele várias vezes"

Aqui, canário é o sujeito psicológico, e gato é o sujeito gramatical, não?

Medo de me embaranar com tudo isso..."

“Acredito que seja possível não existir um dos três 'tipos' de sujeito que aprendemos na última aula. Em Arranharam o canário, acho possível não haver mesmo um sujeito gramatical, ou então ele é o sujeito indeterminado, ou seja, "vazio" (perdão, o termo não é muito bom, mas não consegui me expressar de outra forma). Mas sendo sujeito indeterminado, isso implica que ele não está lexicalizado, ou seja, não há um termo na oração representando o sujeito. Dessa forma, vocês acham que podemos considerar como sujeito gramatical algo que não está nem lexicalizado na oração?

Quanto à sua questão, Maria Julia, em:

"Esse canário, o gato arranhou ele várias vezes"

Aqui, canário é o sujeito psicológico, e gato é o sujeito gramatical, não?

Pelo que entendi da aula, está certo sim. Canário é sujeito psicológico porque é sobre ele que se faz uma declaração, e o gato é o sujeito gramatical, que desencadeia a concordância do verbo.

E eu até arriscaria acrescentar que o gato é, além de gramatical, o sujeito lexical (lógico/"actor") também, pois é quem "pratica" a ação expressa pelo verbo. O que acham?"

“Dessa forma, vocês acham que podemos considerar como sujeito gramatical algo que não está nem lexicalizado na oração?

Então... é, de fato, não está nem lexicalizado na oração, mas existe (ou não existe rs) um sujeito indeterminado. Será que não poderíamos dizer que o sujeito gramatical é indeterminado, ao invés de dizer que ele simplesmente não existe? Não sei, honestamente... e no fim acabei respondendo à pergunta com outra, rs.

Um exemplo que a professora havia colocado é "O patinho, mataram". Na representação/divisão dos sujeitos, o espaço que seria do sujeito gramatical ficou em branco, isto é:

O patinho (sujeito psicológico), [.....] (sujeito gramatical e sujeito lógico) mataram.

Então, indo por aí, gato, da outra frase (Esse canário, o gato arranhou ele várias vezes) seria, sim, além de sujeito gramatical, sujeito lógico.”

“No caso de "arranharam o canário", temos informações sobre o sujeito gramatical: ele é uma terceira pessoa do plural. De qualquer forma, pode-se encaixar na categoria de sujeito indeterminado, ou seja, não se sabe quem é o agente da ação, é desconhecido.

Não seria, portanto, o sujeito gramatical implícito na desinência do verbo "arranharam" e o sujeito lógico inexistente, já que o actante é desconhecido?”

Tema 8: objetos diretos e objetos indiretos - definição e funcionamento: problematização

Os objetos indiretos e diretos foram o tema central nesse bloco de discussões. De modo geral, os alunos discutiram as relações gramaticais dos argumentos internos e as suas correspondências na nomenclatura da Gramatical Tradicional. As relações oblíquas e dativas foram bem questionadas pelos alunos, que apresentaram algumas orações, que foram submetidas a testes de pronominalização (substituição de constituintes por pronomes).

“Na última segunda-feira a professora nos falou a respeito das relações oblíquas e de possíveis testes para observarmos essas relações (como a substituição do objeto indireto pelo clítico "lhe", por exemplo). Foi visto que há casos em que não é possível fazer essa substituição, como em "Eu dividi o pão com eles", porém a Gramática Normativa nos diria que "com eles" se trata de objeto indireto.

Pensei que talvez o uso do pronome "lhe" seja restrito a pessoas ou seres animados em geral e equivalente à expressão "a ele (a)" (ou seja, substituindo apenas termos que sejam regidos pela preposição "a"). Além disso, o termo "eles" do exemplo em questão não seria o beneficiário da ação de dividir? Então, acredito que o que ocorre é a falta de outros clíticos dativos que substituam certos termos regidos por outras preposições (como "com eles", no caso), e não necessariamente a classificação incorreta do termo como objeto indireto.

Enfim, não sei se consegui ser clara e nem se isso faz muito sentido, mas achei importante compartilhar.”

Francine Alves Polidoro - Turma 111

“O que não ficou claro pra mim, no caso do objeto indireto, é exatamente se há alguma condição que favoreça a substituição pelo clítico dativo, por exemplo o uso da preposição 'a'.

Sobre a oração mencionada, a impressão que eu tenho é que esse "com eles" seria um *ablativo* que, obviamente, não teria nada a ver com o objeto indireto. A coisa complica um pouco porque "eles", realmente, seria o beneficiário da ação - tecnicamente quem divide, divide algo *com* alguém - mas, olhando atentamente, se retirarmos "com eles" da sentença ela não fica sem sentido: "Eu dividi o pão". Isso faria com que o verbo *dividir* necessitasse apenas de um argumento - o acusativo - e então o termo "com eles" passaria mesmo a ser o *ablativo* funcionando como *adjunto adverbial*.”

Elise de Oliveira Garcia - Turma 111

“Tenho pra mim que se retirarmos o "com eles" da frase, ela não fica sem sentido, mas me dá a impressão de que falta algo. Se me dizem "Eu dividi o pão.", automaticamente eu perguntaria para a pessoa "com quem?". Seria apenas uma reação minha?”

Carolina Simoes Romao - Turma 111

“Também tenho essa impressão de que se não acrescentarmos o "com eles", ficará "faltando algo", embora a frase ainda tenha algum sentido. Acho que é algo semelhante ao que acontece com o verbo dar, que é transitivo direto e indireto: podemos dizer "Eu dou pão aos pobres" ou "Eu dou pão", mas a primeira construção nos dá a sensação de um sentido completo, enquanto a segunda, de um sentido inacabado. Se pensarmos assim, é reforçada a ideia de que "com eles" é complemento e não adjunto.

Acho que o que está me intrigando mais é a definição de objeto indireto. Parece que usar o recurso da substituição do complemento pelo clítico "lhe", para verificar se se trata de objeto indireto, não é algo suficiente, por não abarcar termos regidos por outras preposições que não o "a".

Bom, talvez eu ainda esteja sendo um pouco confusa, mas acho que aos poucos as ideias vão ficando mais claras. “

Francine Alves Polidoro - Turma 111

“Eu acho que minha pergunta natural seria "por que você dividiu o pão?" e não "com quem" “

José Eduardo da Silva - Turma 111

“Nesse exemplo do pão, eu acho que sem o "com eles", gera até uma ambiguidade, com os seguintes sentidos:

- 1) dividi o pão (com alguém)
- 2) ao meio, em pedaços, em fatias, em cubos...”

Paula Lage Fazzio - Turma 111

“Paula, eu também tive essa sensação de ambiguidade do sentido com o exemplo "com eles”.”

Heloisa Schiavo - Turma 111

“Elise, não sei não, hein? Ablativo é mais pra instrumento, não?

Mas a dúvida de vocês realmente se infiltrou em mim. Pra mim, até chegar em casa, a diferenciação entre complemento/objeto indireto e complemento relativo tava ótima. Mas isso de 'com eles' realmente nos mostrar quem é o beneficiário da ação de divisão realmente quebrou um pouco minhas pernas e me faz começar a pensar de novo que se trata de um objeto indireto também.

No entanto, enquanto escrevia isso, lembrei da aula em que a professora falou que não podemos pensar apenas em um campo - no caso, estamos pensando apenas nas relações semânticas do predicador. Mas se pensarmos nas necessidades formais (e aí entra o negócio da substituição ou não do sintagma seguinte ao verbo por "lhe") e na atribuição de caso (objeto indireto se conformando apenas com o caso dativo), vemos que "com eles" não consegue o estatuto de objeto indireto porque não satisfaz todas as necessidades averiguadas nos testes.

Aí faço o mea culpa aqui e reviso minha análise: acho que estamos deixando nos levar demais pela semântica e igualando os verbos dar e dividir. O primeiro teria valência de 3 sim, pois precisa de um agente, de um tema/recipientes/paciente e de um beneficiário/alvo. Mas o segundo tem a mesma valência mesmo? Pensem bem... Aquele com quem se divide algo, pode ser beneficiário no campo referencial, no mundo das coisas, mas dentro da linguagem, quem divide, divide alguma coisa. Acho que a valência do verbo pode variar - porque não acredito em apenas uma configuração semântica pra cada verbo, embora não possa ignorar que existem padrões pra essa multiplicidade de valências - de 2 pra 3:

- (1) Eu dividi o pão.
- (2) Eu dividi o pão com os pobres.

Na primeira sentença, teríamos um sentido completo (não podemos ignorar a gramaticalidade e completude dessa sentença, na minha opinião). Enquanto na segunda, o que temos é uma situação enunciativa que coloca como necessários para a predicação a atribuição de papéis de agente, de tema/paciente e de uma companhia. Bah, acho que falei besteira afinal, pois ficamos com o mesmo número de valência e a única coisa que sustenta um papel de companhia, em vez de um papel de alvo para esse complemento, seria minha intuição e, talvez, eu me impressionar com o poder distintivo da preposição 'com'.

Mas de uma coisa eu não arredo: para a essa sentença, a estrutura argumental impõe a necessidade de um terceiro argumento. Ele não é apenas adjunto. Seria a mesma coisa com o verbo comer:

- (3) Eu como freqüentemente.
- (4) Eu como mamão e melancia.

Para mim, o verbo em (3) tem uma valência de 1; enquanto na sentença (4), o mesmo verbo teria a valência modificada para 2.

Fico pensando se isso poderia querer dizer que são verbos diferentes; ou, se simplesmente, um elemento contextual pode afetar a semântica, que, então desencadearia uma estrutura argumental diferente para determinado verbo.

P.S.: Desculpem se fui além da discussão posta aqui, mas os comentários nos outros tópicos me levaram a pensar de uma forma mais generalizante quanto aos rudimentos de teoria que nos foram apresentados.

Alexandre de Oliveira Sobreir - Turma 111

“[me perdoem, ainda sem acentos]

Saudações a todos!

Alexandre, posso estar fazendo uma pergunta extremamente idiota, mas farei mesmo assim rs
“(3) Eu como freqüentemente.

(4) Eu como mamão e melancia.

Para mim, o verbo em (3) tem uma valência de 1; enquanto na sentença (4), o mesmo verbo teria a valência modificada para 2.”

Voce afirma que o verbo em (4) tem valencia de 2 pelo simples fato de ter 2 elementos (mamao e melancia) que o satisfazem na oração em questao ? Me corrija se eu estiver errado.

Eu nao veria o verbo (4) como de valencia 2, pois os 2 termos usados na satisfacao do verbo pertencem aa mesma classe gramatical e exercem exatamente a mesma função na frase (obj direto). Se funcionasse assim as valencias de um verbo nao teriam NENHUM limite; imagina uma frase como "Eu como pao, bolo, banana, maça, chocolate, macarrao, pudim, mousse, açucar, canela, alface e quiabo". Seria mesmo um verbo de valencia 12 ? Ou nao deveriamos dar maior importancia aa função de cada elemento (ou grupo de elementos) na frase, ao inves de sua quantidade.

Lembrando, claro, que no caso de (3) nem teria como haver mais de um elemento, pelo menos nao na mesma função.

Seguindo isso, imagino que "comer" somente teria valencia 2 numa frase como "Eu como pao frequentemente" (o que obviamente e bastante discutivel, ja embarcando na discussao sobre o poder que um "elemento contextual" tem de alterar a semantica de um verbo, como foi levantado pela Paula)

Que me diz, meu caro?

Raul Coelho de Oliveira Araujo - Turma 111

“Será que não poderíamos dizer que a oração "eu como mamão e melancia" pode ser interpretada na verdade como duas orações com um verbo repetido e oculto:

Eu como mamão e eu como melancia. (?)”

José Eduardo da Silva - Turma 111

“Eu sinceramente acho que nao, afinal "malancia" pede um verbo (se voce disser tao somente "Melancia!", nao faz muito sentido...), que pode ser "comer", "cortar", "comprar", e assim vai... mas nao consigo ver nele (nem mesmo dentro dessa frase com o mamao) algum indicio de que ele ocultasse um verbo... Acho que temos somente 1 verbo mesmo.”

Raul Coelho de Oliveira Arauj - Turma 111

“Vou responder rápido o essencial, porque infelizmente estou atrasado pra uma aula.

Eu disse valência 2, porque tem o argumento externo também... No caso, 'Eu'. Seria então valência 2, porque o verbo NESSA sentença, requer 2 argumentos: o externo (Eu) e o interno ('mamão e melancia', um sintagma nominal composto, como seria chamado tradicionalmente).”

“Entao te interpretei completamente errado rs Realmente, o que voce diz faz sentido (agora que entendi direito)”

Raul Coelho de Oliveira Araujo - Turma 111

“José Eduardo, também pensei na pergunta do "por que você dividiu o pão?", por isso minha dúvida permanece...”

E concordo com o que o Alexandre disse sobre a necessidade de um terceiro argumento para a sentença, mas fiquei confusa com a explicação dada para a valência do verbo "comer”.

Carolina Simoes Romao - Turma 111

“Colegas,

Acho que o Alexandre fez um questionamento interessante sobre se há ou não diferença do número de valências dos verbos *comer* e *dividir*, nas sentenças apresentadas. Mas no caso da dupla de sentenças:

3. Eu como freqüentemente

4. Eu como melancia e mamão

Acredito que apesar das valências dos verbos serem diferentes não significa que eles "sejam diferentes" como você mencionou Alexandre. Eu pensaria na frase

5. Eu como melancia.

Ela teria o mesmo número de valências que (3) certo ? Mas acho que ele tem conceito completamente diferente de "freqüentemente" no que diz respeito a uma frase com sentido completo. Em 5 eu penso: Por que come melancia?, Com que freqüência come melancia? Quanta melancia você come? ou até mesmo : Por que você está dizendo para mim que come melancia? (rs rs) esta seria uma indicação, ao meu ver, que um elemento contextual pode afetar a semântica desencadeando uma estrutura argumental diferente para determinado verbo.

Ainda sobre a questão da influência do contexto sobre o argumento , acredito que na minha "visão de mundo" que poderia chamar aqui (de forma arbitrária) de "meu contexto próprio" eu nunca iria pensar na frase

1. Eu dividi o pão

Que o argumento "pão" poderia vir acompanhado de " em cubos, pedaços, fatias..." assim como a Paula comentou.

Certamente pensaria em "com quem". Com isso há mais uma evidência de que o contexto, no caso o "meu contexto próprio" influencia na interpretação da frase.”

Paula de Paula Machad - Turma 111

“Olá pessoal,

Fiquei com duvidas também, mas aquilo que a Paula falou fez sentido para mim, cito: "...um elemento contextual pode afetar a semântica desencadeando uma estrutura argumental diferente para determinado verbo”.

Quando vejo as sentenças: "Eu dividi o pão" e "eu dividi o pão com eles" sinto que se trata de um mesmo verbo, entretanto, na segunda sentença o "com eles" cabe na estrutura argumental definida pelo predicador, mas não é imprescindível ao ponto de não fazer sentido em português caso seja suprimido. Tanto uma como a outra me parecem possíveis, sendo que na segunda, "com eles" funciona como algo mais que um adjunto adverbial...é como se ocupasse um espaço que o verbo dá, ou seja, algo que o predicador permite.

Para mim, seria possível pensar no argumento pão acompanhado de "em cubos, pedaços, etc" dependendo da acepção em que se toma o verbo dividir. Se dividir está tomado num sentido de compartilhar, eu penso: dividir com, mas se está tomado no sentido de separar em partes, eu penso: dividir em. Acho que além de mostrar o quanto o contexto influencia na estrutura

argumental, isso mostra o quanto o sentido da raiz de um verbo acarretará na sua estrutura. A ação do verbo está também na raiz, junto do significado, conforme a professora explicou na segunda aula e que agora faz muito mais sentido para mim.”

Mariana Araujo Braga - Turma 111

“Colegas,

Concordo plenamente com a Paula que elementos contextuais, incluindo o meu próprio contexto, podem afetar a semântica e gerar interpretações diferentes para determinados verbos.

Ainda com os exemplos:

(1) *Eu dividi o pão.*

(2) *Eu dividi o pão com eles.*

vejo o "com eles" como um complemento que é permitido pelo predicador, mas que não é necessariamente indispensável, isto é, dentro de um contexto em que eu saiba quem são esses "eles". Agora se eu simplesmente chego e declaro "Eu dividi o pão", nada mais natural do que o meu interlocutor perguntar com quem eu dividi o pão. Agora, não vejo tão imediatamente a pergunta "Como você dividiu o pão"...alguém pode perguntar, mas não é a informação mais importante. Assim como a Mariana concordo que algumas perguntas são permitidas pelo predicador de acordo com a aceitação adotada pelos falantes para tal verbo.

Bom, é isso.

Dayana Cristina Domingos da Silva - Turma 111

“A minha interpretação, Paula, vai muito ao encontro do que a Mariana disse, exceto pelo fato de que eu acho sim, que naquele frase (Eu dividi o pão com eles), o 'com eles' é um argumento legítimo e não algo entre o adjunto e o complemento.

Mas voltando à sua interpretação, eu discordo de você: o que eu quis dizer com meus exemplos é que 'Eu como melancia e mamão' (ou mesmo 'Eu como melancia', já que a valência é a mesma, pois o número de argumentos internos é o mesmo, ou seja, um, o que é múltiplo é o número de elementos que compõe o sintagma nominal que corresponde ao argumento interno) não tem a mesma valência de 'Eu como frequentemente'.

'Eu como frequentemente' tem valência 1, na minha análise: seria um predicador verbal que seleciona, nesse contexto (segundo o que eu e a outra Paula vimos tratando como um desencadeamento contextual na semântica do verbo), apenas um argumento externo (o 'Eu'). O frequentemente aqui é, para mim, um adjunto - o que eu cria ser de comum acordo.

Já em 'Eu como melancia' (ou a frase com sintagma nominal composto como complemento) temos dois argumentos sendo selecionados pelo predicador verbal: o externo (seja o mesmo sujeito 'Eu') e o interno (um complemento direto, 'melancia'). A valência é diferente, portanto...

Eu tinha ficado meio relutante e até demonstrei dúvida quanto ao meu uso de 'contexto' como motivador dessa minha hipótese de valência variável pro mesmo verbo (pra qual a alternativa que eu tinha pensado seria considerar dois verbos diferentes, o que me parece não ganhou apoio de ninguém rs), justamente porque 'contexto' é uma noção meio complicada de se tratar em Linguística e, até agora, não vi nenhum uso muito abrangente do conceito na Teoria Gerativista (ou mais especificamente pela Teoria Sintática). Acho que essa problemática vem justamente da abertura que o conceito dá pra análises que comecem a levar em conta posturas como a sua, Paula: de analisar a língua em conformação com algo que não traz muita generalização pra teoria, que seria esse 'seu contexto próprio'.

Alexandre de Oliveira Sobreiro - Turma 111

“Eu concordo com várias coisas que você disse, Alexandre. "Eu como frequentemente" sendo de valência 1 (+ adj. adv.), e "Eu como melancia", de valência 2. Não acho, porém, que seja um caso de verbos distintos, mas, sim, de *modos distintos de um mesmo verbo*, algo como diferentes

formas valenciais em um mesmo verbo; e que podemos testemunhar até mesmo nas várias explicações para um mesmo vocábulo em uma entrada qualquer de um dicionário. Existem verbos em grego, como *aphairéomai* -- "alguém (nom.) tirar algo (ac.) de alguém (gen.)", ou ainda apenas "alguém (nom.) reivindicar algo (ac.)" --, que podem ser tanto bivalentes quanto trivalentes, conforme a intenção do sujeito exigir, semanticamente, e isso se traduzir, logo em seguida, em performance sintática.

Quanto ao "contexto próprio" da Paula, não acho que seja assim rechaçável, porque você, Alexandre, achou que ela estava dizendo uma coisa, ao passo, que acho que ela estava se referindo a outra. Você contestou, pelo que entendi, a abordagem contextual referente à teoria das diferentes valências para um mesmo verbo; porém, acho que a Paula estava tratando, na verdade, daquelas típicas "perguntas cabíveis" frente a predicadores com múltipla acepção valencial, entende? Não acho que ela estava tentando desvendar os segredos do mundo das valências pelo viés do "contexto próprio", mas sim afirmando que, quando há ambiguidade, há chances das pessoas interpretarem qual seria a pergunta mais adequada a partir de suas subjetividades ou lógicas particulares, o que é algo que a própria professora ilustrou na aula passada com algumas frases (as quais eu não me recordo exatamente, mas acho que vocês sabem do que eu estou falando)."

Pedro Barbieri Antunes - Turma 111

"Concordo contigo, Pedro: tratar-se de "modos distintos de um mesmo verbo" e não de verbos diferentes. E acho que é aí, também, que surge a idéia de contexto: os verbos se adaptam para abarcar diferentes contextos."

Fabiana Maximiano da Silva - Turma 111
